



Novo Ministério ou nova crise?

Menos de 24 horas antes de tomar posse, o Quinto Governo é precedido por um «documento» que o perturba, indiscutivelmente, na arrancada para a acção. Trata-se de um texto crítico e de uma plataforma política proposta pelos chamados «não radicais»: Melo Antunes, Vítor Crespo e Vítor Alves e Sousa e Castro, mas onde se apoiam opiniões mais extremadas como se conclui pela presença, no grupo dos signatários, do major Aventino Teixeira.

O «documento» não apoiado por Otelo Saraiva de Carvalho, segundo comunicado nocturno do COPCON e condenado como divisionista em comunicado matutino do Directorio, surge como um prefácio de crise político-militar que daqui em diante será a área de controvérsia da linha e da profundidade de acção governamental. A proposta contestatária terão aderido, entre outros oficiais, dois comandantes de regiões militares — os brigadeiros Franco Charais e Pizarat Correia — e, facto igualmente significativo, ela vem em cima, ainda que indirectamente, da moção do Q. P. da Região Militar do Norte, Centro, Norte e Sul, em termos de estruturação administrativa militar, têm assim presença em destaque nos acontecimentos.

A própria fórmula governamental parece também prejudicada por si mesma e de algum modo comprometida, pela recusa de Otelo Saraiva de Carvalho a assumir o cargo de Vice-Primeiro-Ministro. Com efeito, Otelo sublinhou com grande veemência a disparidade hierárquica, no aparelho de Estado, dos membros do triunvirato a que a Assembleia do M. F. A. entendia dever ser confiada a direcção política do País.

Restava a hipótese de dar ao prof. Teixeira Ribeiro a nomeação de outro ou outros parceiros militares, e avançou-se um nome: o do major Arnão Metelo. Mas poderá Arnão Metelo assegurar no Governo a presença do COPCON nas decisões da administração central? E esse é um dos pontos-base para uma acção

Continua na pág. 20

FINALMENTE O V GOVERNO

Ao princípio da tarde tomou posse no Palácio de Belém o V Governo Provisório, presidido, à semelhança dos três anteriores, pelo general Vasco Gonçalves, assessorado por um vice-primeiro-ministro civil, prof. José Joaquim Teixeira Ribeiro, e outro militar, tenente-coronel Arnão Metelo.

O novo Governo é constituído ainda pelas seguintes individualidades: major Campos Moura, ministro da Administração Interna; desembargador dr. Joaquim da Rocha e Cunha, ministro da Justiça; dr. Mário Rui-

vo, ministro dos Negócios Estrangeiros; eng. Henrique de Oliveira e Sá, ministro do Equipamento Social e do Ambiente e interino dos Transportes e Comunicações; dr. Domingos Lopes, ministro do Comércio Externo; dr. Manuel Luís Macaísta Malheiros, ministro do Comércio Interno; capitão-tenente eng. Quitério de Brito, ministro da Indústria e Tecnologia; e prof. Francisco Pereira de Moura, ministro dos Assuntos Sociais, isto no que toca a pastas providas diferentemente do Gabinete anterior.

Quanto aos ministros que permanecem nas funções que tinham no IV Governo, são elas o dr. Mário Murteira, ministro para o Planeamento e Coordenação Económica; eng. José Joaquim Fragoso, ministro das Finanças; eng. Fernando Oliveira Baptista, ministro da Agricultura e Pescas; major Costa Martins, ministro do Trabalho; capitão-de-mar-e-guerra Silvano Ribeiro, ministro da Defesa; major José Emilio da Silva, ministro da Educação; e capitão-de-fragata Jorge Correia Jesuino, ministro

Continua na pág. 20



MADRID:

reunião de militares
causa graves expectativas

Pág. 13

GOLPE ABORTADO

Avisos sobre um golpe de Estado em Portugal

chegam de Londres ("The Guardian") e referem que a operação viria na sequência da tentativa militar de Julho

PÁG. 5

BOMBARRAL CERCADO

BOMBARRAL, 8 — A hora de fecharmos o jornal, a vila do Bombarral encontra-se praticamente cercada por forças militares do R.I.5 das Caldas da Rainha que estabeleceram barreiras em todas as estradas de acesso à vila e fiscalizam rigorosamente todas as viaturas que para ela se dirigem. Entretanto, engrossa de minuto a minuto a multidão algemada em frente dos Paços do Concelho, prevendo-se novos incidentes para esta tarde.

Como noticiámos ontem, por volta das 17 horas do dia 6, um numeroso grupo de manifestantes conseguiu que os elementos das forças militares incumbidas de guardar o edifício da Câmara abrissem o portão principal e, uma vez no interior do edifício, exigiu a imediata demissão da Comissão Administrativa. Face a esta exigência e perante os descalços que continuavam a verificar-se na vila, os militares cederam e «sanearam» a comissão admi-

nistrativa, conseguindo, assim, que os manifestantes abandonassem o edifício e que os ânimos serenassem. Soube-se ontem, porém, que a comissão, ou por iniciativa própria, ou por decisão do governador civil do distrito de Leiria, não aceitava o «saneamento» decidido pelos militares por entender que estas decisões são de exclusiva competência do governador civil. Assim que a notícia se tornou conhecida, voltaram a formar-se grupos nas ruas e a vila voltou a viver em estado de tensão sendo de admitir que se começou a planear imediatamente uma nova manifestação para hoje.

Ontem à tarde, grupos de pessoas percorriam a vila discutindo alto, em tom exaltado, e exigindo a demissão da comissão administrativa. Um grupo de manifestantes pegou fogo, na rua, aos exemplares dos jornais da tarde que chegaram

Continua na pág. 8

PAGE 12 Workers Press, Friday August 1, 1975

workers press

Registered as a newspaper at the Post Office. Published by Workers Press, 104, Cannon Street, London, E.C.4. Telephone: 01-402 7079. Telex: 10407. Cable: 10407. Telegrams: 10407.

CIA operatives in Portugal exposed

BY JACK GALE

The American Central Intelligence Agency is working for a Chile-style solution to the Portuguese revolution, says former CIA agent Philip Agee in a letter to the Portuguese People released today.

Agee lists the names and addresses of nine CIA agents in Portugal but claims that many more are active in the Military Assistance Advisory Group, the office of the Defence Attache, and the COMUSMACV Command of NATO.

Speaking with a wide knowledge of CIA activities in Latin America, Agee has been an author of political assassinations, bombings and subversive activity in the Catholic Church, backed by the

Agee says the CIA's main purpose is to maintain friendly relations and offers to give financial support with leaders of moderate opposition political parties and to spread subversion in the

Agee says the CIA's main purpose is to maintain friendly relations and offers to give financial support with leaders of moderate opposition political parties and to spread subversion in the

C.I.A. EM PORTUGAL QUEM É QUEM E ONDE ESTÁ AQUI

A C. I. A. esforça-se neste momento por arranjar «uma solução chilena para a Revolução Portuguesa» — assevera o seu antigo agente Philip Agee numa «Carta ao Povo de Portugal» tornada pública no passado dia 1.

Agee inclui na «carta» uma lista sumária de agentes da Central Intelligence Agency que operariam no nosso país, mas acrescenta haver vários outros, e mais activos, no M. A. A. Military Assistance Advisory Group, espécie de gabinete do apoio militar junto da Embaixada norte-americana, e também no Comiberlant.

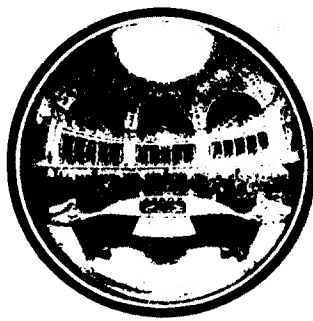
Segundo Agee, o responsável da C. I. A. em Portugal é um tal sr. John S. Morgan, que esteve colocado no Brasil (1966-1969) e no Uruguai (1970-1973). Morgan vive no Estoril.

O ex-agente é de opinião que grupos de extrema-direita idênticos aos que se revelaram naqueles dois países sul-ame-

ricanos podem vir a operar em Portugal. Outra informação: funcionários da C. I. A. colocados em Londres, Paris e Madrid têm interferência nos assuntos portugueses.

Continua na pág. 20

20 PÁGINAS



ASSEMBLEIA
CONSTITUINTE

PROÍBIDO CHAMAR "FASCISTA" A FREITAS DO AMARAL

Quando se assiste em todo o País a uma escalada da reacção que pretende criar uma situação de instabilidade, atemorizar as populações e isolar e fazer recuar os democratas mais conscientes e combativos; quando o que está em perigo não é apenas a defesa de este ou daquele partido, mas a própria sobrevivência da democracia e da defesa das conquistas revolucionárias do povo português, é particularmente grave que um dirigente do Partido Socialista desvie a verdadeira responsabilidade criminosa pela onda de violência reaccionária e, numa inqualificável atitude de sectarismo primário, perdendo de vista o verdadeiro inimigo do povo português, responsabilizando organizações políticas como o M.D.P./C.D.E., que têm estado sempre na primeira linha de defesa da democracia», salienta um comunicado dos deputados daquele partido que abandonaram há três dias a Constituinte, na altura das declarações de Lopes Cardoso, e ainda lá não voltaram.

Segundo conseguimos apurar os representantes do M.D.P. decidiram não comparecer, como medida de protesto durante esta semana, e o comunicado acima transcrito traduz de certo modo as razões dessa decisão.

ATAQUE A VASCO GONÇALVES

Um ataque cerrado do deputado do P.S., João Gomes — ex-chefe de Redacção do «República» — à acção governativa e figura política de Vasco Gonçalves foi um dos momentos significativos da sessão de ontem.

Aplaudido no final, de pé, pelos deputados do C.D.S.,

do P.P.D. e do P.S., João Gomes, responsável pela divulgação entre nós, e em França, do famoso documento Pomonarev (considerado falso pelo Le Monde) sugeriu um plebiscito como forma de conhecer a propósito, o pensamento e a vontade do povo português.

Outro episódio revelador do funcionamento da Constituinte ocorreu com a saída do representante da U.D.P., após o presidente da mesa lhe ter cortado a palavra. Américo Duarte insistia em chamar «fascista» a Freitas do Amaral. Este exigiu que tais palavras fossem retiradas pelo seu autor. Tal não aconteceu e Henrique de Barros retirou-lhe a palavra. O deputado da U.D.P. abandonou a sala, tendo mais tarde enviado um documento justificativo que o presidente não divulgou devido aos termos insultuosos em que se encontrava redigido.

O deputado da U.D.P. abordou ainda antes da ordem do dia diversos problemas do campesinato, tendo a propósito atacado o P.S. e o P.C.P., e o Crédito Agrícola. Referiu-se ainda aos preços do vinho tendo requerido que o Governo o informe de qual o preço do vinho que exportamos para a União Soviética.

Entretanto por 130 votos a favor (P.S., P.C.P. e C.D.S.), contra 80 (P.P.D. e U.D.P.) foi aprovado o artigo 1.º da futura constituição, que será do seguinte teor: «Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular e empenhada na sua transformação numa sociedade sem classes».

Foram aprovados ainda os artigos 2.º e 3.º.

De ontem para hoje SARDINHA AO MAR!

Ninguém a queria comprar, mesmo a 2500 o quilo, e então o mestre não teve outro remédio senão mandar deitá-la pela borda fora. Sete toneladas de sardinha!

Podíamos estar a inventar esta história mas a verdade é que sucedeu, sucedeu ontem em Setúbal, porque por vezes a ficção é mais real que a realidade. O mestre chama-se Sérgio. Desiludido da vida.

A sardinha havia sido pescada pela traineira «Estrela do Mar», da praça de Sines, e uma enviada (pequeno barco a motor, tipo furgoneta costeira) trouxe-a para Setúbal, encostando ao batelão da lota. Ai aconteceu o insólito: era tanto o peixe, tão raros os interessados, que o mestre Sérgio andou por lá a dar sardinha à Casa do Gaio, ao rancho do Regimento de Infantaria, a populares que, um ou outro sempre esticavam a mão para a pechincha. O mestre pedia 2500 por quilo. Nada! E nada porque? Porque os fabricantes de conservas não estavam interessados e porque para consumo — palavras de Sérgio ao nosso colega «Diário de Notícias» — «só interessa quando o público paga a dezoito, vinte ou vinte e cinco escudos...»

Tire o leitor a lição, evidente, desta sardinha ao mar.

DOIS MORTOS NA ESTRADA

Dois mortos e cinco feridos é o balanço de um desastre de viação que envolveu ontem perto de Braga, na recta do Estirão de Cabanelas, um automóvel de matrícula francesa, uma motoreta e duas bicicletas. Em poucas palavras relate-mo-lo. O carro tentava ultrapas-

sar as bicicletas quando surgiu a motoreta; embateram de frente, o motoretista foi projectado a mais de 20 metros, o carro por sua vez ficou desguarnecido e rodou de qualquer maneira quase 60, indo enfiar-se num carvalho. Mortos: o automobilista, Carlos Cunha e Silva, de 27 anos, emigrante, e o motoretista, João Fernandes Soares, de 23, residente no lugar do Picoto (Barcelos). Como

dissemos, há ainda cinco feridos, um deles no hospital portuense de S. João e quatro no de S. Marcos, em Braga. Estes seguiam no automóvel.

A AVENTURA DO MENINO

Mesmo sem nomes, aqui vai outra história de tom diferente. Na Rua Palmeira, em Lisboa, três homens mascarados entraram no n.º 15 depois de ameaçarem com uma arma a porteira. Então um menino, filho do dono da casa, acorreu ao reboliço, viu os mascarados e, com o susto, pôs-se a gritar, a gritar, a gritar de tal modo que os três intrusos perderam as estribeiras e «cavaram» rapidamente para um carro que os esperava. Leitor, leitora: o seu filho tem bons pulmões?

A TERRA FIRME

A meio da tarde de ontem foi registado em Portugal mais um sismo. Eram 16 horas 31 minutos e 27 segundos em ponto (pela hora de Lisboa) quando a terra tremeu e desatou algum pânico nas zonas da Estrela, e da Graça, pontos altos.

Abalo de curta duração, fraco. Epicentro possível: próximo de Málaga.

SANEAMENTO

Mais saneamentos na função pública

— Américo da Silva Ferreira, contínuo de 1.ª classe da Faculdade de Engenharia do Porto era informador da PIDE;

— Casimiro Alves Pereira, ajudante de conservador da Faculdade de Medicina da mesma cidade: idem, por dinheiro;

— Francisco das Neves Zilhão Cruz, funcionário da Secretaria de Estado do Emprego: afastamento por conveniência de serviço.

Era um podre, um podre país...

RUSGAS

Indivíduos que se dedicam à prática de actos sexuais considerados atentatórios da moral pública e drogados, são objecto das sucessivas rusgas nocturnas que a P.S.P. e a G.N.R. vêm efectuando nas praças da Costa da Caparica, até à Fonte da Telha.

Na rusga de ontem foram presos alguns menores

MAIS QUATRO AFRICANOS MORTOS NA FRONTEIRA RODÉSIA-MOÇAMBIQUE

Espectaculares manobras militares na África do Sul

LOURENÇO MARQUES, 8 — Por (César de Sá) — As forças armadas rodésianas abateram a tiro quatro africanos, que tentaram atravessar para Moçambique, na zona do recolher obrigatório, que vigora ao longo de toda a fronteira com a Rodésia. Os jovens pretendiam atravessar a fronteira para, à semelhança de centenas de outros, se juntarem às forças nacionalistas do Zimbábue que lutam pela libertação do país.

Esta acção repressiva segue-se à recente decisão de que fossem abatidos todos os elementos das populações que tentassem fugir da Rodésia para território moçambicano. Dentro desta tentativa de controlo do povo o Governo de Smith tomou idêntica decisão nas fronteiras com o Botsuana onde também vigora desde o meio da semana um recolher obrigatório e uma «terra de ninguém» permanentemente

patrulhada.

As medidas agora tomadas por Salisbury ocorrem precisamente na altura em que foi revelado que a África do Sul irá retirar de território rodésiano todas as suas forças, deixando contudo material de guerra do mais sofisticado o qual inclui jactos, tanques, helicópteros e mísseis. Esta retirada parece enquadrar-se dentro do esquema de acção sul-africano que, como cabeça de ponte do imperialismo na África Austral, pretende numa manobra demagógica sacrificar o regime de Ian Smith, apesar de lhe ter prometido todo o apoio em vários outros domínios.

É dentro deste pacto que Ian Smith se irá reunir em Pretória este fim de semana com o primeiro-ministro sul-africano John Vorster. Desconhecem-se pormenores do encontro, mas observadores políticos dão como certo que as conversações

irão debater o problema da Rodésia, a conferência constitucional com o Conselho Nacional Africano do Zimbábue e a recente independência da República Popular de Moçambique.

Enquanto isso e numa patente manifestação de força bélica a África do Sul vai iniciar no princípio da próxima semana operações militares em grande escala, que se vão desenrolar na costa oriental, entre Port Elizabeth e a fronteira moçambicana do Maputo e para o interior até ao rio Orange. Estes exercícios militares em que participarão unidades do exército aviação e marinha são, segundo revela um comunicado das Forças Armadas daquele país, os maiores até agora realizados na África do Sul e enquadram-se nos exercícios antiguerilha daquele país.

No comunicado da Força de Defesa da África do Sul, afir-

ma-se que a operação a realizar, de nome «Span Saam» é baseada na possibilidade de estados vizinhos que se mantêm neutrais nas suas relações com a África do Sul, permitirem que os seus territórios sejam uma base de apoio aos movimentos nacionalistas que operam na África do Sul e Namíbia. Esta alusão é directamente dirigida à República Popular de Moçambique, cujo partido e Governo já afirmaram, apoiar, em princípio, os movimentos de libertação da Namíbia, África do Sul e Zimbábue.

Arnaldo de Matos em Vila Viçosa

VILA VIÇOSA, 8 — Sobre o tema central «A actual crise política e o papel dos órgãos da vontade popular no avanço da revolução», o Movimento Reorganizador do Partido do Proletariado (M.R.P.P.) promovia hoje, no cine-teatro local, um comício no qual o partido maoísta exporá a sua linha política à população da localidade.

De acordo com uma informação da Comissão de Imprensa do Comité Central do M.R.P.P., estará presente nesse comício o secretário-geral, Arnaldo Matos.

A crise política actual (que passa pelo documento dos não-radicalis), o Governo provisório anunciado, já considerado por Arnaldo Matos, «um nado-moroto», as formas de organização da classe operária, o perigo «de um golpe fascista ou de um golpe social-fascista», a situação «do partido social-fascista do ministro Barreirinhas Cunha», serão objecto da intervenção do secretário-geral do M.R.P.P. — informará ainda a Comissão de Imprensa da organização.

VOLVO AUTO-SUECO, LDA.

Em S. João da Talha (Sacavém) o pessoal das nossas oficinas não está de férias, mas quase. De 4 a 31 de Agosto fica apenas uma equipa de prevenção para os casos mais urgentes. Se neste período tiver necessidade dos nossos serviços agradecemos recorra às nossas outras oficinas de Leiria, Coimbra ou Porto, para o caso de veículos pesados, e às nossas oficinas da Rua José Estêvão, em Lisboa, para automóveis ligeiros.

FICAMOS GRATOS PELA SUA BOA VONTADE

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

4.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua da República Peruana, Alto dos Moinhos, Quinta dos Soeiros (parte) e imediações. (Das 8 às 12 h.).

5.º Sector — Trav. da Boa-Hora 1 a 11 e de 4 a 12, e Trav. da Água de Flor de 1 a 21 e de 4 a 16. (Das 8 às 12 h.).

6.º Sector — Rua Áurea 199 a 249 (das 8 às 12 h.).

9.º Sector — Rua Jacinto Nunes, Alto Varejão, Quinta dos Peixinhos e imediações. (Das 8 às 12 h.).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras:** Amadora (parte), Moinho Funcheiras, Presa. (das 8 às 14 h.).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais:** S. Pedro do Estoril: Rua Sacadura Cabral, R. 5 de Outubro, R. Nunes dos Santos, Av.ª Marginal, imediações da Colónia Baineira (das 8 às 14 h.).

PA-REDE: R. 3 de Maio, R. Teófilo Braga, Av.ª dos Príncipes, R. Almirante Nunes da Mata, R. da Vigia e imediações. (Das 8 às 14 h.).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Venda Seca: Estrada Nacional 250/1 e imediações. (Das 8 às 14 h.).

MARTINS: CASAS DE MEM MARTINS E MERCES: Estrada de Mem Martins, Praceta Marechal Craveiro Lopes, Caminho do Rio, R. de Angola, R. Padre Andrade, R. de Macau, R. de Oliveira, Travessa de Fanares, R. Camilo Castelo Branco, R. do Rio da Azenha, R. de Moçambique, R. da Azenha, R. de Cima de Fanares, R. das Hortas de Fanares, R. da Índia Portuguesa, Praceta de Goa, Praceta de Damão, Av.ª da Bela Vista e imediações. (Das 8 às 14 h.).

Av.ª Almirante Gago Coutinho, R. dos Lirios, Av. Chaby Pinheiro e imediações. (Das 8 às 14 h.).

Pedra Furada, Anços, Negrals, Santa Eulália. (Das 8 às 14 h.).

4.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Vale do Inferno, Carapinheira, Gradil lado Sul (das 8 às 14 h.).

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca de Xira:** Bairro Vale de Ranais e imediações. (Das 8 às 14 h.).

Estrada Nacional N.º 10, Bairro Santo António, Estrada de A-dos-Loucos (parte), Estrada Arruda dos Vinhos (parte), Estrada Subterra (parte), R.ª da Condição, Quinta do Hortinho e imediações (das 8 às 14 h.).

ALHANDRA: Largo do Castelo, R. do Ultramar, R. do Cônego Joaquim Maria P. Botto, Av.ª Afonso de Albuquerque, R. Marques Rio Maior e imediações. (Das 8 às 14 h.).

post scriptum

O problema da água

Tanto se fala no problema da água e «nada se faz» para evitar desperdícios. Digo «nada se faz» porque uma senhora, por volta das 20 h. do dia 31 telefonou para a EPAL a informar que na Praça do Chile, estava uma boca de rega a verter água 24 horas por dia e, apesar disso, está tudo na mesma...

Na Rua António Carrilho, a menos de 100 m. do bebedouro, há mais duas bocas nas mesmas condições, mas isto ainda não é tudo.

Afinal, há excesso ou falta de água?

Fernando Lebre, Lisboa

O medo da vida

Em viagem pelo norte do País deparei com o mesmo espectáculo de sempre: os camponeses alquebrados de trabalho, os rostos marcados por séculos de medo ancestral, as mesmas expressões reveladoras da mais absoluta ignorância de causa e os mesmos caciques donos dos comércios locais e outros meios de produção, já que trabalhar não é com eles. Exploram o «negócio», isto é, exploram o povo.

Há também quem considere este espectáculo típico, bucólico, folclórico e popular. Eu, não. Para mim, aquilo é miséria material e intelectual.

Isto que vi explica, do ponto de vista material, que para eles não mudou nada com o 25 de Abril, como lá se diz. Do ponto de vista intelectual o mesmo já não acontece, pois há populações que até estão pior materialmente e trabalham mais ainda, mas o seu objectivo já é outro e a confiança no futuro mostra que para eles alguma coisa mudou e valerá a pena o sacrifício.

Ora cá na cidade alguma coisa também mudou e bem. Entremos numa secção de «trabalho» (?) das grandes companhias de serviços ou repartições e vejamos o que acontece nestes templos de palavreado, porque aqui o espectáculo é outro. Entre colunas de mármore, no conforto das alcatifas e do ar condicionado deparamos, nem mais nem menos com autênticos comícios ou alegres cavaqueiras sobre o fim de semana ou outra qualquer futilidade, rostos com expressão bem diferente, de gente que trabalha meia dúzia de horas diárias e ganha já um ordenado razoável.

Como explicar, pois, o medo cismático e supersticioso das novas ideias e formas de organização de trabalho e de sociedade, insidiosamente tratadas por comunistas, que se instalou nestas populações rurais, e urbanas mesmo, do norte do país?

Como explicar o comportamento desordenado e violento destas gentes, agindo como se se tratasse de vencer e expulsar o dragão do mal ou o próprio sata-nás em pessoa?

Certamente que a ignorância de causa por si só não basta para explicar o medo de uma coisa para eles abstracta, ou seja a organização da sociedade sem classes e o fim da exploração do homem pelo homem, já que sempre viveram explorados e desconhecem que a sociedade possa vir a ser organizada em moldes de justiça social.

A causa iremos encontrá-la no medo, sim, mas no medo concreto da perda dos privilégios de algumas classes sociais, como esses caciques e médio-burgueses parasitas que não se conformam que as classes pobres e exploradas também possam vir algum dia a ter férias e direito à assistência social que sempre lhes foi negada em favor dos luxos e passeatas da burguesia. Encontramos também explicação para o pretexto bem orquestrado de manter as «tradições» populares, a mais cínica e despidorada desculpa para manter o povo na ignorância e na exploração.

Isto tem de ser combatido com medidas concretas em toda a parte. Não se podem confundir aqueles que manipulam consciente e criminosamente o povo oprimido e explorado com aqueles que participam em actos de violência contra os seus próprios interesses apenas por incapacidade de compreenderem a razão dos actos que praticam.

Há que esclarecer concretamente se os que dizem que não estão com o M. F. A. são os que continuam a ser explorados ou se são aqueles que querem continuar a explorar. Há que dar este esclarecimento urgentemente porque se são os que continuam explorados é preciso fazer alguma coisa concreta para lhes provar que não têm razão para deixar de estar com o M. F. A. se são os que querem continuar a explorar, há que provar-lhes claramente que o M. F. A. também não está com eles nem lhes permitirá continuar a exploração e a manter os seus luxos à custa do povo trabalhador.

António Manuel Pereira — Monte Estoril

Trabalhar e estudar

O abaixo assinado é leitor assíduo desse jornal e trabalhador-estudante.

Através desta carta venho dar conhecimento a Vexa. do procedimento do M.E.I.C. em relação aos alunos que se apresentaram simultaneamente a exame dos cursos geral e complementar dos liceus.

Tendo-me apresentado a exame às disciplinas de Matemática, Físico-Química e Ciências Naturais do C.G. e Introdução à Política do C.C., vi esta última dada sem efeito em virtude de reprovação em Ciências, apesar de na referida disciplina de I. à Política ter obtido uma classificação de 15 valores.

Eis uma boa oportunidade de o M.E.I.C. demonstrar mais uma vez o interesse que lhe merecem os casos dos trabalhadores-estudantes decretando o congelamento das classificações das disciplinas do C.C., até à realização dos exames da 2.ª época, em Setembro próximo.

Seria uma medida muito apreciada pelos T. estudantes que, tendo trabalhado duplamente, em vez de fazerem demagogia ao longo do ano, trabalharam, repito, por um Portugal Novo sem aquela burocracia que o Estado Corporativo-Fascista usava e abusava para retardar o acesso dos que pretendiam lutar por um futuro melhor.

José Duarte — Lisboa

O PROBLEMA DO "APARELHO DE ESTADO"

Por FERNANDO PITEIRA SANTOS

Não há frase revolucionária, não existe magia verbal, que resolva os problemas reais do País e do Povo. Não basta afirmar que se estará sempre ao lado dos trabalhadores. Não se avança, no caminho das soluções concretas, culpabilizando incoerentemente o aparelho de Estado, a burocracia, as estruturas dos serviços administrativos. Ninguém contesta que o aparelho de Estado herdado do fascismo, é pesado, opressor, pralísante. Mesmo nas democracias de modelo ocidental, o «aparelho de Estado» é sempre de sua própria natureza conservantista. Experiências socialistas houve que estiolaram, ou foram asfixiadas, nas estruturas burocráticas que desumanizam o poder e o distanciam da vida real das massas populares e mesmo dos concretos interesses da classe operária.

Mas — atenção! — não se poderá, em nome da directa manifestação da base, perder de vista a perspectiva global do movimento de transformação revolucionária de uma sociedade, a perspectiva nacional e histórica da actividade revolucionária em cada fase e em cada momento da acção. Nenhuma revolução se poderá realizar fora de um quadro nacional e muito menos esquecendo toda a complexidade nacional dos problemas conjunturais e estruturais aos quais im-

porta dar solução num tempo histórico bem determinado. A vida política terá que obedecer a um calendário. É datada; tem prazos. E a administração não pode esperar, nem suportar improvisações. As improvisações resultam caras. A convergência das transformações que se operarem em diferentes áreas regionais, implica a existência de um plano nacional determinado segundo coordenadas históricas, políticas e geográficas.

Não se esqueça que a Revolução Portuguesa não vive de ser proclamada, reafirmada. Depende, numa luta de vida e de morte, do combate em curso entre o campo revolucionário e o campo contra-revolucionário. Neste combate contraditório e longo, a conquista do aparelho de Estado, o seu domínio e controlo, precede, necessariamente, a construção de um novo aparelho de Estado. Porque a sorte da Revolução — com maiúscula — depende da marcha, com boa velocidade e suficiente rendibilidade, da máquina-do-Estado. Se o aparelho-de-Estado — mesmo a níveis burocráticos elementares não funciona, a Revolução — está ameaçada na sua carne e no seu sangue. E não serão os discursos revolucionários eloquentes, convenientes, empolgantes que poderão substituir o ramerrão das secretarias e a banalidade da

percepção dos impostos.

Disso vive o País. Disso viverá a Revolução. É a frase revolucionária — não tem forças, nem magia, para substituir, validamente, o andamento «burocrático» — e burocratizante, ninguém o esconde — dos negócios públicos.

Neste plano — o do funcionamento aparelho de Estado — o anarco-populismo, o espontaneísmo, descontrolado e incontrolável, podem jogar um papel negativo que, em última análise, favorecerá a «contra-revolução». Não é enfraquecendo, desprestigiando e paralisando um Estado que já que é o Estado fascista, que já não é o Estado-instrumento-de-poder-da-burguesia-capitalista, que se criam condições de avanço revolucionário.

E quando se fala de saneamento — importa ter o rigor de distinguir os seus aspectos políticos e os seus aspectos funcionais. O «saneamento» do aparelho de Estado é uma operação política na qual deverão ser observados critérios de defesa da competência, de recuperação e de educação política. Porque operação política antifascista e revolucionária, não poderá ser confiada a indiferentes burocratas, mas no saneamento não deverá ser sacrificada a

própria eficácia do «aparelho de Estado». Nem os saneamentos, nem as inovações basistas deverão servir com entusiasmo distraído ou suspeita diligência para desarmar o Estado. Pensamos, claro está, neste Estado no qual a burguesia já não exerce um poder hegemónico mas que ainda não é, hegemonicamente, o Estado das classes trabalhadoras.

A Revolução precisa de ser defendida. O «aparelho de Estado», posto ao serviço das forças revolucionárias, por elas dominado, controlado e dirigido, apesar das suas inerentes contradições, será um instrumento operacional útil, uma arma de combate e de domínio cuja validade e capacidade operacional depende dos homens que o servem e comandam.

Ao nível do mais elementar bom-senso, impõe-se condenar como contra-revolucionária, qualquer tentativa de paralisar o aparelho de Estado com o argumento infantil de o substituir por uma estrutura nova, pura e autêntica. As classes trabalhadoras e o Povo, em geral, não tardarão a perceber o logro. Acreditamos, mesmo, que serão capazes de o castigar como uma manobra não só demagógica, como caracterizada por uma tentativa contra-revolucionária.

A REVOLUÇÃO DE PANCHITO VILLA

A celebridade de John Reed repousa numa obra mestra do jornalismo político do nosso século: «Dez Dias que Abalaram o Mundo», a fresco em que o autor narra a revolução de Outubro, através de uma técnica espontânea que une o génio particular da literatura norte-americana, ao da literatura russa.

No México, o jovem Reed — ao tempo jornalista de uns vinte e sete anos, oriundo de uma família abastada de Portland, saído da Universidade Harvard e ansioso por conhecer o mundo e romper as amarras que o prendiam à sua classe — não atinge a simbiose perfeita do seu encontro fatal, ainda que ironicamente tocquevilliano, com a Rússia.

O México insurrecto é o encontro da epopeia dos Estados Unidos com a tragédia mexicana. As certezas da epopeia serão, no fim contaminadas, pelas incertezas da tragédia. O épico julga conhecer a sua própria identidade. A tragédia revela-lhe a insuficiência, a dor e a grandeza dos homens que colectivamente, procuram o seu nome na Terra. Tal foi a dívida do México a John Reed, que é igualmente a dívida da América Latina aos Estados Unidos. O México insurrecto é a «Odisséia» de um Ulisses anglo-saxão perdido num deserto mestiço onde as sereias da miséria, a cólera, o sofrimento, a crueldade, o sonho, a rebelião e a amizade cantam através das vozes angustiantes de um povo, todo ele engajado no processo da sua própria gestação. Felizmente esse viajante não tapa os ouvidos.

O México insurrecto con-

duz-nos pelos caminhos da poeira e dos espinhos, à realidade mais imediata da revolução mexicana: a de um povo que, pela primeira vez contempla o seu rosto terrível e terno, estende a mão, mata um irmão seu, e, no duplo acto de beijar e de morrer, se reconhece a si próprio.

A PERSVERANÇA DA AURORA

A revolução mexicana, primeira revolução do Terceiro Mundo, não foi somente política, económica e social. Ela foi também um acto cultural. Todos os estados latentes, as mutilações e as perguntas em suspenso da nossa História, surgem na revolução, como se tivessem ressuscitado de um mutismo semelhante à morte. Instintivamente todos os fantasmas da História do México, o império indígena, a conquista e a colonização espanholas, a independência fracturada pelo divórcio entre o país real e o legal, as ditaduras de opereta, a anarquia que fez com que fôssemos batidos pelas tropas invasoras de Scott e Taylor, a República liberal que nos salvou de uma monarquia europeia transplantada, a longa tirania de Porfirio Díaz que veio frustrar o sonho de progresso liberal de Benito Juárez, tinham marcado encontro na explosão revolucionária de 1910 para se juntarem num molho de civilizações.

Uma nação cuja identidade reside no pluralismo das culturas, a mestiçagem indo-europeia, coexistência do poder vertical de Montezuma e de Filipe II com o «comunitarismo» indígena e as utopias do Re-

nascimento, do tempo circular dos índios com o tempo linear dos europeus, do mito com a História, de Quetzalcoatl com Cristo, do espaço como elo de fundação renovada com o espaço como prolongamento do progresso. O México descobriu, através da revolução, a presença da origem na actualidade e a perserverança da aurora no calendário da promessa.

O HOMERO DOS POBRES

John Reed trata disto tudo de um modo vivo e concreto. Bíblicamente situa-nos num deserto do dia da criação, vasto e solitário, ondulante, cuja calma mortal tem em si uma angústia: um deserto cercado por montanhas áridas e caóticas, iluminadas por um branco sol que, no fim, revela «uma terra silenciosa, encantada, que fazia pensar em qualquer reino submarino. Estávamos cercados por imensos cactos multicolores, vermelhos, azuis, purpúreos, amarelos, como os corais no fundo do oceano». A pouco e pouco, em pineladas muito seguras, Reed povoa o deserto de aldeias miseráveis «cujos telhados são da cor da terra de que são feitos, como um estranho prolongamento do deserto»; eucaliptos cendrados, aves de rapina que circulam nos ares, perguntando a si mesmas se a Terra está viva ou morta.

A resposta de Reed aos abutres é uma extraordinária antecipação das técnicas de montagem que Eisenstein utilizará

Por CARLOS FUENTES

em Potemkine e a versão cinematográfica de «Dez Dias que Abalaram o Mundo» e que constituem igualmente o ponto culminante do *l'Espoir* de Malraux. A solidão e o vazio originais começam a encher-se de homens. Primeiro alguns, envoltos nas suas roupas de um azul-vivo, vermelho-tijolo, rosa-cobre, acocorados junto aos muros brancos. Outros, depois, perdidos nas colunas de poeira da marcha. Depois, cada vez mais homens, mulheres e crianças sobre os tejadilhos e nos «wagons» dos comboios da revolução. Finalmente, o povo inteiro, a pé, a cavalo, com os seus animais, a sua comida, os seus haveres às costas.

O povo que em 1914 vai à guerra contra os federais do ditador Victoriano Huerta, assassinado do apóstolo da revolução Francisco Madero; os *peóns* que seguem o seu chefe, o general Francisco Villa, como eles um camponês oprimido e rebelde; os mexicanos que reclamam, não somente pão, terra, justiça e liberdade, mas algo de igualmente importante: conhecerem-se a si próprios.

John Reed, o Homero dos pobres, salva do anonimato os homens e as mulheres que lutaram com Pancho Villa no México do Norte. E dá a todos eles um nome, um rosto, uma palavra, uma razão.

A DISTÂNCIA STENDHALIANA

Eis a de um vaqueiro muito pobre chamado Ortega:

«Não sou um homem ins-»

Continua na pág. 18

Últimas

Vasco Gonçalves

"V GOVERNO: UM PASSO IMPORTANTE DA NOSSA REVOLUÇÃO"

Na tomada de posse do novo Governo ocorrida esta tarde (ver notícias na 1.ª e última pag.) o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves proferiu o seguinte discurso:

Senhor Presidente da República, Camaradas das Forças Armadas, Senhores Ministros, Portugueses:

Com a tomada de posse do V Governo Provisório deu-se um passo importante para a superação de mais um momento difícil da nossa revolução. As dificuldades na formação deste Governo mais não são do que reflexo dos problemas cada vez mais complexos que o processo revolucionário nos traz. Já o tenho dito em outras ocasiões, mas nunca é demais repetir que a substituição do velho pelo novo é sempre dolorosa e difícil. Neste momento, e, aproveitando uma conjuntura particularmente complicada para o movimento do nosso processo revolucionário, em que as dificuldades económicas resultantes do desmantelamento do sistema económico velho, a crise do capitalismo internacional, os erros por nós próprios cometidos, se entrelaçam com a grave situação de Angola, com o aumento das pressões internacionais sobre o nosso País, e com a incapacidade das forças a quem a revolução objectivamente serve, para encontrarem um caminho firme na consolidação e avanço neste processo de transição para o socialismo, as forças reacção-nárias, as forças que não pretendem a construção do socialismo em Portugal desencadearam uma forte ofensiva que tem deparado com aliados onde devia ter inimigos jurados. Na tentativa de superação da crise económica que o País atravessa empenhará este Governo todo o seu esforço, sendo a tônica dominante dirigida à execução de medidas imediatas e pontuais. A par de outras acções que se impõem para já e que estão na fase final de elaboração, serão imediatamente promulgadas algumas medidas moralizadoras e de austeridade que o momento actual exige. Temos também consciência de que o mundo rural, tradicionalmente sacrificado, pouco beneficiou no aspecto económico com a libertação política iniciada em 25 de Abril de 1974, alargando-se mesmo as diferenças de nível de vida, relativamente às populações urbanas. Por isso, o nosso esforço irá incidir prioritariamente no sector agrícola. É pois necessário, que os trabalhadores dos outros sectores da vida nacional ponderem a actual situação e sejam realistas. A grande tarefa do momento para todos os portugueses conscientes e patriotas é a de conquistar mais revolucionários para a revolução. Outra tarefa que se colocará a este Governo, em colaboração estreita com as Forças



Armadas e com o povo português, será a do combate sereno mas firme às forças reacção-nárias, no combate aos fenómenos de neo-fascismo que ultimamente se têm multiplicado no nosso País. Serão usadas severidade na repressão e determinação na tomada de medidas que tornem irreversível a construção do socialismo em Portugal, única forma de afastar para sempre o perigo do renascimento da opressão fascista.

Aos trabalhadores portugueses, que nos têm dado os maiores exemplos revolucionários, caberão as principais tarefas na construção do socialismo. Mais do que nunca o momento exige-lhes

realismo reivindicativo, defesa da sua unidade de classe e construção da unidade indispensável com os trabalhadores do campo, com a pequena burguesia e com sectores da media burguesia. A todos os portugueses e forças políticas patrióticas e progressistas, ao povo português, faço um apelo à reconciliação, à unidade em volta das Forças Armadas, garante do processo revolucionário e da democracia, à construção de uma frente, que, englobando todos os portugueses que têm por objectivo a construção do socialismo em Portugal, torne irreversível o processo revolucionário iniciado em 25 de Abril.

Mário Soares escreve a Costa Gomes

"PORTUGAL PERTO DO ABISMO"

Na essência a carta de Mário Soares, vinda no seguimento do documento apresentado ontem a Costa Gomes por nove membros do Conselho da Revolução e entretanto respondida já pelo Presidente da República no breve discurso de empossamento do V Governo Provisório, constitui uma moção de desconfiança no elenco deste, que acusa de cripto-comunista ou perto disso.

Referências são feitas tam-

bém pelo secretário-geral do P.S. ao P.C.P. (sobretudo a propósito da vaga de assaltos às suas sedes — «quem semeia ventos colhe tempestades», comenta Mário Soares) e à crise económica, um dos tópicos dominantes da carta. No plano político o ex-ministro sem pasta diz ainda serem inaplicáveis a Portugal «país europeu», e «no ano de 1975», modelos como os que propõe «uma minoria arreigadamente totalitária e de vocação suicida».

«V.Ex.» sabe que Portugal está perto do abismo e que a revolução de Abril pode estar a caminho de ser traída — escreve Mário Soares numa carta aberta ao general Costa Gomes.

Classificando a missiva, não como um simples «desabafo», mas como uma «advertência séria e solene», o secretário-geral do Partido Socialista acrescenta ser ainda tempo de «entendermo-nos», «pormenos de acordo nos termos de um projecto político comum que vença a crise e salve a revolução, que assegure as liberdades, o socialismo e a esperança das massas trabalhadoras deste País».

Em mais de um passo Soares verbera a figura e os métodos de Vasco Gonçalves. «O general Vasco Gonçalves» — escreve o «leader» socialista — «pretendeu fazer crer ao País que o dilema que se apresenta perante nós, em Portugal, é o da revolução ou contra-revolução. Nós, socialistas, que somos revolucionários sem que para o sermos precisemos de pedir licença a ninguém, e muito menos àqueles que aprenderam a balbuciar a palavra socialismo depois do «25 de Abril», recusamos este falso dilema, simplista e deformante da realidade portuguesa».

PORTUGAL VISTO DO ESTRANGEIRO

Não esmorece o interesse da imprensa mundial perante a situação política em Portugal. De todos os quadrantes, em quase todas as línguas, Portugal é notícia, Portugal é tema de comentário. Nas últimas horas chegaram à nossa Redacção os seguintes telegramas:

De Madrid, pela pena do seu enviado especial Manuel Lopes, conta a ANI, que na «capital espanhola recurtam-se discretamente ex-fuzileiros» para o denominado Exército de Libertação de Portugal — citando-se uma crónica do enviado especial a Portugal, Francisco Cerecedo, da revista «Cambio 16», que foi posta à venda hoje de manhã.

Na mesma crónica, em que se faz um relato bastante circunstanciado e analítico dos últimos acontecimentos portugueses, frisando sobretudo a necessidade urgente de uma definição política a todos os níveis da revolução portuguesa, denuncia-se ainda a presença de elementos da C.I.A. em Lisboa.

Escreve Cerecedo: «Os enviados especiais dos jornais norte-americanos comentam com estupefacção a quantidade de agentes da C.I.A. que conhecemos no Laos, Vietname ou Camboja, e que agora se encontram nos bares dos hotéis de luxo de Lisboa. Este país é incrível: aqui deixam entrar todo o mundo. As medidas de segurança são mínimas e os mais altos dirigentes cami-

nham sem guarda-costas entre a gente.»

«DAILY EXPRESS»

A Reuter transmite-nos parte do editorial de ontem do «Daily Express»: «A sorte de Portugal depende do que acontecer no Norte do país nos próximos dias», segundo afirma hoje o «Daily Express».

No editorial, esse jornal conservador de circulação maciça declara: «O protesto no Norte destina-se não a desafiar a autoridade do próprio Exército, mas a acabar com a tirania política que se tem permitido que floresça sob o actual Governo».

«É tempo que os mais sensatos entre os donos militares de Portugal compreendam que a coragem e integridade dos que protestam não podem ser mais ignoradas. De outro modo, Portugal — e com ele a Europa — enfrenta uma tragédia de consequências ainda desconhecidas».

«Certas pessoas são suficientemente idosas para se recordarem da Guerra Civil espanhola. Ninguém desejaria certamente que esse género de horror aconteça aos portugueses».

«Nós, que observamos, fazemos bem em lembrar que Portugal é um país de 10 milhões de habitantes confusos e receosos, e não uma praça de touros onde a liberdade é o matador e o comunismo o tou-

ro», acrescenta o «Daily Express».

A ADN, através da ANI dá-nos a conhecer o que, em editorial, o matutino «Der Morgen» de Berlim, diz sobre o nosso país:

«O Povo Português, depois de quase cinquenta anos de opressão fascista, tem a possibilidade histórica de decidir finalmente o seu próprio destino. Mas isso só é possível se se continua o processo revolucionário-democrático», afirma em editorial o matutino «Der Morgen», da República Democrática Alemã.

«Portugal», acrescenta o diário «vive dias intraquitos. Mas essa situação não deve nem pode continuar assim. O presidente da república, general Costa Gomes, voltou a reafirmar o rumo em fins de Julho perante a assembleia das Forças Armadas:

«A nossa revolução fez-se pelo povo e terá de ser feita com o povo, enquanto classes mais desfavorecidas».

«Daqui resulta: a ampla aliança entre o povo e os militares progressistas do M.F.A. pode superar o perigo reacção-nário no interior do país e o que vem do exterior e continuar com o processo revolucionário iniciado em 25 de Abril do ano passado. Com isso, impede-se a uma ditadura de forças direitistas e será possível um retorno à época de Salazar e Caetano».

CASA COSTA

VENDEU AO SEU BALCÃO MAIS UM
SEGUNDO PRÉMIO

15 987 com 1.500 contos

A SEGUIR UMA «LOTARIA POPULAR»
NOVO PLANO + PRÉMIOS

CASA COSTA

75. RUA DE S. PAULO — LISBOA-2

ESCREVE "THE GUARDIAN"

Soldados impediram um golpe em Portugal

Soldados pára-quedistas, mecânicos da aviação e comandos fizeram abortar um contra-golpe na última quarta-feira de Julho, em Portugal — afirma Martin Walker, em «The Guardian». O contra-golpe envolveria cinco bases militares-chave e vários membros moderados do Conselho da Revolução.

O golpe malogrado estaria na base dos «incidentes» ocorridos no Regimento de Comandos e do «saneamento» do coronel Jaime Neves e outros oficiais daquela unidade.

O contra-golpe devia ser desencadeado por um sinal lançado do Regimento de Artilharia de Cascais. Após esse sinal, as unidades fiéis da Armada Portuguesa seriam impedidas de entrar no Tejo e alcançar Lisboa.

A base aérea do Montijo desencadearia um ataque aéreo contra o RALIS, após o qual entraria em acção a Escola Prática de Cavalaria (Santarém), que se deslocaria a Lis-

boa para cair sobre as unidades do RALIS. Esta acção seria apoiada por tropas vindas da Escola Prática de Infantaria (Mafra).

Em seguida, os pára-quedistas de Tancos fariam duas operações: 1.º, apoderar-se de pontos-chave de Lisboa, incluindo as estações de Rádio e a RTP, o Palácio de Belém e os principais edifícios governamentais; 2.º, encaminhar-se para a Amadora onde se sabia que as simpatias das tropas se contrabalançavam, e impedir os elementos fiéis de actuar.

Segundo fontes militares (referidas, mas não identificadas pelo jornalista inglês) o capitão Vasco Lourenço estava nesse dia no quartel de Mafra, onde fez um discurso aos oficiais tendo persuadido a maioria a assinar um documento solicitando a demissão de Vasco Gonçalves e a sua substituição pelo major Melo Antunes. Vasco Lourenço seria o adjunto do novo primeiro-ministro.

Segundo uma testemunha

ocular militar, o coronel Jaime Neves teria saído do quartel da Amadora, no dia seguinte, vestido à paisana e exclamando, de arma em punho: «Vamos começar por aqui, matando os comunistas». Ia acompanhado por vários oficiais destituídos do Exército, também vestidos à paisana. Um desses oficiais seria o aspirante Luz, que em tempos dirigiu as campanhas de dinamização do M.F.A. no Norte. Dai a 20 minutos, o coronel Jaime Neves terá querido entrar no quartel, o que lhe foi impedido pelos soldados, que também recusaram a entrada ao capitão Vasco Lourenço.

TANCOS EVITA O CONTRA-GOLPE

Citando fontes militares, o jornalista afirma que o contra-golpe foi evitado em Tancos, porque a maioria dos pára-quedistas se recusou a entrar nos aviões. Não con-

tes com isto, os pára-quedistas imobilizaram as rodas dos aviões com pesadas correntes de ferro, impedindo que os aparelhos levantassem voo. Além disso, retiraram peças dos motores.

Os mecânicos da Base Aérea do Montijo sabotaram igualmente os aviões. Também em Santarém deflagrou um misterioso incêndio no depósito de gasolina, deixando o regimento sem reservas que permitissem os blindados chegar a Lisboa. E foi assim que o golpe falhou.

Os soldados, «politizados pela sua participação na operação Nortada» (escreve Martin Walker) recusaram-se a seguir os oficiais.

Os soldados do regimento da Amadora terão afirmado que a mulher do dirigente do C.D.S., Freitas do Amaral, se encontrava na Amadora na véspera do golpe.

Referindo uma vez mais que os «comandos» não permitiram a entrada de Jaime Neves e

de Vasco Lourenço no quartel, o jornalista conta que, recentemente chegado de Cuba, o general Otelo Saraiva de Carvalho se dirigiu ao quartel. Otelo terá dito aos soldados que aceitava a transferência do comandante da unidade de outros oito oficiais e de quatro sargentos.

O artigo — escrito antes do plenário, onde o general Otelo decidiu da permanência dos referidos oficiais e sargentos no quartel da Amadora — refere as dúvidas quanto a uma possível acção disciplinar contra os militares envolvidos no contra golpe. E cita uma fonte militar, que lhe teria explicado: «A situação é de um equilíbrio muito precário e é muito difícil proceder a depurações abertas dos moderados.»

NOVA TENTATIVA PARA BREVE?

Para o jornalista, a impor-

tância do malogro do contra golpe está em que os acontecimentos demonstram as dificuldades que os moderados têm em que os soldados lhes obedecem. Soldados, militantes políticos terão, no entanto, dito ao jornalista que esperavam novo golpe ainda este mês, em que muitos dos trabalhadores organizados se encontram de férias.

Um desses soldados terá dito ao jornalista que a alternativa em Portugal era «ou Cuba ou Chile». Martin Walker afirma que o exemplo chileno domina o pensamento da esquerda portuguesa, a qual entende que ou se tomam sérias medidas contra os reacçãoários ou serão as pessoas de esquerda que acabarão por morrer às mãos dos inimigos.

Finalmente, o jornalista do «The Guardian» diz que fontes políticas lhe confirmaram que o adiamento da viagem de Costa Gomes a Helsínquia se deveu ao contra golpe.

Trabalhadores da Torralta contra os privilégios

«Quando é que chega o 25 de Abril à Torralta?» é a pergunta formulada por um grupo de trabalhadores da Torralta que, a propósito de um parecer do Ministério do Trabalho, favorável à ocupação gratuita de apartamentos em Tróia por dois funcionários, um de chefia e outro de direcção, descrevem as enormes desigualdades que continuam a verificar-se ali e protestam contra os privilégios de que continua a beneficiar uma minoria, não obstante a precária situação financeira da empresa.

Há dois meses, os trabalhadores da Torralta, reunidos em

plenário, aprovaram uma proposta de que constavam, entre outros, os seguintes pontos: congelamento dos salários acima de 9 contos e aumentos até ao mínimo nacional; suspensão de todos os subsídios e custeamento dos transportes só a quem o justificasse; e estabelecimento de um critério de preços a pagar pelos funcionários que ocupam diariamente os apartamentos destinados aos clientes.

Na sequência desta decisão, a comissão de trabalhadores comunicou aos funcionários alojados naqueles apartamentos que os deveriam desocupar

até ao dia 30 de Julho que passou.

Dois dos funcionários visados, sócios do Sindicato da Indústria Hoteleira protestaram. Trata-se de um director de piscinas, com o ordenado de 17 contos, e de um chefe de controlo, que ganha 9 contos. Ambos ocupam gratuitamente apartamentos que, alugados ao público, permitiriam uma receita de mais de 16 contos cada um.

O Sindicato procurou defender os seus sócios e pediu parecer ao Ministério do Trabalho. Este organismo, através da dr.ª Luísa Castilho, baseando-se no princípio de que nenhum benefício já concedido pode ser retirado a qualquer trabalhador, sancionou a continuação do alojamento gratuito.

MISÉRIA E OPULÊNCIA

Perante esta decisão legalista, aquele grupo de trabalhadores da Torralta recorda que, conscientes da grave situação económica que a empresa atravessa, e que está a ser financiada pelo tesouro público, os trabalhadores renunciaram ao pagamento nos sábados, domingos e feriados, aos dias de folga e horas extraordinárias, apesar de este pagamento constituir um direito adquirido. Descrevem também a extrema miséria em que vive a maior parte dos trabalhadores da Torralta, muitos dos quais nem sequer ganham ainda o ordenado mínimo legal. Enquanto isso acontece a uns, mantêm-se ordenados de 35 contos à administração, 30 contos a engenheiros e 20 contos a chefes de restaurantes, além de «ordenados fabulosos» a empregados de escritórios.

Estes continuam, além disso, a 160 por cento do ordenado quando adoeçam, ao passo que um operário que ganhe 3.300\$00, se der «baixa», ganha apenas 1.800\$00 e tem de pagar consultas a 200 e

300\$00, se quiser tratar-se convenientemente. São também estes operários que, segundo afirma o comunicado, são alimentados com os restos que sobram da comida dos clientes.

Os trabalhadores protestam contra estas profundas e injustas desigualdades a que, nem a intervenção do Estado na empresa pôs ainda cobro. E perguntam de que lado está o Ministério do Trabalho ao preocupar-se em não retirar regalias a uma minoria, quando sabe que a esmagadora maioria dos trabalhadores nunca conseguiu obtê-las. As condições de alojamento são índices desta profunda discriminação: enquanto 5 altos funcionários têm direito a ocupar gratuitamente os apartamentos construídos pelos operários para alugar aos clientes, os restantes trabalhadores, se quiserem ou tiverem de pernoitar em Tróia, estão sujeitos a abrigar-se em improvisados barracões.

De tudo isto, concluem os trabalhadores que «os explorados e oprimidos continuam a sê-lo» e que são «sempre os mesmos a ter que fazer sacrifícios». A esta consciência de injustiça, junta-se a profunda preocupação pelo futuro da empresa que, a manter, à custa do Povo, privilégios tão avultados, corre o risco de lançar para o desemprego mais um milhão de pessoas.

Inspeção sanitária no mercado de Lisboa

Prosseguiu em Maio a actividade dos Serviços Médicos-Veterinários de Inspeção Sanitária — diz a Direcção dos Serviços de Aabastecimento da Câmara Municipal de Lisboa.

Balanço: foram inspeccionados e aprovados para consumo 57 871 quilos de carne, 5 533 286 quilos de peixe e marisco, 240 715 quilos de ovos, 181 182 quilos de lacticínios, 51 880 peças de caça. Rejeitados por estarem impróprios para consumo, 27 quilos de carne

Teixeira Ribeiro: dos "gerais" a S. Bento com as armas da justiça

O prof. dr. José Joaquim Teixeira Ribeiro é natural de Póvoa de Lanhoso, onde nasceu em 1908. Estudou nos Liceus de Guimarães, primeiro, de Bragança, depois, e na Universidade de Coimbra, onde se licenciou na Faculdade de Direito e, a breve trecho, de assistente passou a professor catedrático.

Não se pode dizer que o nome de Teixeira Ribeiro seja muito conhecido fora do âmbito universitário onde tem desempenhado a sua fundamental actividade. Milhares de estudantes que nas últimas décadas passaram pela Faculdade de Direito em Coimbra, no entanto, conhecem-no, e não apenas o professor (superlativamente competente, na generalidade das opiniões), mas também o homem, o cidadão; e esses abonam que Teixeira Ribeiro foi sempre, por trás da discreção que predominantemente caracterizou as suas relações com as estruturas do Estado, de uma integridade e de uma coerência ideológica exemplares, quando foi caso de assumir publicamente posições políticas. Estas foram sempre do lado justo das coisas, leia-se, ao lado dos estudantes, quando houve conflitos entre eles e as autoridades no poder; ao lado dos homens que resistiam ao fascismo, quando era importante que o seu nome avalizasse iniciativas, movi-

mentações.

Vemo-lo, em determinado período da sua vida «ligado» ao corporativismo. Mas por fora, numa perspectiva que não era evidentemente corporativista e numa altura em que certos sectores da inteligência portuguesa formularam hipóteses práticas para um aproveitamento de certos aspectos do sistema.

Brevemente, Teixeira Ribeiro desliga-se disto que não chegou a ser um compromisso, e continua a ser o que sempre foi: um professor aberto a experiências com os seus assistentes (alguns deles marxistas) e ao diálogo fecundo com os seus alunos.

Em 25 de Abril de 1974, Teixeira Ribeiro está na sua Faculdade de Direito, em Coimbra. Pouco depois é feito reitor da Universidade (inevitavelmente...). Não aceitou um convite para titular da pasta da Educação e Cultura. Entrou para o Conselho de Estado, para o lugar do tenente-coronel Almeida Bruno, quando este saiu na sequência do «28 de Setembro». Quando o chamaram para ser vice-primeiro ministro do V Governo estava na sua Universidade em Coimbra.

O prof. dr. Teixeira Ribeiro tem em livros e em colaboração dispersa por publicações jurídicas, inúmera bibliografia.

Contestam o Congresso dos Sindicatos

Os trabalhadores da Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do distrito de Lisboa aprovaram em assembleia geral uma moção contestando o recente Congresso dos Sindicatos em que foram aprovados os estatutos da Intersindical.

Apelidando esta confederação de «amarela», os trabalhadores acusam-na, assim como à direcção do Sindicato dos Empregados de Escritório de Lisboa, de ter utilizado manobras para fazer passar como opinião dos trabalhadores as suas posições «de divisão e traição».

Referindo-se concretamente ao que se passou na Caixa da Indústria, afirmam que o Sindicato não comunicou oficialmente a realização do Congresso, o que fez com que os delegados sindicais só por acaso, e depois de terminado o prazo de apresentação de propostas, tivessem tido conhecimento da sua efectivação. Adiantam que na Caixa de Comércio a comunicação chegou um dia depois e que na Federação das Caixas o desconhecimento de todo o processo foi total.

Segundo acrescentam, os outros sindicatos que abrangem trabalhadores daquelas instituições também não informaram os respectivos delegados sindicais.

O comunicado em que nos baseamos revela ainda que 32 sindicatos propuseram que o Congresso fosse adiado para 1 de Outubro, uma vez que em vários dentre eles ainda se estava a proceder à aprovação de estatutos e à eleição de directores. Este pedido não foi aceite pela Intersindical.

De tudo isto, aqueles trabalhadores concluem que o «Documento de orientação e acção para um Portugal novo», saído do Congresso, «é uma burla». Assim, repudiam o que designam por «manobras divisionistas» da direcção do Sindicato dos Escritórios e «as decisões tomadas nas costas dos trabalhadores».

A moção aprovada exige que tudo quanto foi aprovado no Congresso não seja considerado como vontade dos trabalhadores; e amplas liberdades para os trabalhadores, «as quais têm de passar pela democracia interna dos sindicatos».

peccionadas e aprovadas 192 838 frangos e rejeitados por motivos vários) 4.914. No Centro de Inspeção e Classificação de Ovos foram inspeccionados e aprovados 3 824 760 unidades para o consumo público, mais 325 008 para a indústria. Ovos rejeitados, 60 741.

Ainda um número: a fiscalização sanitária a estabelecimentos de revenda, venda e consumo, fez 742 visitas.

GANHE 9,5% AO ANO

**ENQUANTO O SEU DINHEIRO TRABALHA
PARA O NOVO PORTUGAL**

Deposite o seu dinheiro
na Banca nacionalizada.
E ganhe 9,5% ao ano.
Aproveitando as novas
condições de juro para
depósitos a 1 ano e 1 dia.
Com a segurança
da garantia do Estado.
A certeza de contribuir
para a construção
do novo Portugal.



Nacional

Depois do incêndio...

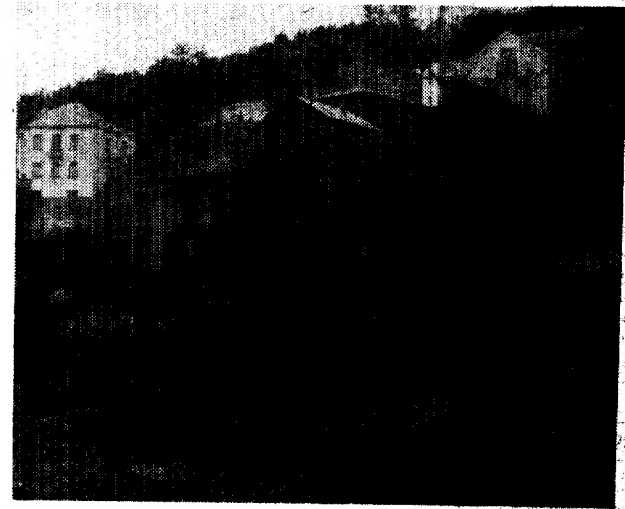
ALDEIA DE CEPOS PRECISA DE AJUDA

A gente de Cepos, quando acorda, não sabe o que há-de fazer. Os que até agora começavam o dia amanhando a horta não têm horta para amanhando. Os que se dedicavam mal nascia o Sol, ao tratamento do gado, não têm gado para tratar.

Foi-se a horta, o gado, a oliveira. Foi-se o trabalho de anos, foi-se o pão, foi-se o leite, foi-se a semente. O que era uma paisagem verdejante e viva é, agora, uma paisagem lunar sem uma sombra, uma folha verde, um pássaro. Nas ruas da al-

deia circulam pessoas que o incêndio deixou sem nada.

Em cepos não há quem sorria, nem mesmo as crianças. É difícil enviar sorrisos à gente de Cepos porque vai levar muito tempo até que possam sorrir de novo, mas é possível contribuir para que os sorrisos voltem, um dia, a esta aldeia martirizada. Tudo é bem-vindo: dinheiro, vestuário, géneros. Quem quiser enviar o que tiver — seja o que for — a esta gente que não tem nada, deve contactar o Cen-



tro de Apoio a Cepos, instalado nos Bombeiros Voluntários de Arganil ou à Co-

missão de Melhoramentos da Freguesia de Cepos, Rua da Fé, 23-1. Lisboa.

"NACIONALIZAÇÃO DA C.U.F."

Relativamente a uma notícia sobre a nacionalização da CUF (Companhia União Fabril), publicada na nossa edição de ontem, o Ministério da Indústria e Tecnologia enviou-nos uma nota em que esclarece o seguinte:

A proposta do decreto-lei que nacionaliza a CUF (Companhia União Fabril) foi intro-

duzida no Conselho Económico pelo ministro da Indústria e Tecnologia, eng. João Cravinho, em fins do mês de Junho. Tendo esta proposta sido discutida e aprovada pelo Conselho Económico ficou de transitar para o plenário do Conselho de Ministros e para o Conselho da Revolução que possui competência para promulgar

decretos desta natureza. A crise política que tem vindo a afectar os diferentes centros de poder nas últimas semanas impediu que a citada proposta de nacionalização prosseguisse as etapas normais até à fase de promulgação. Na insistência da actual crise política reside, portanto, a razão que tem provocado sucessivos adiamentos na promulgação de tal decreto.

Deste modo, revela-se incorrecta a breve notícia publicada no Diário de Lisboa de anteontem, quarta-feira, que afirma que a publicação do decreto relativo à nacionalização da CUF aguarda apenas a assinatura

do ministro que venha a ser responsável pela Indústria, o que sugere uma eventual desistência da parte do actual ministro da Indústria e Tecnologia à aprovação de tal medida.

Por outro lado, recorda-se que o programa de controlo dos sectores básicos do Ministério da Indústria e Tecnologia que inclui entre os seus objectivos a neutralização das principais bases de acumulação monopolista depende explicitamente entre outras medidas necessárias a preparação da fase de transição para o socialismo, a tomada sob controlo e a nacionalização de largos sectores da Economia Nacional.

EXTERNATOS



SÃO VICENTE

Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) - tel. 84 88 64/5



MARQUÊS DE POMBAL

Rua Morais Soares, 93 - tel. 82 02 21/83 46 58



ALIANTE CABRAL

Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) - tel. 70 69 74/5



CICLO PREPARATÓRIO

CURSOS LICEAIS — GERAL E COMPLEMENTAR

CURSO GERAL ADM. E COMÉRCIO

CURSOS C/ PROGRAMAS PRÓPRIOS (EM PREPARAÇÃO)

Aulas de MANHÃ — TARDE — NOITE

Inscrições abertas para o próximo ano lectivo

CURSOS DE FÉRIAS

AGOSTO — SETEMBRO

(Exames de 2.ª época)

SINDICATO

BANCÁRIOS LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

(Sessão extraordinária)

CONVOCATÓRIA

Para continuação das Sessões de 4 e 11, de Julho p.p. convocam-se os sócios deste Sindicato para uma Sessão Extraordinária, a realizar no dia 8 do corrente (sexta-feira), às 21 horas, no PAVILHÃO DOS DESPORTOS DE LISBOA, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único — ANÁLISE DA SITUAÇÃO SINDICAL NO SECTOR BANCÁRIO

Lisboa, 4 de Agosto de 1975

PELO SECRETARIADO DA
MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Francisco Teodósio Juradinho Serrano

SINDICATO DOS ADMINISTRATIVOS

DA MARINHA MERCANTE,

AERONAVEGAÇÃO E PESCA

CONVOCATÓRIA

Conforme o anteriormente anunciado, convocam-se todos os sócios a comparecer no próximo dia 11 de Agosto, pelas 21 horas, no «Teatro Maria Matos» para realização de uma Assembleia Geral Extraordinária, que terá a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

PONTO ÚNICO — Análise e decisão sobre o pedido de demissão dos corpos gerentes.

NOTA — Chama-se a atenção de todos os trabalhadores para a importância da sua participação activa e crítica nesta Assembleia de modo que as resoluções sejam as mais correctas no sentido da defesa e reforço da sua organização de classe.

(Todos os trabalhadores deverão identificar-se para participarem nos trabalhos).

NOS SINDICATOS E NA PARTICIPAÇÃO ACTIVA
E ORGANIZADA A FORÇA DOS TRABALHADORES

Lisboa, 6 de Agosto de 1975.

Pel'O Presidente da Mesa A. G.

João Franco

SINDICATO BANCÁRIOS LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

(Sessão Extraordinária)

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os sócios deste Sindicato para uma Sessão Extraordinária a realizar no próximo dia 11 (Segunda-Feira), às 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto único — UNIFORMIZAÇÃO DAS NORMAS CONTRATUAIS E EXTRACONTRATUAIS (NIVELAMENTO)

Lisboa, 6 de Agosto de 1975

Pelo Secretariado da Mesa da Assembleia Geral

Francisco Teodósio Juradinho Serrano

—POSIÇÃO POUCO CLARA DO CONGO FACE A CABINDA

BRAZZAVILLE, 8 (R) — O presidente Nguabi, que apoia a independência de Cabinda, declarou que, embora não estando bem informado sobre quem representava o povo de Cabinda, admitia que a

F.L.E.C. jamais havia combatido contra as tropas portuguesas ali estacionadas.

O enclave encontra-se na sua maior parte sob o controlo do M.P.L.A., embora se tenham registado recontros ali entre o

M.P.L.A. e a F.N.L.A.

Ainda segundo a agência Reuter, o presidente congolês, Marien Nguabi, teria avisado o Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.) que o Congo não aceitaria uma solução imposta pela força no enclave de Cabinda.

O presidente Nguabi declarou, numa conferência de imprensa, que o Congo apoiava ainda o M.P.L.A., que tem a sua base em Brazzaville e que está envolvido em violentos combates em Angola com o seu principal rival, a Frente Nacional de Libertação de Angola (F.N.L.A.).

O pequeno enclave de Cabinda, administrativamente uma parte de Angola, é rico em petróleo e outros minerais. Tem fronteiras com o Zaire e o Congo, mas não com o resto de Angola.

Entretanto em Kinshasa, num comunicado distribuído pela agência zairese AZAP, a F.N.L.A. acusa o M.P.L.A. de violar um acordo sobre movimentos de tropas no enclave de Cabinda.

Adverte o M.P.L.A. de que a movimentação das suas tropas nas vertentes de Mbaça, a cerca de 15 quilómetros da capital de Cabinda, e o seu regresso à montanha Txizu constituem transgressões deliberadas do acordo, assinado em 6 de Junho no enclave de Cabinda.

Por conseguinte a F.N.L.A. toma o M.P.L.A. como responsável pelas graves consequências que estes movimentos envolvem para cercar as nossas bases militares em N'to poderão ter sobre a unidade territorial do nosso país», termina o comunicado.

ELEMENTOS DA F.N.L.A. EXPULSOS DE LUANDA

BRAZZAVILLE, 7 (R) — Quase 3000 militantes da F.N.L.A. foram neutralizados e evacuados de Luanda por forças do M.P.L.A., segundo afirmou Iko Carreira, membro da Junta Política do Movimento Popular de Libertação de Angola, numa conferência de imprensa que concedeu em Brazzaville.

Os 3000 militantes «tinham sido introduzidos na capital angolana com o objectivo de ocuparem, pela força, o Poder, iniciando essa operação com o domínio de pontos estratégicos».

Iko Carreira declarou que as duas províncias do Zaire e do Uíge, no Norte de Angola, foram invadidas por forças da Frente Nacional de Libertação de Angola e denunciou «a atitude de malvadez de certos países africanos em relação ao problema angolano».

Desmentiu que tropas da F.N.L.A. avançassem sobre Luanda, notando que «a tomada eventual da capital por soldados da F.N.L.A., como anunciada por determinada imprensa, não se registará, porque nós vamos opor ao invasor a resistência popular generalizada».

Iko Carreira prosseguiu dizendo que tropas da F.N.L.A. traziam na vanguarda tanques de origem estrangeira que nunca foram vistos antes. «São tanques que não serviram na guerra colonial, mas que esperaram pela independência», observou.

Fazendo comentários acerca da U.N.I.T.A., Carreira declarou: «Esse movimento tem-se mantido neutral, mas é tempo de tomar uma decisão e quanto mais cedo melhor.»

EUROPEUS COMEÇAM A FUGIR DE TIMOR

DILI, 8 (do nosso correspondente Cristóvão Santos) — Raro é agora o dia em que se não registam violências que vão desde o apedrejamento até ao assassinio, com os maiores requintes de crueldade para 600 mil pessoas que habitam esta meia ilha ainda sob administração portuguesa. Na semana passada houve mortos no enclave do Oé-Cusse, situado na zona cafeeira de Ermera.

Relatemos o primeiro destes casos: quatro naturais de Oé-Cusse assassinaram dois conterrâneos que há cerca de dois meses haviam fugido para o Timor indonésio. Quando, acossados pela fome, passavam outra vez para o lado de cá, foram «encontrados a roubar uma horta...» (A zona de Ermera é em volta da localidade homónima, a cerca de 60 kms de Dili.)

Na mesma região, durante uma festa, um chefe «Suco» teria começado a proferir insultos contra a Fretilin. Isto levou dois fervorosos adeptos da organização a perseguirem-no. O chefe tentou fugir. Atingido com arco e flecha, não resistiu.

Naturalmente que nada disto passa de versões que têm chegado até mim. Os suspeitos encontram-se detidos. Os casos foram entregues ao tribunal da comarca. O certo é que, apesar da aparente paz local, a violência e os crimes têm vindo a aumentar assustadoramente.

A Emissora Oficial de Timor anunciava anteontem que na véspera, na zona de Aileu, localidade a cerca de 40 kms de Dili, a população «tentou impedir a passagem de um grupo de pessoas que se dirigia para Dili», do que resultaram 10 feridos. A Emissora acrescentava que as Forças Armadas estacionadas na área «tomaram as medidas de segurança necessárias, não tendo havido posteriores incidentes».

Sabe-se que se tratava de um grupo de adeptos da U.D.T. (União Democrática Timorense) que se dirigia a Dili para dar as boas-vindas ao presidente do comité central daquele partido, Francisco Lopes da Cruz, o qual regressou à capital do território após uma viagem à Formosa, Japão, Filipinas, Estados Unidos e Indonésia (Djakarta).

KAFEMANANO

A Emissora Oficial anunciou também que no dia 5, no Oé-Cusse, zona fronteiriça de Passabe, se registou um incidente entre populações do Timor português e do Timor indonésio, em consequência do qual houve alguns feridos. Ainda segundo a estação emissora de Dili, «as nossas Forças Armadas deslocaram-se prontamente ao local, tendo sanado o incidente e restabelecido a calma».

A notícia dizia que «se desconhecem, por enquanto, as razões que motivaram o incidente». Entretanto (continuo a citar a E.O.) «o comandante militar de Oé-Cusse terá ainda hoje» (foi anteontem) «um encontro com as autoridades de Kafemanano, com a intenção de aclarar os incidentes e encontrar as melhores soluções para

sanar possíveis futuras ocorrências».

EUROPEUS FOGEM

O número de roubos também tem vindo a aumentar.

Todos estes acontecimentos originam o que se pode chamar um começo de êxodo dos europeus. Se o facto não tem chamado a atenção dos observadores dado ser diminuto o número de residentes não orientais, apercebemo-nos dele agora, porque pessoas com mais anos de Timor do que de Portugal, e que se diziam «mais timorenses do que portugueses», estão a tentar por todos os meios regressar a Lisboa.

A corrida às armas tem sido (está a ser) fantástica. Uma simples pistola, que custava, nova, cerca de dois mil escudos, pode hoje ser vendida por sete mil. Ter uma arma em casa é neste momento o desejo de todos ou de quase todos...

Da minha parte creio não se justificar tanto alarme. Por agora não será justificado e, espero, não se justificará nunca. Mas quem prova o contrário? Todos estes «radicados» em fuga se interrogam da mesma maneira.

Na minha opinião trata-se da evolução contínua e normal, apesar de tudo, do processo de descolonização. A nomeação do alto-comissário estava prevista para fins do mês passado; a formação do governo de transição seguir-se-lhe-ia este mês; mas a situação política em Portugal veio criar este impasse, durante o qual a Assembleia da Casa dos Timores de Lisboa solicitou o saneamento de algumas autoridades, entre as quais o governador de Timor, coronel Lemos Pires, apontado como provável alto-comissário. E tudo se complicou.

Cristóvão Santos

APOIO À GUINÉ

BRASÍLIA, 8 (A.P.) — A Organização Internacional do Trabalho solicitou ao Governo brasileiro, por intermédio do Ministério do Trabalho, a sua colaboração mediante a remessa de pessoal qualificado para execução de projectos na Guiné-Bissau.

Foram solicitados técnicos especialistas de reabilitação profissional de inválidos, planificação de formação profissional, formação profissional rural, formação hoteleira e turística, secretariado e programas e métodos de formação profissional.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS METALÚRGICOS PRENDER OS CACIQUES ESMAGRAR A REACÇÃO AVANÇAR NA REVOLUÇÃO

1 — Hoje, todos o sabemos, a Revolução Portuguesa corre perigo; perigo de morte. Nunca, desde o 25 de Abril, se pôs com tanta clareza ao nosso povo a alternativa: revolução ou reacção, democracia ou fascismo, socialismo ou capitalismo.

2 — Por toda a parte a revolução e os revolucionários estão ameaçados. Em todo o lado as assassinas fascistas, os inimigos e os traidores do povo têm as mãos livres para agredir, assassinar, destruir e incendiar.

Sucedem-se os assaltos a sindicatos, autarquias locais e organizações políticas empenhadas na luta contra a exploração.

Os caciques locais, em liberdade, arrebanham e manipulam gente humilde e ingénua para concentrações e manifestações reacçãoárias nas quais o MFA e demais forças progressistas são caluniadas e donde se parte ao assalto das organizações revolucionárias.

3 — Em muitas zonas do País os democratas vivem em ambiente de terror fascista: sucedem-se os espancamentos, as ameaças de morte, a destruição e saque de residências e bens.

Em alguns locais os reacçãoários, os fascistas e seus aliados, reinam como donos e senhores enquanto os resistentes antifascistas de ontem e de hoje são forçados à clandestinidade como no tempo do fascismo.

4 — Hoje, o que está em jogo não é a hegemonia deste ou daquele partido como querem fazer crer os reacçãoários de todos os matizes; não se trata de saber qual a via para o socialismo em Portugal como o afirmam os traidores sociais-democratas; não se põe a questão de escolher entre moderados e revolucionários como o afirmam os agentes da contra-revolução: hoje a escolha é entre o 24 e o 25 de Abril, entre o regresso à ditadura e o avanço da revolução a caminho da sociedade sem classes.

5 — A classe operária, os nossos irmãos camponeses, o povo trabalhador, há muito fizeram a sua escolha de classe: queremos o fim da exploração do homem pelo homem, queremos o socialismo. Por ele lutamos e lutaremos até à vitória final.

Não nos iludem as roupas de esquerda que hoje veste a reacção; não desanimamos se alguns trabalhadores são manipulados e servem interesses que não são os da sua classe; não confundimos arrua-ceiros e incendiários assassinos ao serviço do capital com o nosso povo.

Como dirigentes operários que somos confiamos no presente e no futuro da nossa classe e de todo o povo trabalhador, sabemos que o processo revolucionário está ameaçado de morte mas que há forças bastantes para bater a reacção e seguir em frente rumo ao socialismo.

6 — Para tanto, não podem os revolucionários, sob pena de fazerem o jogo da reacção, continuar hesitantes.

As forças militares e militarizadas têm que assumir, por inteiro e de vez, o seu papel de defensores da ordem democrática, de braço armado do povo nos caminhos da revolução socialista.

A repressão implacável dos conspiradores fascistas é um acto revolucionário de que só não são capazes os que não estão verdadeiramente com a Revolução.

Não pode consentir-se que o terror fascista se instale, é preciso reprimir implacavelmente a violência reacçãoária.

Trata-se de salvar o 25 de Abril.

É preciso, é urgente prender todos os caciques locais, todos os que se sabe serem os cabecilhas do contragolpe que se prepara.

O povo sabe quem eles são. Há que ir buscá-los, prendê-los, não para os libertar dias depois como até aqui, mas para que o povo os julgue pelos seus crimes.

Isso tem que ser feito. Só assim a Revolução triunfará dos seus inimigos, só assim a reacção não passará, só assim venceremos.

VIVA A REVOLUÇÃO PORTUGUESA!

EM FRENTE CONTRA A REACÇÃO!

VIVA A ALIANÇA POVO-MFA!

EM FRENTE PELO SOCIALISMO!

Documento enviado ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, Conselho da Revolução, Assembleia do MFA, Copcon e 5.ª Divisão do Estado Maior General das Forças Armadas.

Subscrito pelos Sindicatos Metalúrgicos de: Aveiro, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Guarda, Guimarães, Faro, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal e Viana do Castelo; Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho, Sindicato dos Electricistas do Sul e Federação dos Sindicatos dos Profissionais de Escritório (Sul).

Lisboa, 7 de Agosto de 1975

Nacional

OTELO: "O POVO NÃO É REACCIONÁRIO" "FABIÃO: "VAMOS VER QUEM FORAM OS RESPONSÁVEIS"

«O povo nortenho que sendo português não é, de forma alguma reaccionário, encontrando-se porém descontente com uma Revolução que ainda não soube ir ao encontro dos seus reais e legítimos interesses, deve furtar-se conscientemente aos incitamentos à violência por parte de agitadores, evitando confrontos com forças militares que estão ao seu lado, para a construção de uma sociedade mais justa e feliz.»

Termina assim o comunicado do Copcon sobre a reunião, tida ontem no Porto, entre os generais Otelos Saraiva de Carvalho e Carlos Fabião e o brigadeiro Corvacho, além de comandantes e oficiais de unidades da Região Militar do Norte. Já se indica que o assunto principal desta reunião de militares toca a questão de como neutralizar a agitação reaccionária na zona e o reforço da operacionalidade das forças militares empenhadas na manutenção da ordem. O comunicado apela para a calma das populações, lembrando que nada se resolverá com actos de violência que poderão provocar «confrontos entre o povo e o M. F. A., o que só poderá interessar aos inimigos do povo.» Este texto nada adianta quanto à possibilidade deixada em aberto pelo próprio Otelos em declarações prestadas ao Rádio Clube da criação no Porto de uma companhia operacional de intervenção. Reconhece-se, no entanto, que as forças desta região se ressentem do desgaste físico e psíquico «devido ao seu empenhamento, noite e dia, em vários pontos quentes do Norte».

UMA CIDADE DIVIDIDA

Ontem, após uma pausa para o almoço, os generais Saraiva de Carvalho e Fabião e outras patentes do Exército dirigiram-se para a baixa onde almoçaram no restaurante «Girassol». Isso deu azo a que ali se juntasse uma pequena multidão que foi engrossando progressivamente. Terminado o almoço e já na rua, a multidão dividida vitoriosa ou vaiava Otelos. Gerou-se grande confusão o que deu lugar à intervenção dos fuzileiros para afastar as pessoas. Um indivíduo, que se diz emigrante, chamou-se Rogério Emídio Pires e ser natural de Bragança, que se encontraria desde Maio em Por-

tugal, foi preso por ter dirigido insultos àquela alta patente do Exército. Devido à aglomeração de pessoas o trânsito esteve durante algumas horas bastante dificultado na Rua de Sá da Bandeira.

Ao chegar de novo ao Q. G. a comitiva, foi recebida pela multidão que ali se concentrava entre vivas e apupos. Todavia o general Otelos viria mais tarde à varanda do edifício para agradecer à multidão que o aclamava.

O POVO NÃO É REACCIONÁRIO

Já no Aeroporto de Pedras Rubras, de volta a Lisboa, os generais Otelos e Fabião fizeram diversas e importantes declarações à imprensa: «Em muitos casos o povo tem razão» — afirmaria Otelos. «O povo não é reaccionário e isso é uma coisa fundamental. Quando se pretende identificar o povo com o Partido Comunista é um erro. «Para este general «a violência entre o povo pacífico é motivada por alguma causa forte» e «o que é importante é detectar as causas».

— Eu vejo — disse Otelos — com preocupação crescente a onda de violência que alastra pelo País. Veio de lá de baixo, de Rio Maior e do Bombarral, até ao Norte, pela faixa litoral. É certamente nociva e claro que não há Revolução Socialista que resista a toda uma avalanche de violência extraordinária, que se abate sobre casas, sobre escritórios de advogados e de progressistas, etc. «Não quero dizer de forma alguma que o M. F. A. esteja hipotecado ao Partido Comunista, como toda a gente quer fazer crer, conforme mesmo os comunistas muitas vezes parecem estar interessados nisso. Não quero de forma alguma dizer que o M. F. A. esteja hipotecado a qualquer partido. O que é inadmissível é que realmente sejam destruídas casas, bens e haveres, de pessoas que não têm nada com isso, que apenas defendem as suas ideias, ideias de que partilham muitas outras também. Não é admissível que portugueses destruam portugueses, ou os bens de outros portugueses, só pelo facto de discordarem das suas ideias.»

Outra informação importante dada pelo comandante do Copcon refere-se à intenção de aumentar os efectivos militares, ao contrário do que se previa antes do alastrar da agitação feita por agentes reaccionários: «há que aumentar substancialmente os efectivos se queremos, na verdade, fazer uma defesa da Revolução em condições, embora isso vá pesar economicamente na balança».

Por seu turno, o general Carlos Fabião afirmaria:

«A segurança de pessoas e bens é um dos princípios democráticos mais primários. Acho que passada toda esta onda vamos ver quem foram os responsáveis, todas as pessoas têm poder para exercer livremente as suas actividades. De outra maneira não haveria democracia nem liberdade.»

Lembrou ainda que a actual

onda de violência poderá gerar outras violências o que «não conduz a coisa nenhuma».

Foi hoje entregue aos órgãos de Informação um comunicado da U. S. P. / Intersindical, referente aos desacatos verificados em torno da presença de Otelos no Porto onde, depois de denunciar que houve aí uma «provocação orquestrada por parte de escasso número de reaccionários», se afir-

ma: «A União dos Sindicatos do Porto / Intersindical, interpretando o sentir de todos os trabalhadores, e acompanhando os que após tomarem conhecimento do infame acto se manifestaram junto ao Q. G. exigindo «Castigo para a Reacção, Fascistas para a Prisão», manifesta o seu repúdio pelo sucedido e reafirma o seu apoio ao M. F. A. na construção de uma sociedade socialista».

A SITUAÇÃO NO BOMBARRAL

Continuação da pág. 1

à vila e verificou-se um incidente de certa gravidade atribuível ao estado de tensão em que se vive. De passagem na vila o sr. Franklin Mil Homens, proprietário da tipografia Franklin, apudou um grupo de manifestantes de «reaccionários» e foi imediatamente agredido, tendo recolhido à sua residência de onde, mais tarde, foi forçado a seguir para o hospital da Misericórdia, encontrando-se ain-

da hospitalizado.

Como acima dissemos, a vila encontra-se praticamente cercada circulando, presentemente, nas ruas, viaturas militares que transportam soldados armados. O clima é tenso, prevenindo-se que a situação se complique a meio da tarde, tanto mais que se julga estarem a chegar à vila grupos de habitantes das aldeias circunvizinhas no manifesto propósito de se juntarem à multidão já aglomerada em frente do edifício da Câmara.

APOIO AO EPISCOPADO DE BRAGA

BRAGA, 8 — A comissão organizadora da manifestação de apoio ao Episcopado português acaba de distribuir um comunicado em que afirma ser impossível, nesta altura, suspender ou adiar esta manifestação que está a preocupar as autoridades e que deu origem a uma reunião das comissões administrativas dos Municípios do distrito bracarense, efectuada no Governo Civil da cidade. No decorrer desta reunião, foi decidido pedir aos organizadores da manifestação que a sus-

pendessem ou adiassem, dado o clima agitado em que se tem vivido no Norte do País. Com este comunicado, a comissão organizadora define a sua posição face ao pedido que lhe foi feito e, depois de declarar que a manifestação terá lugar no dia 10, conforme fora previsto, afirma não se responsabilizar por actos perturbadores levados a cabo por minorias, «visando quer a barragem das estradas, quer a criação de acidentes dentro da manifestação ou após».

SUSPENSÃO DA COMISSÃO

ADMINISTRATIVA DO MUNICÍPIO

DE S. JOÃO DA PESQUEIRA

S. JOÃO DA PESQUEIRA, 8 — Esta vila viveu ontem um dia verdadeiramente agitado que culminou com a demissão da comissão administrativa do Município presidida por Manuel Russo e constituída pelos srs. José do Nascimento Martins e Amaro Pinto da Silva. Aos gritos de «Morte ao comunismo!» e «Abaixo a comissão administrativa!», juntaram-se, logo de manhã, em frente do município, algumas centenas de pessoas a que depois se foram juntando muitas outras vindas de localidades circunvizinhas. O facto dos manifestantes possuírem uma instalação sonora perfeitamente adequada permitiu que as palavras de ordem fossem ouvidas por todos e se criasse um clima de exaltação que, a breve trecho, se apossou de todos os presentes. A meio da manhã os sinos da vila tocaram a rebate e, pouco depois, os manifestantes utilizaram a sirene dos bombeiros para atraírem ainda mais gente ao local. Cedendo perante a crescente pressão dos manifestantes, os membros da comissão administrativa demitiram-se imediatamente mas as autoridades tiveram de conduzir sob escolta o vereador Nas-

cimento Martins a sua casa para evitar que ele fosse atacado pela população minuto a minuto mais enfurecida. A tarde o governador civil de Viseu, eng. Manuel de Almeida, chegou à vila acompanhado do capitão Branco, da G.N.R. de Viseu, para fazer uma tentativa de resolver o problema. Ambas estas personalidades, vindam de S. Pedro do Sul onde tinham enfrentado uma situação quase semelhante. Falando da varanda do Município, o governador civil declarou não ter poderes para demitir a comissão administrativa mas apenas para a suspender nos termos do Código Administrativo, o que faria imediatamente. Para resolver definitivamente o problema, ficou resolvido que o governador civil voltará à vila na próxima terça-feira a fim de efectuar uma reunião em que participarão elementos eleitos por todas as freguesias do concelho que terá por objectivo eleger uma nova comissão administrativa com 5 membros. Apesar de todos os esforços, a multidão só dispersou à noite. Estiveram no local elementos das Forças Armadas de Lamego e forças da G.N.R. de vários pontos do distrito.

EM BRAGANÇA

OS PRIMEIROS PASSOS

DA AGITAÇÃO

BRAGANÇA, 8 — Embora, até agora, se não tenha registado no concelho de Bragança qualquer manifestação política «contestária» do tipo das que vão ocorrendo no Norte do País, tudo leva a crer que o ambiente está a ser preparado nesse sentido, já que começaram a aparecer, recentemente, nas paredes dos edifícios e nos muros das estradas, frases insultuosas para

o M. F. A. Assinadas pelas iniciais M. I. P. T. ou, mesmo, por Movimento de Libertação do Povo Transmontano, estas frases classificam o M. F. A. de usurpador e incitam o povo a aderir ao Movimento. Têm, também, sido distribuídos na região, panfletos neste mesmo sentido e apareceram, recentemente, no centro da cidade, cartazes que revelam estar o Movimento a ganhar terreno.

SAQUEADA MAIS UMA SEDE DO C.D.E.

PORTO DE ESPADA (MARVÃO) — Um grupo de cerca de 20 indivíduos assaltou a sede do M. D. P./C. D. E. desta vila e destruiu todo o seu mobiliário e documentação, como se vem tornando habitual nas manifestações deste tipo. Se-

gundo as informações que obtivemos, este assalto teve lugar no dia 4, tendo os assaltantes conseguido os seus intentos depois de uma primeira tentativa frustrada por elementos das Forças Armadas de Portalegre.

PROCESSOS DESTRUÍDOS

Encontram-se numa situação extremamente difícil vários trabalhadores de Vila Nova de Famalicão que tinham acções no Tribunal de Trabalho e cujos processos foram destruídos durante o assalto ao escritório do advogado Salvador Coutinho, consultor jurídico do Sindicato do Vestuário dos Distritos de Braga e de Viana do Castelo.

Como noticiamos no passado dia 5, o escritório deste advogado foi assaltado durante os tumultos que perturbaram a vida da vila nos últimos dias, tendo-se deslocado a Famalicão um delegado do Sindicato incumbido de tomar as medidas que forem necessárias e possíveis na defesa dos trabalhadores prejudicados.

SUSPENSÃO DA COMISSÃO

DE S. PEDRO DO SUL

S. PEDRO DO SUL, 8 — Uma multidão constituída por cerca de 3000 pessoas, muitas das quais presentes por ser dia de feira, juntaram-se ontem às dez horas em frente do edifício da Câmara Municipal desta vila, onde estava a decorrer uma reunião para se resolver a situação actual da sua Comissão Administrativa. Presidida pelo governador civil do distrito de Viseu, que se fizera acompanhar pelo capitão Branco da G. N. R. de Viseu e por cinco elementos das freguesias do concelho, a reunião apreciou alguns elementos apresentados enquanto, na via pública, o povo se manifestava ruidosamente gritando «O Povo ordeiro não quer o Gralheiro!» e outros «slogans» semelhantes. Terminada a reunião, o governador civil, falando da

varanda, agradeceu a forma ordeira como a manifestação decorreu e garantiu que, por dispor de elementos concretos, para tal, pediria hoje dia 8, ao ministro da Administração Interna a deposição da Comissão Administrativa contestada, que é presidida pelo conhecido dramaturgo Jaime Gralheiro e pelos senhores João da Silva Pinheiro, Figueiredo, Adriano de Almeida e Heitor de Almeida Girão, dos quais os três últimos se encontram ausentes em gozo de férias. Por último e depois de ter afirmado que a sessão decorreria de uma forma exemplar para todo o distrito, o governador civil retirou-se por ter sido chamado a S. João da Pesqueira, onde o povo também se juntara para exigir a imediata exoneração da Comissão Administrativa.

Otelos-Soares, quando?

"NÃO FAÇO IDEIA"

—disse Otelos

«Não faço ideia de quando me encontrarei com o dr. Mário Soares» — disse o general Otelos Saraiva de Carvalho ontem, no aeroporto de Pedras Rubras (Porto) à partida para Lisboa. Otelos viajava com o general Carlos Fabião e respondia a perguntas de jornalistas presentes.

«Encontrar-nos-emos quando tiver tempo e ele também o tiver, quando for oportuno para os dois» — disse ainda,

falando do encontro. Não há ta prevista. Será um encontro casual mas que tem sido largamente especulado, como acontece com tudo aquilo que a imprensa se pode agarrar para pôr notícias nos seus jornais. O encontro não obedece a qualquer data pre fixada, nem pode ser televisionado. A própria Televisão já telefonou para o Copcon a perguntar se podia televisionar esse encontro.»

CONFERENCIA DA LUAR

É PRECISO INCREMENTAR AS ESTRUTURAS DO PODER POPULAR

É preciso incrementar as estruturas do poder popular, que são embrionárias — disse Palma Inácio numa conferência de Imprensa, dada ontem à tarde pela LUAR, Liga de União e Acção Revolucionária, especialmente convocada para a organização expor as suas posições perante a situação política actual.

Palma Inácio falava do projecto político que a Liga tem em elaboração e divulgou alguns dos seus pontos fundamentais. O projecto poderá resumir-se a uma desmilitarização progressiva do Poder Revolucionário e ao incremento do poder popular. Assim, o Conselho da Revolução deveria ter participação de civis quer dizer, representantes de todas as forças políticas à esquerda do P. S. Haveria um período de transição de 3 a 5 anos, com o Conselho, a funcionar como órgão supremo. Durante este período, criar-se-iam as estruturas do poder popular, até à formação da Assembleia Popular, que poderia funcionar e decidir num plano de igualdade com a Assembleia de S. Bento (Constituinte). «A Revolução tem de incluir todas as forças autenticamente revolucionárias deste país ou será a frustração total» — disse Palma Inácio. Referiu-se depois ao Partido Socialista, suas cúpulas e bases. «O P. S. tem amplas bases de trabalhadores porque tem um programa revolucionário. Se a direcção o cumpre ou não, é o problema». Referiu-se ainda ao diferendo com Emídio Guerreiro, actualmente secretário-geral do P. P. D., diferendo de novo e recentemente levantado.

Fernando Pereira Marques historiou muito brevemente o que foram as actividades da LUAR num ano de legalidade. «Não somos — disse — financiados por nenhum bloco ou país, e desde o início propusemos a auto-organização operária e camponesa e o poder popular. Actuamos em três frentes: operária, através das comissões de trabalhadores; popular, comissões de moradores; e conselhos de aldeia e de autodefesa popular, pela ligação entre soldados, marinheiros e oficiais progressistas». Criticou o P. S. e acu-

souas deste, segundo as quais a LUAR seria um grupo «anarco-populista» e um «banda armada»: «somos um dos elementos da vanguarda revolucionária deste país». Falou do M. F. A. e das responsabilidades deste na resolução dos problemas que se levantam na situação actual.

Se as classes progressistas do M. F. A. e o conjunto dos trabalhadores derem as respostas e solucionarem estes e outros problemas nada evitará que o socialismo seja uma realidade neste país. Sobre a democracia, a liberdade, os grandes princípios «Em nome da democracia burguesa e da liberdade democrática levantaram-se em todo o mundo Van Thieu, Hitler, etc. Grandes princípios boicotaram o Chile de Allende, e agora, os mesmos grandes princípios pactuam com o Chile de Pinochet». Sobre a actuação de certos grupos de certas forças de esquerda: «Muitas vezes, as forças de esquerda caracterizam-se pela impossibilidade de se saberem situar em relação às situações concretas deste país. A autoridade revolucionária é fundamental, mas não é nada, se não ligarmos à definição do bloco que apoia a revolução e ao projecto que a envolve». Mais «Se não se resolver a questão fundamental do poder político, do poder central, se não se criar um Governo Revolucionário, com um mínimo de estabilidade revolucionária, não só não é possível dar as respostas necessárias aos terríveis problemas de ordem económica que nós temos, como também não será possível concretizar sequer aquele projecto de poder popular definido há pouco tempo pela Assembleia do M. F. A. «Isto porque, disse ainda, não se faz uma revolução sem autoridade revolucionária».

FIXADOS PREÇOS PARA O LEITE E O QUEIJO

Nas zonas de recolha não organizada, o leite não poderá ser vendido a preço superior a 6\$00 por litro ao consumidor — determina uma portaria do «Diário do Governo». O leite pasteurizado com três por cento de gordura e do leite comum mantêm os seus preços de venda, nos estabelecimentos e ao domicílio.

A portaria determina também que nas localidades onde se proceda ao abastecimento de leite pasteurizado, os consumidores colectivos, indústria e estabelecimentos hoteleiros e similares só poderão ser abastecidos daquele leite em bilhas, garrafas e embalagens perdidas.

BADAJOZ: NÃO AO ESCUDO

BADAJOZ, 8 — (F. P. — Três dos doze bancos que operam em Badajoz recusam-se a comprar escudos, sabe-se nos meios bancários desta cidade fronteiriça. Ao que se julga, aguardam novas instruções pa-

Mantêm-se os preços máximos de venda ao público do leite especial e do ultrapasteurizado, conforme o estabelecido em portaria de Setembro. Os preços máximos no armazém do fabricante e na venda ao público, por quilograma, dos queijos tipo «flamengo» (nacional e estrangeiro) e «ilha», com mais de 45 por cento de gordura, no continente e ilhas adjacentes, são os seguintes: 62\$50 (no armazém); 75\$00 (venda ao público). As variantes para o arquipélago dos Açores são 52\$50 e 63\$00.

Os preços máximos de venda para o leite em pó e produtos dietéticos derivados do leite mantêm-se igualmente.

ra retomarem as transacções com a moeda portuguesa.

Quando aos outros bancos, limitam as suas operações de câmbio a 2500 escudos por dia e por pessoa.

BASES CRITICAM P.S.

Num importante documento político destinado a ser discutido na próxima reunião da Comissão Nacional do P. S., um grupo de militantes critica a linha de actuação geral deste Partido. Do grupo, fazem parte dois membros do Secretariado Nacional.

O texto começa por explicar as razões que levaram estes militantes «António Anselmo Anibal, António Pereira Rodrigues, João Guterres, João Madeira Rodrigues, Maria João Madeira Rodrigues e Silvino Manuel C. Rego» a tomar a iniciativa do documento.

As atitudes assumem-se e justificam-se. Ao assumir uma atitude crítica que passamos a expor, os dirigentes e militantes do P. S. que a subscrevem consideram-se intérpretes de um estado de espírito presente em muitos militantes do P. S. e nessa condição entendem seu dever justificá-la publicamente.

Entendem os signatários que a linha política oficial do Secretariado do P. S. está nos seus aspectos estratégicos e táticos, em clara contradição com a linha aprovada no Congresso de Dezembro 74. Fiéis à linha do Congresso pretendem apreciar essa contradição que se considerará analiticamente e se reconhece como assente numa prática política que privilegia alianças de classe, contrárias ao pensamento marxista de que nos reivindicamos. Essa contradição consegue assumir ao nível dos órgãos oficiais do P. S. um carácter pouco contestado organicamente pelas bases porque, internamente, no P. S. se tem diminuído toda a espécie de análise científica da realidade portuguesa e se tem subalternizado o diálogo Secretariado - estruturas directivas - bases. É esclarecedor e extremamente grave conhecer a periodicidade inadequada com que a Comissão Nacional e Directiva, estruturas máximas de poder no Partido, se reúnem, salientando-se, assim, uma verdadeira usurpação de todos os poderes políticos pelo Secretariado Nacional.

Assim, justifica-se uma atitude que longe de violar a disciplina partidária antes a recoloca dialecticamente uma vez que se considera subalternizado o direito à crítica construtiva e à tendência conforme estatutos (art. 29.).

Julgam ainda também que a linha política do Secretariado Nacional é imprópria no contexto da complexa situação de luta de classes em Portugal. O isolamento em que o P. S. se está a colocar em relação às forças de esquerda, orientadas para a construção do socialismo em Portugal, o alarmismo e catastrofismo com que é analisada a realidade portuguesa, o isolamento, afastamento, retirada dos centros de decisão e das estruturas governamentais são, da parte de um partido com as responsabilidades do P. S., pela sua composição social e pelo marxismo criador de que se reclama, altamente negativas nas tarefas imensas de trabalho comum-aliança de classe que são necessárias para a vitória sobre o passado e sobre a sua «ordem».

Os dirigentes e militantes que, publicamente, tomam esta atitude fazem-no depois de ao P. S. terem dedicado muito do seu tempo e preocupação. Responsáveis todos, dois deles são membros do Secretariado Nacional (órgão executivo máximo do Partido), um deles é membro da Comissão Directiva e Nacional e 1.º deputado eleito pelo distrito de Setúbal e dois têm estado ligados às

acções da formação ideológico-política que se têm vindo a realizar.

No ponto consagrado à situação do processo revolucionário, o documento diz o seguinte:

«Sem abdicar da cooperação internacional temos, no entanto de estar conscientes de que o capital mais importante de que dispomos é a força e capacidade de resistência dos portugueses face às duras tarefas que os esperam. A interdependência de um povo que conquista a sua liberdade passa pela batalha económica, já que do seu trabalho decorre o processo que conduz ao socialismo, de acordo com o exercício da sua vontade colectiva».

Além do desenvolvimento de uma política económica de reconstrução nacional e de austeridade tendentes a equilibrar a balança de pagamentos e da resolução dos problemas decorrentes do desemprego é necessário a autodisciplina no trabalho de modo a incrementar-se a produção. A necessária clarificação do campo político e a planificação das fases da transição para o socialismo, são prioritárias para restaurar a autoridade no campo económico e conseguir a superação da contestação estéril no mundo do trabalho, retomando a confiança dos trabalhadores para as tarefas imperativas da reconstrução económica.

«A transição para o socialismo encontra-se numa fase particularmente crítica. Duas alternativas parecem viáveis ainda na actual desarticulação da antiga ordem burguesa: o neocapitalismo — sob a capa da social democracia ou um intervencionismo dirigista de Estado — ou socialismo — resurgido das conquistas feitas e sob uma forte direcção política revolucionária e anticapitalista. O neocapitalismo poderia surgir da necessidade de impor a «ordem» perante a anunciada catástrofe, através de um regime de força que voltasse a submeter as massas estas entretanto, já romperam com os anteriores laços hierárquicos no campo das relações sociais e do trabalho e serão dificilmente domináveis. A burguesia portuguesa com Spinoza no poder, tentou corroer a revolução internamente, situação que assumiu particular evidência pública nos golpes Palma Carlos e no 28 de Setembro; confiava no seu homem carismático, e apoiava-se nas forças políticas da direita e em individualidades sociais-democráticas colocadas, aparentemente, em posições progressistas».

O 28 de Setembro deslocou o M. F. A. para a esquerda alicercando entretanto, nos forças contra-revolucionárias, a convicção de que só pelo caos económico-social era possível impedir a socialização do País. A partir do 11 de Março esta tentativa de aceleração foi feita pela burguesia, apoiando-se claramente no capitalismo internacional (boicote ao crédito, manipulação da opinião pública internacional e dos emigrantes portugueses, redução do mercado externo), jogando internamente com as ambiguidades do poder político e com campanha eleitoral, tentando dividir o País ao meio e radicalizar-se no Norte, na província e nas zonas mais densamente povoadas do interior».

«P. S. FAVORECE CONTRA-REVOLUÇÃO»

O P. S. não tem oposto dialecticamente uma estratégia

para a consolidação da revolução em que se consigam unir as forças políticas socialistas e o M. F. A., mobilizando os trabalhadores no terreno da luta de classes na defesa das liberdades de classe, de conteúdo bem definido. Ora o que se tem criado é um estado de sítio alarmista que favorece a contra-revolução, que divide em dois campos de luta as forças anticapitalistas e que cria um grave problema cuja solução urge encontrar realizando um projecto comum do Governo que consiga animar a capacidade de mobilização das massas camponesas e da pequena burguesia, levando-as a aderir aos objectivos da luta do operariado urbano, de molde a que não se perca a base social de apoio à revolução.

«No campo da política externa há que actuar de forma conducente à efectiva interdependência nacional, garante último dos trabalhadores portugueses interpretando a ligação à Europa, não em termos de hipoteca política ou económica ao capitalismo europeu e diversificando as relações com o bloco socialista e com o Terceiro Mundo capazes de nos abrir novos mercados e de reforçar o intercâmbio socialista».

Referido-se à construção de uma linha de acção revolucionária, o documento afirma: «Uma linha de acção revolucionária não pode privilegiar ataques à esquerda abrindo um contencioso de divisão, entre as forças de algum modo interessadas no socialismo, estimulando o ressurgimento do anticomunismo primário, servindo de biombo à reacção e prejudicando igualmente a necessária crítica ao exclusivismo paternalista e dogmático de orientação marxista-leninista».

A crítica revolucionária à esquerda deve ser o acentuar daquilo que nos diferencia — no método e vias de acesso ao socialismo — e não assumir um criticismo de tal ordem que bloqueie e crie dificuldades insuperáveis ao estabelecimento de uma linha activa e comum.

Por outro lado ainda não se estabeleceram a estratégia de construção do socialismo e as linhas de força necessárias pa-

ra equilibrar a imagem projectada pelo partido, durante e após o acto eleitoral, parecendo dar-se o seu aproveitamento cheio de ambiguidades estruturalmente opostas à construção do socialismo em Portugal e, naturalmente, perturbadoras para as bases que se encontram perplexas perante a posição do partido na oposição, juntamente com as forças não socialistas e a que acresce uma sugestão de hostilidade ao M. F. A. manifestada em declarações aparentemente descuradas e discutiáveis.

«A linha política do Secretariado Nacional do P. S. conduziu objectivamente ao alinhamento no bloco conservador contra a necessidade histórica do proletariado, o que representa passos de toda uma estratégia que tem vindo a ser enterrada pelos partidos socialistas mais avançados, uma vez que julgamos não se querer constituir um forte partido de ascendência social-democrata. Apesar da diferenciação dos partidos que pretendem a revolução é necessária a formação de um bloco anticapitalista, sendo essencial à Revolução que este distanciamento progressivo das forças da esquerda não se continue a dar, ou a agravar-se».

«O P. S. FAZ O JOGO DO BLOCO CAPITALISTA»

«A estratégia do P. S. só deveria portanto ser a de encabeçar a construção do bloco histórico anticapitalista capaz de aglutinar a base social da revolução e garantir o seu avanço e nunca fazer o jogo do bloco capitalista da burguesia, sob a capa de defesa de uma democracia política, perfeitamente desinserida da prática da luta revolucionária».

Em conclusão, o documento afirma que a auto-exclusão do P. S. de uma atitude construtiva face aos desbloqueamento do avanço da situação do poder político e isolamento sem alternativa dos centros do Poder não é portanto a tática correcta para a defesa dos interesses de classe que representa».

COMÍCIO DO P.S. EM SALVATERRA

«Depois de cinquenta anos o povo português não quer voltar a uma ditadura» — disse Mário Soares ontem em Salvaterra de Magos num comício do P. S. que se realizou na praça de Touros desta vila. «A atitude do Primeiro-Ministro — disse — é aventura que só pode aproveitar às forças reacçãoárias».

O comício foi muito assistido — milhares de pessoas — e falaram, Natal Vaz, Lopes Cardoso, António Reis de Maria Barroso, entre outros oradores. Mário Soares referiu-se à carta enviada por diversos militares (Melo Antunes, Vitor Alves e outros) ao Presidente da República e acusou a 5.ª Divisão do EMGFA de responsável pela situação deteriorada em que o

País vive actualmente. Pediu a compreensão e a ajuda de todos para os refugiados de Angola. Referiu-se ao desemprego para dizer que só há uma solução para o problema: os investimentos (internos e externos) e a ajuda dos países europeus, a Alemanha, a França, a Itália e a Inglaterra, nomeadamente. Apontou a necessidade de um «Governo de salvação nacional». Criticou a imprensa pelo pouco relevo que está a dar às actividades do P. S. Censurou o atraso com que estão a organizar-se os processos dos detidos desde 25 de Abril do ano passado. Pediu ao general Costa Gomes — para resolver a situação em que o País se encontra — uma atitude enérgica.

ATRASO DE COMBOIOS

Devido ao descarrilamento, em San Sebastian, de um comboio de mercadorias, os comboios vindos do estrangeiro chegarão, hoje a Lisboa com um atraso de cerca de dez horas. A chegada do Sud Express, que deveria verificar-se às 11 e 45, está, assim, prevista para as 23 horas.

ORDEM DOS MÉDICOS

COIMBRA, 8 — Na secção regional de Coimbra da Ordem dos Médicos realizou-se uma assembleia geral extraordinária a fim de deliberar quanto à transformação da Ordem em Sindicato. Optaram pela continuação da Ordem (ou mudança do nome para Associação Médica).

Nacional

NOVE MEMBROS DO C.R. DEFENDEM EM DOCUMENTO CONJUNTO

SOCIALISMO SEM VIOLAR A VONTADE DA

Nove oficiais das Forças Armadas, oito do Exército e um da Marinha, todos no activo, e todos membros do Conselho da Revolução, entregaram ao presidente da República um documento conjunto em que basicamente defendem a imperiosa e consciente escolha de uma «via para o socialismo», isto «sem violar a vontade da grande maioria dos portugueses, conquistando hesitantes ou descontentes pela persuasão e o exemplo». O texto, que se sabe ter sido ultimado no passado fim-de-semana, traz as assinaturas do capitão Vasco Lourenço, major Canto e Castro, comandante Vitor Crespo, major Costa Neves, major Melo Antunes, major Vitor Alves, brigadeiro Franco Charais, brigadeiro Pezarat Correia e capitão Sousa e Castro.

Ao revelar ontem em primeira mão este documento, o nosso colega «Jornal Novo» dava-lhe o nome de Melo Antunes, com exclusão dos outros oito, o que não se depreende do texto. Sabe-se, entretanto, que um número indeterminado de oficiais aderiu já ao seu espírito e à sua letra.

Quanto ao peso político desta peça, e para além da tentativa de definição de uma proposta alternativa para o actual curso do processo revolucionário, basta referir que traz a caução-la dos ex-ministros (Melo Antunes e Vitor Alves), um ex-alto-comissário (Vitor Crespo, em Moçambique até à independência), dois comandantes de Regiões Militares (Franco Charais, do Centro, e Pezarat Correia, do Sul) e o habitual porta-voz do Conselho da Revolução (Vasco Lourenço).

Eis na íntegra, o impropriamente chamado «Documento Melo Antunes»:

Excelência,

1. Os recentes desenvolvimentos da situação política em Portugal, incluindo o que tem vindo a processar-se no interior das Forças Armadas, decidiram um grupo de oficiais a tomar uma posição crítica relativamente aos acontecimentos mais em foco no desenrolar dos diversos episódios que têm pautado a conturbada vida política dos portugueses nas últimas semanas.

Parece a esses oficiais que se chegou a um ponto crucial do processo revolucionário iniciado em 25 de Abril de 1974 e que é o momento das grandes opções, tomadas com serena e inquebrantável energia, em relação ao futuro deste país.

Parece-lhes, também, que é o momento de se clarificarem posições políticas e ideológicas, terminando com ambiguidades que foram semeadas e progressivamente alimentadas por todos aqueles que, dentro e fora das Forças Armadas, estavam interessados no descrédito de uns tantos para melhor poderem fazer valer e impor as suas próprias ideias.

Recusam, à partida, os oficiais que por esta forma se manifestam, o epíteto de divisionistas, com que têm tentado denegri-los, tendo-se chegado ao escandaloso despudor de se sugerir a sua expulsão das F.A. Eles não abdicam do seu direito de crítica, direito esse que, num tão grave momento da vida nacional, assume o carácter de dever patriótico.

2. O Movimento das Forças Armadas nasceu do espírito e do coração de um punhado de oficiais democratas, patriotas e antifascistas que decidiram pôr termo a uma longa noite fascista e iniciar com todo o Povo português, uma nova caminhada de paz, progresso e democracia, na base de um Programa Político universalmente aceite e respeitado. Sabe-se como as grandes movimentações das massas populares abriram novas perspectivas à revolução democrática iniciada em 25 de Abril de 1974 e como, a partir sobretudo das eleições gerais para a Assembleia Nacional Constituinte, a via para o socialismo passou a ter carácter irreversível.

O «Programa do Movimento das Forças Armadas» era o elemento teórico da revolução democrática mas continha já o essencial das propostas políticas que apontavam para um dado modelo de socialismo. Em virtude disso, o pensamento de es-

querda subjacente à elaboração do Programa não foi em nada ferido pelos chamados avanços do processo revolucionário, onde e quando essas avanços corresponderam efectivamente à destruição das estruturas políticas, económicas e sociais do antigo regime e foram na prática, substituídas por novas estruturas operativas e actantes, base de uma nova organização político-social de raiz socialista.

Infelizmente, porém, quase nunca se verificaram transformações deste tipo.

«DECOMPOSIÇÃO DAS ESTRUTURAS DO ESTADO»

Assitiu-se, sim, ao desmantelamento de meia dúzia de grandes grupos financeiros e monopolistas mas, paralelamente, e à medida que as nacionalizações se sucediam a um ritmo impossível de absorver, por muito dinâmico que fosse o processo e por maior que fosse o grau de adesão do povo, sem grave risco de ruptura do tecido social e cultural pré-existente — é o que se verifica actualmente, foi-se assistindo à desagregação muito rápida das formas de organização social e económica que serviam de suporte à largas camadas da pequena e média burguesia, sem que fossem criadas novas estruturas capazes de assegurar a gestão das unidades produtivas e dos circuitos económicos e de manter o mínimo indispensável de normalidade nas relações sociais entre todos os portugueses.

Entretanto, o paralelamente, verificou-se a progressiva decomposição das estruturas do Estado. Formas selvagens e anárquicas de exercício do poder foram-se instalando um pouco por toda a parte até no interior das F.A., retirando proveito dessa desordem as organizações ou formações partidárias mais experientes e ávidas do controlo dos vários centros do poder. O MFA, que inicialmente se havia afirmado como suprapartidário, viu-se cada vez mais enleado nas manipulações politiquieiras de partidos e organizações de massas, acabando por se ver comprometido com determinação do projecto político que não correspondia nem à sua vocação inicial nem ao papel que dele esperava a maioria da população do país, o de guia e condutor de um processo de transformação profunda da sociedade portuguesa, com um claro projecto político de transição para



Brigadeiro Francisco Charais

o socialismo, independente dos partidos, embora sem dispensa do seu concurso e com a mais ampla base social de apoio possível.

«A FASE MAIS AGUDA DA DESCOLONIZAÇÃO»

3. O país encontra-se profundamente abalado, defraudado relativamente às grandes esperanças que viu nascer com o MFA. Aproxima-se o momento mais agudo de uma crise económica gravíssima, cujas consequências não deixarão de se fazer sentir ao nível de uma ruptura, já iminente, entre o MFA e maioria do Povo português. Alarga-se, dia-a-dia, o fosso aberto entre um grupo social extremamente minoritário parte do proletariado da zona de Lisboa e parte do proletariado alentejano, portador de um certo projecto revolucionário, e praticamente o resto do país, que reage violentamente às mudanças que uma certa vanguarda revolucionária pretende impor, sem atender à complexa realidade histórica, social e cultural do Povo português.

Finalmente, a fase mais aguda da descolonização Angola chega, sem que se tenha tomado em consideração que não era possível descolonizar, garantindo uma efectiva transição pacífica para uma verdadeira coesão interna do poder político, e sem, sobretudo, se ter deixado de considerar que a descolonização devia continuar a ser, até se completar, o principal objectivo nacional. Vemo-nos agora a braços com um problema em Angola que excederá provavelmente a nossa capacidade de resposta, gerando-se um conflito de proporções nacionais que poderá, a curto prazo, ter catastróficas e trágicas consequências para Portugal e para Angola. O futuro de uma autêntica revolução em Portugal está, em todo o caso, comprometido, em função do curso dos acontecimentos em Angola, à qual nos ligam responsabilidades históricas inegáveis para além das responsabilidades sociais e humanas imediatas para



Comandante Vitor Crespo

com os portugueses que lá trabalham e vivem.

«E PORQUE NÃO COMISSÃO DE CENSURA?»

4. Todo este grave conjunto de aspectos da vida nacional têm vindo sistematicamente a ser escamoteados e, mais do que isso, profundamente adulterados, por larga parte dos meios de comunicação social, através de um rígido controlo partidário que sobre eles se exerce — particularmente dos nacionalizados — assistindo-se hoje ao degradante e vergonhoso espectáculo da corrida de uma boa parte da população aos noticiários de emissoras estrangeiras sobre o nosso país.

Como se isto não fosse já bastante, foi-se ao cúmulo de preparar um projecto de diploma que, ao instituir uma comissão de análise (e porque não comissão de censura?) servirá de ferro de lança apontado aos últimos e resistentes baluartes da imprensa livre neste país.

«DIRIGISMO BUROCRÁTICO TÍPICO DE REGIMES TOTALITÁRIOS»

5. Não se pretende esgotar, neste documento, a crítica à acção do regime instaurado após o 25 de Abril ou, em especial, das instituições após o 28 de Setembro de 1974. Recentemente, muitas contribuições críticas têm vindo a público que, no essencial, esclarecem sobre as debilidades fundamentais do actual regime.

Importa, ao grupo de oficiais que entendeu chegado o momento de tomar posição, definir-se tão claramente quanto possível, perante o Povo português e relativamente às várias instâncias de poder político e, em particular ao MFA, assim, entendem deixar expresso, o seguinte:

Recusam o modelo de sociedade socialista tipo europeu-oriental a que fatalmente seremos conduzidos por uma direcção política que crê, obstina-



Major Canto e Castro

damente, que uma vanguarda assente numa base social muito estreita fará a revolução em nome de todo o povo, e que tem, na prática, tolerado todas as infiltrações dessa vanguarda nos centros de poder político e nas estruturas militares.

O dirigismo burocrático típico de regime totalitários é frontalmente negado por aqueles que lutaram no passado contra o fascismo e coerentemente se colocam agora numa perspectiva de luta contra novas formas de totalitarismo.

CONTRA O MODELO DE SOCIEDADE SOCIAL-DEMOCRATA

Recusam o modelo de sociedade social-democrata em vigor em muitos países da Europa Ocidental, porque acreditam que os grandes problemas da sociedade portuguesa não podem ser superados pela reprodução no nosso país dos esquemas clássicos do capitalismo avançado.

Seria um erro trágico, no momento em que tudo leva a crer que se avizinha uma crise geral e global do capitalismo, que se tentasse, mesmo à custa de benefícios reais imediatos mas manifestamente ilusórios, a repetição das experiências sociais-democratas.

CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO «AOS RITMOS ADEQUADOS»

Lutam por um projecto político de esquerda, onde a construção de uma sociedade socialista — isto é, uma sociedade sem classes, onde tenha sido posto fim à exploração do homem pelo homem — se realize aos ritmos adequados à realidade social concreta portuguesa, por forma a que a transição se realize gradualmente, sem convulsões e pacificamente.

Este objectivo só será atingido se, à teoria leninista da vanguarda revolucionária, impondo os seus dogmas políticos de forma sectária e violenta, se opuser a estratégia alternativa



Major Melo Antunes

da formação de um amplo e sólido bloco social de apoio a um projecto nacional de transição para o socialismo.

Este modelo de socialismo é inseparável da democracia política. Deve ser construído, pois, em pluralismo político, com os partidos capazes de aderir a este projecto nacional. Este modelo de socialismo é inseparável, ainda, das liberdades, direitos e garantias fundamentais. Não se nega que possam sofrer transformação do seu conteúdo à medida do avanço do processo histórico. No entanto, uma concepção revolucionária de socialismo, para um país europeu como Portugal, inserido no contexto geopolítico e estratégico em que se encontra, e com o passado histórico e cultural que é o seu, não desvincula o problema fulcral da liberdade humana do da construção do socialismo.

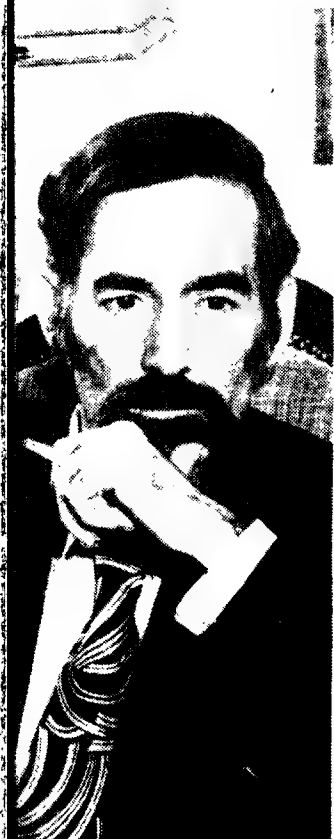
«AUTÊNTICA INDEPENDÊNCIA NACIONAL»

Reclamam em lutam por uma autêntica independência nacional tanto política como económica, o que significa aplicação coerente de uma política externa adequada às nossas realidades históricas culturais e geopolíticas, o que implica

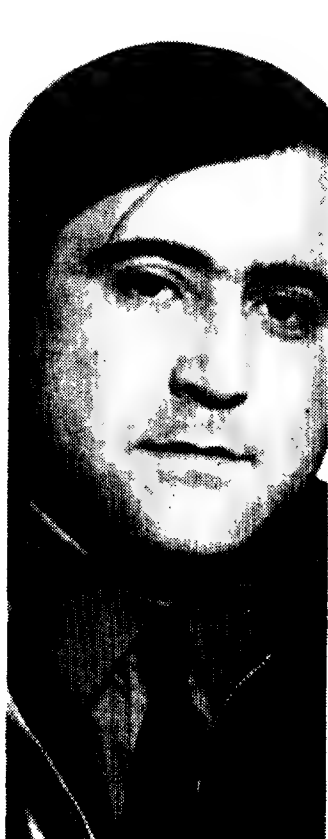
abertura de relações com todos os países do mundo, na base da igualdade, respeito mútuo e não ingerência nos assuntos internos de cada país, tendo em conta a necessidade de independência relativamente às grandes potências manutenção das nossas ligações com a Europa, reforçando e aprofundando as relações com certos espaços económicos CEE, EFTA; franca abertura em relação ao Terceiro Mundo com particular relevo para as nossas antigas colónias e países árabes; aprofundamento das relações com os países socialistas do Leste europeu, desenvolvimento de uma estratégia da área do Medi-

Nacional

MAIORIA



Major Vitor Alves



Capitão Vasco Lourenço

terrâneo, em conjugação com todos os países interessados, tanto europeus como árabes.

RECUPERAR A IMAGEM PRIMITIVA DO M.F.A.

Lutam por recuperar a imagem primitiva do M.F.A., no sentido em que o M.F.A. só teve aceitação universal enquanto aparelho autónomo de produção política e ideológica.

Assim se explica o consenso que se formou em torno do seu Programa. Considera-se indispensável, pois, para a resolução correcta da crise gravíssima que o país atravessa, que o M.F.A. não só se afirme suprapartidário como desenvolva uma prática política realmente isenta de toda e qualquer influência dos partidos. Só assim reunirá condições para recuperar a sua credibilidade e cumprir a sua vocação histórica de árbitro respeitador e motor do processo revolucionário.

Só assim, também, poderá esperar que um grande bloco social de apoio, englobando proletariado urbano e rural, pequena burguesia e largos estratos da média burguesia incluindo técnicos e intelectuais progressistas, possa ainda formar-se, criando a base de sustentação indispensável à realização prática das grandes transformações por que deve passar a sociedade portuguesa.

QUESTÃO DO PODER

Recusam a instituição de uma política que assente em medidas e práticas demagógicas, qualquer que seja o seu carácter, que mais não são do que a prova da real incapacidade de equacionar os grandes problemas da sociedade portuguesa e de lhes encontrar soluções adequadas e justas, termos de uma política de equilíbrio e verdade, única forma legítima de obter uma ampla mobilização das bases sociais de apoio.

Entendem que a tão fadada questão da crise de autoridade

de reflecte a questão mais geral do poder político: onde se situa o poder político? Quem é o seu real detentor? Como faz uso dele?

Julga-se que a questão do poder não é tanto o problema do poder ao nível das instâncias governativas como ao nível do M.F.A. Isto é a questão do poder é a questão do poder no interior do M.F.A.

A clarificação deste problema é tarefa prioritária. Sem isso, não é possível atacar a fundo o problema da organização do Estado, evitando a sua completa ruína. As divergências surgidas no seio do M.F.A. são o reflexo de projectos ideológicos distintos. Projectos incompatíveis entre si, pois não é possível conciliar uma concepção totalitária de organização da sociedade com uma concepção democrática e progressista ou ainda com vagas concepções populistas de feição anarquizante.

PROJECTO «SOCIALISTA», ANARQUISMO E POPULISMO

É necessário denunciar vigorosamente o espírito fascista subjacente ao projecto que, dizendo-se socialista, acabará na prática de uma ditadura burocrática dirigida contra a massa uniforme e inerte dos cidadãos de um país.

É necessário repelir enérgicamente o anarquismo e o populismo que conduzem inevitavelmente à catastrófica dissolução do Estado, numa fase de desenvolvimento da sociedade em que, sem Estado, nenhum projecto político é viável.

«DIRECÇÃO POLÍTICA CADA VEZ MAIS FLUIDA»

A resolução da crise do poder no interior do M.F.A. é, portanto, da questão do poder ao nível do Estado não terá, porém, saída, enquanto tratada apenas ao nível dos diferendos ideológicos. É indispensável, na prática, encontrar solução adequada para o problema da dispersão dos centros do poder. Sem o mínimo de unidade de

comando a direcção política revelar-se-á cada vez mais fluida, vagando perdida no mar encapelado de decisões arbitrárias de uma 5.ª Divisão do M.F.A., de assembleias militares ad-hoc reunidas imprevisivelmente e misteriosamente, de gabinetes de dinamização do Conselho da Revolução, do COPCON, de sindicatos, etc.. Ao Governo, nestas condições, que espaço político de manobra lhe resta e com que autoridade actua? Nenhum plano poderá ser coerentemente concebido e aplicado sem um Governo que, por um lado, não deixe margem para dúvidas quanto à sua capacidade de execução do projecto político global definido pelo M.F.A. e que, por outro, seja revestido da autoridade necessária para se fazer obedecer.

O RIDÍCULO

6. Em cada dia, a cada hora que passa, multiplicam-se os sinais evidentes de uma agitação social que tende perigosamente a alastrar, submergindo o país numa onda de violência incontável.

Acumulam-se factores que geram a promoção de uma ampla base social de apoio ao regresso do fascismo. É o ridículo dizer-se, como certas formações políticas e certos órgãos de Informação, que são, manobras da reacção, descontentamento, o mal-estar, a angústia, são reais e por demais evidentes e têm a sua causa profunda em erros de direcção política acumulados ao longo dos últimos meses e em desvios graves de orientação no interior do próprio M.F.A.

«SOCIEDADE DE TOLERÂNCIA E DE PAZ»

Que fazer? Encontramo-nos em mais uma encruzilhada da história, e é ao M.F.A. uma vez mais, que compete assumir o peso maior das responsabilidades para com o Povo português.

É imperioso escolher conscientemente a via para o socialismo, sem violar a vontade da grande maioria dos portugueses, conquistando hesitantes ou descontentes pela persuasão e o exemplo. Terá de competir ao M.F.A. em completa independência dos partidos políticos, mas tendo em conta o papel que estes podem e devem representar, definir um projecto político de transição para o socialismo.

É preciso, finalmente, conduzir a confiança dos portugueses, acabando os apelos ao ódio e as incitações à violência e ao ressentimento. Trata-se de construir uma sociedade de tolerância e de paz e não uma sociedade sujeita a novos mecanismos de opressão, o que não poderá ser realizado com a actual equipa dirigente, ainda que parcialmente renovada, dada a sua falta de credibilidade e manifestada incapacidade governativa.

É preciso, finalmente, conduzir o país, com justiça e equidade, e segundo regras firmes e estáveis, em direcção ao socialismo, à democracia e à paz.

capitão Vasco Lourenço
major Canto e Castro
comdt. Vitor Crespo
major Costa Neves
major Melo Antunes
major Vitor Alves
brig. Franco Charais
brig. Pezarat Correia
cap. Sousa e Castro

Directório e Copcon tomam posição

Sobre o documento entregue ontem ao Presidente da República com as assinaturas de nove oficiais das Forças Armadas, o Directório político-militar emitiu esta madrugada o seguinte comunicado:

«O Directório, ao tomar conhecimento da forma incorrecta e atentória da disciplina e ética militar que traduz a circulação de um documento dirigido ao Presidente da República por um grupo de oficiais e já tornado público em alguns órgãos de comunicação social, condena firmemente esta atitude, que considera gravemente

perturbadora do processo revolucionário em curso, divisionista e visando possibilitar o prolongar da actual crise política, na véspera da posse do novo Governo, o que, em definitivo, aproveita a escalada reaccionária que explora a presente situação em detrimento do povo português. Conforme estava previsto, o novo Governo tomará posse perante este Directório, hoje, pelas doze horas.»

Horas antes pronunciara-se já o Copcon através do seguinte texto:

«A propósito de mais uma notícia especulativa saída hoje

a lume na terceira edição do «Jornal Novo», o Copcon informa não ter havido adesão do general Otelo Saraiva de Carvalho ao conteúdo do documento citado na primeira página daquele vespertino e que o mesmo general considera pernicioso para o processo revolucionário em curso, tal forma de proceder, pelo divisionismo que provoca entre camaradas com diferentes pontos de vista sobre problemas de carácter político, sobretudo quando o documento tornado público é posto a circular para recolha de assinaturas.»

NUM COMÍCIO:

O JURI DE JOSÉ DIOGO AMANHÃ EM CAMPOLIDE

O júri que julgou José Diogo em Tribunal Popular na cidade de Tomar vai realizar um comício amanhã à noite no pavilhão do Clube Atlético de Campolide. A sessão é a propósito da escalada reaccionária que está a registar-se em todo o País, designadamente no Norte, e das «lições que daí devem tirar todos os antifascistas, da necessidade de opor ao velho direito reaccionário burguês a justiça popular» — diz a Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas, de onde a notícia nos vem.

A propósito da escalada reaccionária «que neste momento varre todo o País», diz a A. E. P. P. A. que ela «só vem provar a justeza daquilo que os revolucionários e as or-

ganizações autenticamente antifascistas nunca se cansaram de apontar ao povo: só desencadeando a violência revolucionária esmagaremos o inimigo fascista». Isto — diz a A. E. P. P. A. — «é uma lei histórica e uma lição que podemos e devemos tirar do Chile e da própria situação em Portugal. Para a A. E. P. P. A. há uma (só uma) alternativa: «ou o es-

magamento total da fera fascista e a democracia para o povo, ou o regresso implacável do fascismo e a repressão para todo o povo português.

A sessão de amanhã começa às 21 e 30 e o apelo à participação dirige-o a A. E. P. P. A. às Comissões de Moradores, de Trabalhadores, unidades militares e várias organizações populares.

A BANCA SATISFAZ TODOS OS COMPROMISSOS

A Banca nacionalizada encontra-se em condições de, em qualquer circunstância, satisfazer os seus compromissos, solver responsabilidades e garantir os dinheiros nela depositados em condições de segurança absoluta, com manifesto benefício para os clientes e para a economia em geral, o que a gestão privada não poderia efectivamente assegurar, diz a Secretaria de Estado do Tesouro num comunicado ontem emitido.

E a propósito boatos que nos últimos tempos circulam entre a clientela de alguns bancos nacionalizados, visando provocar o alarme e a perda de confiança na segurança dos seus depósitos, nomeadamente fazendo crer que o Estado pretenderia chamar a si as

poupanças dos portugueses que se encontram depositadas nos bancos», diz o texto.

Afirma a S. E. T. que os depositantes detêm a plena propriedade dos depósitos que constituem nos bancos, não incidindo sobre o montante dos mesmos qualquer imposto. Os bancos nacionalizados asseguram a todos os clientes a garantia do Estado Português de que serão integralmente cumpridas todas as obrigações e responsabilidades assumidas perante os depositantes. Lembra-se ainda que a intervenção do Estado verificou-se já em alguns casos e entre outras razões de modo a defender as economias dos particulares ameaçadas pela gestão capitalista anterior.

ÉVORA, CAPITÃO ANDRADE E SILVA

“QUERO MORRER PELA REVOLUÇÃO EM TERRA ALENTEJANA”

Espero continuar junto do povo alentejano e se tiver de morrer pela Revolução quero morrer no Alentejo!»

Estas as palavras do capitão Andrade e Silva quando ontem, cerca das 22 e 30, apareceu diante de enorme multidão que exigia a sua presença, uma vez que constava que ele se encontrava detido.

Andrade e Silva tinha o povo por ele. Assim, sucedeu que logo que começou a constar a notícia da sua detenção, uma compacta multidão aproximou-se e ficou pé junto das antigas instalações do R. A. L. 3. Eram milhares e milhares de trabalhadores. No R. A. L. 3 estaria detido Andrade e Silva, juntamente com um furriel de nome Sequeira. A mole humana, depois de ter

gritado «slogans» revolucionários, dirigiu-se para o largo fronteiro ao Quartel-General.

«Queremos Andrade e Silva aqui!», gritava o povo. Perante a crescente excitação da multidão, o capitão Andrade e Silva, acompanhado do furriel Sequeira, disse:

«Peço-vos que tenham calma, a fim de não levantarem problemas militares, pois podem agravar a minha situação. Não se devem atribuir responsabilidades às Forças Armadas do que se passou comigo.»

E acentuando:

«Se a minha saída da Região Militar do Sul for útil à Revolução eu sairei. Mas julgo que não. Espero mesmo continuar e que me seja feita justiça. Espero continuar junto do povo alentejano e se tiver de morrer pela Revolução quero morrer no Alentejo.»

Segundo fontes fidedignas que ouvimos esta manhã, caso se concretize a transferência do capitão Andrade e Silva e do furriel Sequeira, haverá grandiosas manifestações de protesto quer no Alto quer no Baixo Alentejo. E isso porque aqueles dois militares sempre estiveram ao lado do povo.»

BOM APETITE

AMANHÃ

LULAS À REX
ENTRECOSTA DE PORCO
NA BRASA

No restaurante panorâmico do HOTEL REX

RESTAURANTE PANORÂMICO DO

Hotel Rex

Rua Castilho, 169

PREÇOS POPULARES

RESTAURANTE CASTANHEIRA

DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
ESTRADA DA TORRE TELEF. 79 01 68 LUMBAR

ENCERRADO PARA FÉRIAS
ATÉ AO DIA 28 DE AGOSTO

RESTAURANTE . BAR

O FAZ FIGURA
VARANDA SOBRE O TEJO

Rua do Paraíso, 15-B — LISBOA
(Junto à Feira da Ladra)

R E S T A U R A N T E

QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 (Campo Grande)
CHURRASQUEIRA ADEGA TÍPICA
PARQUE AUTOMÓVEL PRIVATIVO

Encerrado às 3.ª feiras

LANCHES DE CASAMENTO
NO RESTAURANTE

OITAVOS

Telef. 289277 ESTRADA DO GUINCHO
ALMOCE E JANTE TRANQUILAMENTE
COM UMA PAISAGEM INESQUECÍVEL

RESTAURANTE

SANCHO

Trav. da Glória, 8 a 16 — LISBOA
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Ar condicionado

LEÃO D'OURO
(RENOVADO)

ALMOCE E JANTE NESTE
RESTAURANTE
AR CONDICIONADO

Rua 1.º de Dezembro, n.º 93 — Telef. 326195

Restaurante

antónio

AO JANTAR PRATO SURPRESA 45\$00
Rua Tomás Ribeiro, 63 — telef. 538780
(Junto ao metro) Lisboa

R E S T A U R A N T E

ZÉ POVINHO

R. Marquês Sá da Bandeira, 86-B
(Junto à Av. Berna)

COZINHA PORTUGUESA

RESTAURANTE E ESPLANADA
Anexo ao HOTEL ESPADARTE

Novo serviço à carta com pratos típicos e regionais,
mariscos, bufete frio variado, ou almoço ou jantar reduzido. 80\$00.

SESIMBRA — T. 2233189

CAFE PURO

CHAVE D'OURO

O MELHOR CAFE

Geral

RELATÓRIO DA O.C.D.E.

O desemprego volta a ser apresentado como solução para a inflação

«No que toca aos três maiores países (EUA, Japão, Alemanha Federal) as discussões recentemente travadas na OCDE levam a crer que será talvez razoável supor que uma recuperação progressiva, mas segura, implicando a manutenção duma certa margem de capacidade não empregada (correspondente a uma taxa de desemprego um pouco superior ao nível estrutural) poderia permitir a estabilização da taxa de inflação entre os 5 e os 7 por cento durante os próximos três ou quatro anos.»

Esta frase capital da introdução do último relatório semestral da OCDE faz lembrar estranhamente uma frase do mesmo género menos torneada é certo — que há cinco anos causou tal escândalo que acabou por ser riscada antes da publicação do relatório onde figurava. A frase recordemo-la rezava assim: «Enquanto não se atingirem melhores resultados em matéria de preços, poderá ser necessário permitir ou manter uma margem de recursos não empregados, maior do que no passado foi considerado normal ou aceitável.»

Estas frases têm o mesmo sentido, e, se os funcionários da OCDE chamassem as coisas pelo seu devido nome, poderiam ser expressas mais claramente do seguinte modo: «Para lutar contra a inflação,

entre outras políticas, aumentemos o desemprego. «A degradação do sistema e do pensamento económicos do Ocidente é tal que já se pode agora imprimir — embora com certas precauções de estilo — uma frase destas, convidando as grandes nações a colocar a inflação a um nível que há cinco anos teria parecido insustentável.

Ao fim e ao cabo, não teria feito mal nenhum ter-se deixado ficar essa frase no relatório, pois a ironia da história está em que se «permitiu» ou se «manteve» um desemprego «maior do que era considerado normal ou aceitável no passado» sem que a inflação tenha diminuído por isso: pelo contrário, acelerou-se.

Expresso, por outras palavras, a relação dita de Philipps (relação inversa entre desemprego e inflação: quando o primeiro aumenta, a segunda diminui) não se verificou na prática. O exemplo dos EUA é ilustrativo: a explosão do sistema, já perceptível há cinco anos, desenvolveu-se de modo aterrorizante. Tudo se passou como se a curva de Philipps se tivesse deslocado progressivamente para o alto e para a direita. A relação foi, na realidade, a seguinte: «mais inflação para um mesmo nível de desemprego e mais desemprego para um mesmo nível de inflação». Ou seja, num período

médio, cada vez mais inflação e cada vez mais desemprego.

«Se os recentes aumentos de desemprego podem ser, em grande parte, atribuídos à evolução conjuntural, pode acontecer que o desemprego estrutural seja também mais elevado do que anteriormente» escrevem os peritos da OCDE. É este, sem dúvida, o fenómeno fundamental que nenhum relançamento keynesiano pela procura poderá fazer desaparecer, dado que degenera numa inflação cada vez mais viva.

Porquê um desemprego duma tal amplitude? A OCDE explica-o por dois factores: «Em primeiro lugar os salários são ajustados à inflação em mais larga medida que as taxas de

juro, de modo que as empresas foram incentivadas a converter-se a técnicas próprias para economizar a mão-de-obra. Explicação o mais clássica possível: o trabalho é demasiado caro em relação ao capital, por conseguinte, procura-se economizá-lo.

«Em segundo lugar», escrevem os peritos, «na medida em que a mudança estrutural se acelerou, há talvez uma inaptidão crescente entre a oferta e a procura no mercado do trabalho». Não seria mais fácil confessar que o «sistema» se tornou ou voltou a revelar-se incapaz de assegurar o pleno emprego aos homens?

© C. «Le Monde»

24 horas no Mundo

■ Advogadas de cerca de 40 países da Europa, Ásia e África reúnem-se na cidade alemã de Hamburgo para apreciar especificamente a lei do divórcio, legislação contra o aborto e novas definições de autoridade paterna.

■ Deflagrou um gigantesco incêndio num depósito de combustível na cidade francesa de Metz. Não está excluída a hipótese de fogo posto.

■ As empresas multinacionais que operam na Venezuela foram acusadas de burlar o país mediante um sistema de contabilidade dupla. Entretanto, um grupo de economistas reunidos em congresso em Acapulco, acusou as multinacionais de ser o cancro da economia.

■ O presidente Gerald Ford, dos E. U. A., em entrevista para a Rádio e TV americanas, declarou que existe uma possibilidade real de confrontação entre os E. U. A. e a U. R. S. S. se rebentar nova guerra no Médio Oriente. Por sua vez, o presidente Luis Echevarria, do México, que se encontra no Cairo em visita oficial, lançou um apelo para que Israel se retire dos territórios árabes ocupados. Por seu lado, o ministro israelita da Defesa, Shi-

mon Peres, declarou em Telavive que existem probabilidades de um novo acordo no Sinai.

■ O ministro argentino do Interior, Antonio Benítez, informou que se encontram presas 648 pessoas por violação das normas do estado de sítio.

■ Em conversações efectuadas na capital britânica, o bispo Abdel Muzorewa, presidente do movimento nacionalista rodésiano do Conselho Nacional Africano, concordou com os seus interlocutores do Governo de Londres que era urgente encetar negociações para resolver o impasse constitucional na Rodésia. Entretanto, fontes de Lusaka informaram que um alto funcionário do Governo sul-africano visitou aquela capital no mês passado para discutir a situação da Rodésia com o Governo zambiano.

■ Círculos políticos da Casa Branca informam que a Jugoslávia pretende adquirir grande quantidade de armamento aos E. U. A.

■ Treze oficiais do Exército e da Polícia e doze civis fazem parte do novo Governo nigeriano, cuja formação foi anunciada pelo Supremo Conselho Militar.

Manobras diplomáticas à volta da O.P.E.P.

Aquando da sua passagem por Paris, o príncipe Fahd da Arábia Saudita encorajou o Governo francês a organizar as coisas de modo a que se reatasse o diálogo entre países industrializados, países petrolíferos e países em vias de desenvolvimento, antes da próxima conferência da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) que deve realizar-se, em fins de Setembro, em Viena.

É fácil de compreender porque. Por ocasião da sua precedente conferência em Libreville Gabão, no mês de Junho, a OPEP tinha admitido o princípio de um ajustamento dos preços do petróleo bruto para compensar os efeitos da inflação mundial, ajustamento cuja taxa devia ser decidida em Setembro. O ministro saudita do petróleo, Yamani, não es-

teve presente em Libreville se ocorrer algo de novo daqui até Setembro, Yamani poderá arranjar assim um bom pretexto para pôr em causa a decisão de Junho.

Este algo de novo pode muito bem vir a ser o recomeço do famoso diálogo, cujo objectivo consiste — recordê-mo-lo — em fundar uma nova ordem económica internacional. Os sauditas poderiam então propor aos seus parceiros no seio da OPEP que renunciassem provisoriamente — sem perderem a face — a aumentar os preços do petróleo para inaugurar, por um gesto de boa vontade para com a comunidade internacional, as negociações sobre uma nova ordem económica mundial.

Contudo, este esquema depara com uma dificuldade prática por múltiplas razões, nomeadamente políticas, parece difícil retomar concretamente o famoso diálogo antes de Setembro. Bastaria talvez anunciar um recomeço das negociações para se produzir um efeito de dissuasão na OPEP...

As chancelarias vão, pois, esforçar-se, nas próximas semanas, para prepararem este anúncio nas melhores condições. Mas, para que ele possa ser feito, os países duros no seio da OPEP, nomeadamente a Argélia, terão de dar o seu acordo. E lá vamos nós cair outra vez no fundo do debate...

O êxito da operação dependerá, em parte, da evolução da conjuntura no mercado petrolífero internacional. Por agora esta é desfavorável aos países produtores, dada a recessão que deprime o consumo. Mas por quanto tempo?

Faleceu James Griffiths

LONDRES, 8 (FP) — James Griffiths, antigo mineiro galês que se tornou uma das figuras marcantes do Partido Trabalhista depois da Guerra, morreu na quinta-feira com 84 anos.

O finado, que sobraçou de 1945 a 1950 a pasta da Segurança Social, foi um dos principais artífices desta Grã-Bretanha.

«Leader» adjunto do Partido Trabalhista na Câmara dos Comuns, de 1956 a 1959, foi o primeiro homem político, em 1964, a ocupar o cargo de secretário de Estado para o País de Gales. Retirara-se da vida política em 1970.

Milhares de pessoas assistiram ao funeral de Benoit Frachon

PARIS, 8 (FP) — Vários milhares de pessoas assistiram, ontem à tarde, ao funeral de Benoit Frachon, um dos fundadores do Partido Comunista Francês. Homem que dedicou toda a sua vida ao movimento operário, Benoit Frachon faleceu no passado domingo com a idade de 82 anos.

A frente do cortejo seguiam a viúva e o filho de Benoit Frachon, os membros da Secção Federal da C.G.T. (Confederação Sindical afecta ao P.C.F.), a Comissão Política do Partido Comunista Francês, com o seu secretário-geral, George Marchais, os representantes da Federação Sindical Mundial e do Conselho Nacional da Resistência, movimento a que Frachon pertencera.

Socialistas, radicais de esquerda e as outras organi-

zações sindicais incorporaram-se também no cortejo.

Inúmeras foram as delegações estrangeiras que assistiram às cerimónias fúnebres, saudando, dessa forma, a memória de Benoit Frachon, militante internacionalista. Estavam representados no enterro todos os países do Leste europeu, a U.R.S.S., o Vietname do Norte e o Governo Revolucionário Provisório do Vietname do Sul.

Georges Seguy e Georges Marchais pronunciaram os elogios fúnebres antes da inumação.



Estrangeiro

GRANDE EXPECTATIVA EM MADRID

TRINTA OFICIAIS SUPERIORES
DISCUTEM SITUAÇÃO POLÍTICA

MADRID, 8 (Do correspondente da ANI, Manuel Lopes) Segundo revelam fontes geralmente bem informadas de Madrid, deverá realizar-se, hoje, nesta capital, a anunciada reunião do Conselho Superior do Exército, integrado por cerca de trinta altos

oficiais das três armas, em que se discutirá a posição do Exército espanhol em relação à actual situação política espanhola e sobretudo o caso da prisão e processo judicial-militar de, pelo menos, nove militares espanhóis.

Segundo fontes militares, sa-

be-se já que pelo menos quatro generais estão dispostos a fazer a defesa intransigente dos militares presos, assim como da actuação dos que integram as várias centenas de supostos implicados.

Esta reunião, que é esperada com muita expectativa, apesar da discreção acerca da mesma, poderá significar alterações significativas na evolução do caso, assim como nos acontecimentos políticos do país.

Embora não se acredite nos resultados que seriam de esperar, em algumas fontes comenta-se que dessa reunião poderia sair uma posição de conhecidos militares com que se pressionaria o generalíssimo Franco a nomear um chefe do Governo que, por suposto, seguiria uma linha constitucional mais coerente que a do actual Governo e contrária aos da ultra-direita que, segundo consta, estão organizando uma grande escalada do poder.

Contra a coerência e lógica desta posição militar, estaria a personalidade intransigente e soluções imprevisíveis do generalíssimo Franco que, segundo vários meios, continua a manter as rédeas das altas decisões.

De acordo com isto, fala-se que Franco não nomearia um chefe de Governo militar e salvaguardaria a originalidade das suas tradicionais decisões e a independência das correntes em jogo.

Entretanto, apesar do hermetismo dos meios oficiais e da imprensa em relação ao caso dos militares presos, segundo as últimas fontes, depois de uma reunião no Escorial, a agência «Europa Press» revelou algumas informações.

Assim, confirma-se hoje que os processados, nove, apesar de muitos outros terem prestado declarações em Vigo e Pontevedra, Barcelona, Huelva e Sevilha, foram já notificados dos respectivos processos e da acusação que sobre eles recai: «Conspiração para o delito de sedição».

A revista «Possible» confirma também a informação de que o juiz instrutor especial era um militar, o comandante Federico Valenciano.

Os militares, a favor dos quais se estaria organizando uma manifestação de solidariedade através da assinatura por importantes personalidades de uma carta de protesto e apoio, serão julgados em Conselho de Guerra de quatro generais.



Três dos elementos do Exército Vermelho de Libertação, movimento extremista japonês, que foram libertados pelas autoridades nipónicas, pressionadas nesse sentido pelo assalto de quatro «comandos» do E.L.V. ao Consulado norte-americano em Kuala Lumpur, são escoltados do aeroporto da capital malaia para bordo de um avião que os conduzirá à Líbia. O drama de Kuala Lumpur terminou assim com a libertação de todos os reféns detidos pelo comando e com a chegada dos elementos do E. L. V. à Líbia, país que aceitou a recebê-los (Telefoto UPI-Telimprensa)

Giscard-Mobutu:
encontro em Kinshasa

KINSHASA, 8 (R) — O presidente Valéry Giscard d'Estaing da França prometeu a participação francesa na construção de uma nova ordem económica mundial e pediu aos países desenvolvidos para limitarem os seus desejos e aprenderem a compartilhar.

Giscard d'Estaing proferiu essas palavras num banquete oferecido ontem, à noite, em sua honra pelo presidente Mobutu Sese Seko, do Zaire, após chegar ontem a Kinshasa numa visita oficial de três dias, a primeira feita por um presidente da França à antiga colónia belga.

Por seu turno, o presidente Mobutu, no seu discurso, salientou os laços estreitos entre a França, e o Zaire e criticou outros chefes de estado europeus que, disse, nunca se deram ao incomodo de se deslocarem pessoalmente a capitais africanas, preferindo enviar, em sua representação, ministros e secretários de Estado.

O presidente francês, num discurso que pronunciou antes, pouco depois de chegar a Kinshasa, afirmou que a França seguia uma política de respeito ao direito absoluto de todos os povos de decidirem o seu próprio destino.

Acordo polaco-alemão
sobre emigração

BONA, 8 (ANI) — A República Federal Alemã prometeu pagar ou emprestar 2300 milhões de marcos à Polónia, em troca da autorização a 125 000 alemães, que se encontram na Polónia, em emigrarem durante os próximos quatro anos, segundo os termos de um acordo acordado ontem.

O chanceler Helmut Schmidt concordou nos princípios estabelecidos no acordo, no decorrer de uma reunião efectuada com o secretário geral do Partido Comunista Polaco, Edward Gierek, que decorreu em Helsinquia, à margem da Conferência Cimeira sobre Cooperação e Segurança Europeia.

Entretanto, o secretário de Estado do ministério dos Negócios Estrangeiros da RFA,

Walter Gehlhoff e o embaixador polaco em Bona, Wacław Piatkowski, rubricaram os três textos do acordo, o qual deverá ser assinado em Varsóvia no próximo Outono.

Em dois anos de negociações que precederam o acordo, a Polónia argumentou que ao permitir que uma grande parte da sua força de trabalho emigrasse, a sua economia sofreria graves prejuízos, pelo que o Governo de Bona deveria compensar financeiramente o Governo polaco.

O chanceler Schmidt concordou em fornecer à Polónia um milhão de marcos, por um período de 25 anos, à taxa anual de 2,5 por cento, que é consideravelmente mais baixa do que a taxa comercial normal.

HOJE EM PRETÓRIA

CIMEIRA VITAL PARA RESOLVER
O PROBLEMA RODESIANO

PRETÓRIA, 8 (R) — O dirigente rodesiano Ian Smith chega hoje a Pretória para conversações com o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster, numa nova e vital tentativa para chegar a um compromisso com nacionalistas negros

sobre o local das discussões constitucionais acerca do futuro da Rodésia.

Smith insiste em que as conversações preliminares com dirigentes do Conselho Nacional Africano (CNA) da Rodésia sobre a crise constitucional se

devem realizar dentro do território. Contudo, o CNA afirma que tal não é possível, devido a dirigentes nacionalistas aliados não poderem assistir à conferência.

Uma fórmula de compromisso, que se espera seja debati-

da por Smith e Vorster, é a possibilidade de realizar as conversações preliminares em Pretória.

No entanto, essa hipótesefoi excluída por fontes oficiais de Salisbúria, embora observadores desta cidade salientem que Pretória — sinónimo de supremacia branca — poderia satisfazer o Governo rodesiano e, ao mesmo tempo, a exigência do CNA para que as conversações se travem fora da Rodésia.

A questão do local da conferência foi o tópico principal da agenda das conversações efectuadas esta semana em Londres entre o dirigente do CNA, Bispo Abel Muzorewa, e altos funcionários britânicos, incluindo o ministro dos Negócios Estrangeiros, James Callaghan. O bispo Muzorewa recusou-se a comentar a possibilidade de uma conferência em Pretória, antes de partir ontem de Londres para o Malawi.

A África do Sul mostra-se desesperadamente ansiosa em evitar que o impasse rodesiano acabe num banho de sangue e tem feito diligências constantes para levar Smith e elementos do CNA à mesa de conferências. Há uma semana, a África do Sul anunciou que ia retirar os últimos elementos da sua polícia paramilitar da Rodésia, e a decisão foi vista como um gesto de boa vontade em relação à África Negra.

Entretanto, notícias provenientes de Lusaka diziam ontem que o subsecretário sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Brand Fourie, visitará a Zâmbia, em 21 de Julho, para conversações sobre a Rodésia.

QUATRO SENHORAS
ADIDOS DE EMBAIXADA

Quatro senhoras acabam de ser nomeadas adidos de Embaixada. Trata-se das dr.ªs Maria Dina Bandeira Santos Azevedo Neves, Ana Maria da Silva Marques Martinho, Vera Maria Fernandes e Maria Isabel Lino Neto de Pádua Corado, envolvidas no último movimento diplomático divulgado pelas Necessidades.

Além das quatro jovens diplomatas, foram fixados naque-

la categoria da carreira os drs. Luis Filipe Carrilho de Castro Mendes, Álvaro José da Costa Mendonça e Moura, José Manuel da Encarnação Pessanha Viegas, Paulo Tiago Fernandes Jerónimo da Silva, Fernando Manuel de Mondonça Oliveira Neves, Fernando Dias de Almeida e Vasconcelos, João António da Silveira de Lima Pimentel, Carlos Manuel Pais, Walter José Ramos dos Santos Leitão, Américo Rodrigues Madeira Bárbara, Francisco Manuel Seixas da Costa, José Fernando Parreira Faleiro Baltasar, Pedro Luis Baptista Moitinho de Almeida, João Reinaldo Barata Paiva e Pona, Rui Nogueira Lopes Aleixo, Silvino Moreira Ribeiro, António Jorge Jacob de Carvalho e José António de Brito Sequeira Carvalho.

ENSAIO NUCLEAR

WASHINGTON, 8 (EP) — A Agência para a Investigação e o Desenvolvimento da Energia (ERDA) anunciou, na quinta-feira, que tinha captado sinais provenientes, ao que parece, de uma experiência nuclear soviética subterrânea.

Caleidoscópio

■ ACORDO
CUBA-CANADÁ

OTAVA, 8 (FP) — Cuba e Canadá concordaram no estabelecimento de ligações aéreas regulares e de voos «Charters» entre ambos os países, anunciou-se ontem oficialmente em Otava.

Os aviões cubanos deveriam ser em princípio autorizados a aterrar em Otava e Montreal e os aparelhos canadianos em Havana e Varadero.

■ CENSURA NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 8 (ANI) — A censura tornou-se mais severa no Brasil, na sequência do último discurso do presidente Ernesto Geisel, que, aparentemente, pôs termo a um período de relativa liberdade na imprensa e nas artes.

No âmbito das novas normas da censura as revistas para homens só podem mostrar um seio em cada fotografia de nus, e os candidatos a censores são sujeitos a testes físicos e deverão correr os 1800 metros em menos de 12 minutos.

■ KISSINGER
CIA E CHILE

WASHINGTON, 8 (ANI) — O secretário de estado norte-americano Henry Kissinger, aceitou a prestar declarações na próxima terça-feira ante o Comité de Informação do Senado, anunciou um informador oficial.

Espera-se que o Comité interrogue Kissinger acerca das operações da CIA no Chile durante os anos da presidência de Salvador Allende.

Segundo um informador da secretaria de Estado o depoimento de Kissinger será prestado à porta fechada.

■ EXPLOSÕES
NA ARGENTINA

LA PLATA, 8 (R) — A explosão de uma dezena de bombas abalou La Plata, a cidade argentina na Costa do Atlântico, pouco antes da meia-noite de ontem, segundo revelou hoje a polícia.

As autoridades disseram que as bombas danificaram as residências de políticos direitistas e de membros da Universidade, mas não causaram apare-

temente vítimas.

O edifício da Segba, a corporação de electricidade do estado, sofreu também estragos materiais.

A polícia acrescentou não haver qualquer indicação imediata sobre quem era responsável pelos atentados bombistas.

■ F.B.J. ORÇAMENTO
SECRETO

WASHINGTON, 8 (FP) — O F.B.I. (Polícia Federal Americana) dispõe de um orçamento secreto de 82,5 milhões de dólares por ano para subvencionar as suas actividades de informações e contra-espionagem. É a primeira vez que este número é revelado oficialmente.

■ AMERICANOS
NA U.R.S.S.

MOSCOVO, 8 (ANI) — Chegou a Leninegrado uma delegação de congressistas norte-americanos chefiada pelo presidente da Câmara dos Representantes, Carl Albert.

A delegação, composta por 18 elementos, permanecerá uma semana na União Soviética.

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

CEGOS REPRESENTAM PEÇA DE LAURO ANTÓNIO

«SOCIEDADE ANÓNIMA», de Lauro António. Encenação: Fernanda Lapa. Intérpretes: Albertino Santana, António Barros, Marques, José Luís de Carvalho, Felicidade dos Remédios, Jorge Pinheiro e António Grifo Campeã. Grupo de Tea-

tro Amador Intervenção. Salão dos Bombeiros Lisbonenses. Julho 1975.

Um novo grupo amador, formado por cegos, apresentou o seu primeiro espectáculo no salão dos Bombeiros Lisbonenses. Texto escolhido:

«Sociedade Anónima», do nosso prezado camarada Lauro António.

A pecinha do Lauro é uma meditação sem grandes voos sobre o poder, através de um texto coral em que as personagens debitam um recado de sabor que roça pelo absurdo. Fernanda Lapa que deu uma perninha no trabalho de encenação (porque o espectáculo começou a ser preparado pelos invisuais), caracterizou as personagens através dos fatos e de letreiros: o Latifundiário, a Igreja Reaccionária, o Pide-D. G. S., o Movimento Nacional Feminino, etc. E colocou, fora de cena, uma personagem que representa o Povo e se encarrega de liquidar as restantes. As personagens que estão no poder aparecem pre-

tos por uma corda que os liga ao mesmo projecto de exploração. Os actores, um pouco nervosos e, por isso, comendo um bocadinho da peça, interpretaram as personagens com certa intencionalidade, não só teatral como política, sendo de sublinhar o trabalho vocal de alguns deles. Se o trabalho mímico surge ainda um pouco impreciso, os jovens cegos do «Intervenção» fazem indiscutivelmente teatro.

A noite acabou com um pequeno serão em que um cego cantou, um outro leu versos de sua autoria. Ary dos Santos e Fernando Tordo deram também a sua contribuição, que teve grande êxito. Houve ainda uma pequena conversa com o autor.

Associação Portuguesa de Críticos: aprovar estatutos

No próximo dia 13, pelas 18 horas, vai realizar-se na sede da Sociedade Portuguesa de Autores, uma reunião de críticos com o fim de discutir e aprovar os Estatutos da Associação Portuguesa de Críticos.

O projecto, que foi elaborado por um grupo de trabalho do qual fizeram parte críticos de cinema, teatro, bailado e artes plásticas, será discutido, segundo se pretende, por representantes de todas as espe-

cialidades da Crítica, além das já nomeadas: literatura, música, televisão e rádio.

Lembramos que a Associação Portuguesa de Críticos teve, já, estatutos aprovados em Assembleia Geral, embora o Ministério da Educação de então nunca os tenha aprovado, em virtude do veto da Pide/DGS.

Animadores teatrais: um curso de dez dias

Com início a 15 deste mês, vai decorrer, durante dez dias, na Parede, um Curso de Formação de Animadores Teatrais, orientado pela companhia francesa Théâtre de la Gronde, a qual se integra num conjunto de companhias a que se passou a chamar, habitualmente, de «jovem teatro».

O Curso, que se realiza por iniciativa do Grupo de Teatro da Rebelva, com o apoio da Associação Portuguesa do Teatro de Amadores (APTA) e da Secção de Teatro da Comissão Dinamizadora Central do M.F.A. (Codice), decorrerá nas

instalações da Sociedade Musical União Paredense e do Clube Nacional de Ginástica.

Do dia 15 ao dia 25, portanto, e exceptuando o domingo, o Curso manterá o seguinte horário: de manhã, das 10 às 12 horas e, de tarde, das 16 às 20 horas, todos os dias.

As inscrições, que estão abertas a todos os grupos amadores ou a quaisquer outras entidades que, de uma maneira ou de outra, se dediquem ao Teatro Amador, terminam hoje. Todas as informações deverão ser pedidas pelo telefone 2471010, das 16 às 24 horas.

Rosa Luxemburgo

«Rosa Luxemburgo», um drama sobre a vida da célebre revolucionária socialista alemã, da autoria de Luigi Squarzina e Vico Faggi, vai ser levado à cena em Génova, na pri-

meira quinzena de Fevereiro próximo — anuncia-se nos meios teatrais desta cidade.

A actriz Adriana Asti será a protagonista da peça.



O espectáculo pelo Mundo

DE NOVO SHERLOCK HOLMES

LOS ANGELES (Califórnia), 8 (ANI) — A actual reaparição literária de Sherlock Holmes vai continuar no cinema com um filme da Universal baseado no best-seller «The seven-per-cent solution» de Micholas Meyer.

A película será rodada em Londres e Viena em Outubro, tendo como principais figuras Nicol Williamson (Holmes), Robert Duvall (Dr. Watson), Laurence Olivier (Moriarty) e Vanessa Redgrave (uma cantora de ópera).

RESISTÊNCIA ITALIANA

ROMA, 8 (ANI) Giuliano Montaldo será o realizador de Agnese va a morire, o filme anunciado pelos produtores

Giorgio Agliani e Giuseppe Buricchi, extraído do romance de Renata Viganò vencedor do prémio Viareggio e traduzido em 14 línguas.

Nesta película, dedicada à resistência italiana na Segunda Grande Guerra, desempenham os papéis principais Franco Nero e Mariangela Melato.

ESCRITOR-REALIZADOR

HOLLYWOOD, 8 (ANI) — O realizador, coreógrafo e escritor da Broadway Michael Bennett firmou um contrato que o liga, sem exclusividade, à Universal Pictures, para dirigir três filmes num período de cinco anos.

Bennett, na sua carreira, ganhou numerosos «Tony», o equivalente teatral do «Oscar» cinematográfico.

Os melhores "mágicos"



Com a realização do I Festival Mágico da Costa Verde, acabaram-se as dúvidas quanto a saber-se quais os melhores manipuladores da ilusão com que podemos contar: Jodivil e Margot (foto) conquistaram o primeiro lugar, entre 19 concorrentes, depois de três noites de competição.

O Festival-concurso que foi julgado por um júri internacional, decorreu no Casino de Espinho, sempre com boa assistência.

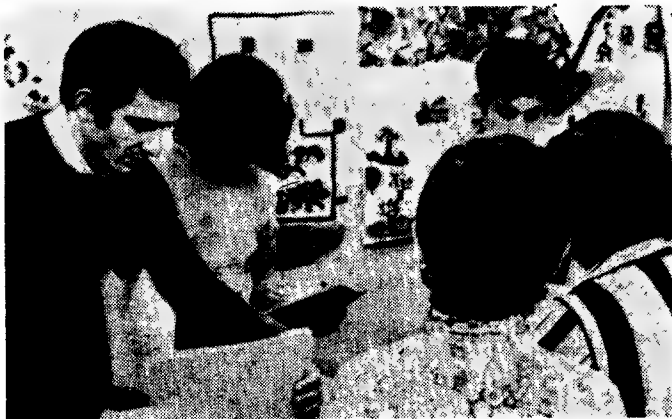
NO VERÃO HÁ MENOS TELEVISÃO

A RTP programou para o Verão um período de emissão que, à excepção do sábado e do domingo, começa às 19 horas e termina por volta das 23.

Durante este período, e porque se mantem todas as séries filmadas e se compraram algumas mais, grande parte dos programas é preenchida pelas ditas séries (16, neste momento).

O que nos vale é que elas (as séries) não são propriamente as mesmas que nos eram dadas ver antes do 25 de Abril de 1974. Algumas até, são de excelente qualidade, como é o caso de, por exemplo, «Diário de Um professor», «Capitão Kloss» ou «Os Campone- ses».

Necessário será, agora, pensar na reestruturação da RTP, essencial-



Cena de «Diário de Um Professor»

mente no que diz respeito a programas cuja produção ela (a RTP) assumiu.

Aguardemos, pois,

lembrando-nos de que divertir é necessário e de que cultura não é uma pastilha que se dá em mesas redondas...

Solidariedade a Rogério Paulo

A Associação de Amizade Portugal-Cuba, em reunião de direcção, decidiu manifestar a sua inteira solidariedade ao actor Rogério Paulo, membro daquela Associação.

Esta deliberação vem no seguimento das graves calúnias que Vera Lagoa dirigiu ao actor, num artigo que a colunista do «Tempo» escreveu nesse jornal.

O teatro de férias

O Teatro está em férias. Agosto é mês de descanso (para alguns...) e, como é de tradição, as pessoas vão menos ao teatro (ou ao cinema), ou apenas querem assistir a espectáculos «leves», «digestivos». De férias, enfim...

Neste momento, em Lisboa, duas revistas e um texto dramático: «Lisboa Acordou», em exibição no Monumental, «P'ra Trás Mija a Burra», no Teatro ABC e «Legenda do Cidadão Miguel Lino», actualmente no palco do Teatro Maria Matos.

De férias entrou, por exemplo, a companhia de teatro «Cornucópia», que exhibia, aquando da interrupção do seu espectáculo (para férias), a peça de Maximo Gorke «Os Pequenos Burgueses». A «Cornucópia», aliás, retomará a actividade no próximo mês de Setembro.

De férias, também, vão entrar os «Boncreiros», que puseram em palco um excelente espectáculo contra o imperialismo capitalista, que retomará em meados de Setembro, para além de outras actividades que pretendem desenvolver no local que escolheram para centro de trabalho: Moscavide.

Quanto ao resto, quase nada. Prepara-se, entretanto, conforme noticiamos noutra local, um curso de Animadores de Teatro, aberto a todos os grupos amadores e outras enti-



Cena de «Os Pequenos Burgueses», pelo Teatro da «Cornucópia», uma companhia em férias.

dades que se dediquem a este tipo de actividade.

O nosso voto: que este tempo sirva para se preparar, a sério, uma actividade teatral

que satisfaça as exigências de um Portugal novo que se pretende construir. Se isso acontecer, poderemos dizer, a sério: boas férias!

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções Av. João XXI, 5-D — Rua Infanta 16, 55-C — 1160-6A

Televisão



O QUÊ: UMA TELEVISÃO PARA A DESESTABILIZAÇÃO?

Imagens de desolação. Mas também de uma grande tranquilidade. De uma grande naturalidade. Aquele monte de livros ainda fumega. Um Avante! que durante 45 anos resistiu à P.I.D.E., contorce-se agora entre as chamas. As sedes do P.C.P., do M.D.P./C.N.E. e da F.E.C. m-l estão saqueadas. Um rapazinho, nas calças, olha os escombros. Vultos, ao longe, assistem. Perto, não há ninguém. Os móveis partidos, os livros a arder.

Seguem-se outras imagens. Estas do enterro de um assassino, vítima da sua própria loucura. Grande solenidade. O padre à frente, a passo lento e firme. Gente vai passando diante das muitas coroas de flores. Em suma: uma grande manifestação de pesar.

As imagens. E o silêncio. Talvez para não perturbar. A televisão, compreende-se, não gosta de se meter nestas coisas. Mas, como se viu, é tão fácil saquear, queimar, incendiar. E não esquecer: fica tudo numa grande calma. Por esse País fora, podem ver como é. É muito simples.

Nota discordante de comprometimento aquela placa onde, por baixo e por cima do nome da terra (Santo Tirso) se notam as siglas C.D.S.... Mas nós sabemos quanto o público telespectador tem dificuldade em se prender às imagens fugitivas.

Ora bem. Isto das lutas partidárias é uma chatice. A culpa é das lutas partidárias. Reparem: metem-se todos os partidos no mesmo saco e já está. Fácil, fácil.

Aquela reportagem em Comenda foi simplesmente vergonhosa. O repórter ouviu dois trabalhadores: o Joaquim Bispo e Joaquim Manuel.

O primeiro, serenamente, a falar da Cooperativa, das suas vantagens e das manigâncias dos latifundiários que, para sufragar a cooperativa, deixando-a sem braços para os trabalhos urgentes, começaram a atrair os trabalhadores agrícolas oferecendo salários chorudos. E a explicar que as divisões entre a população da Comenda se deviam à falta de

esclarecimento. Alguns dos trabalhadores preferiam que os baldios fossem divididos por eles, ficando cada qual com o seu bocadinho. O amigo Joaquim Bispo a ensinar-nos que dessa maneira nunca saiam da escravidão, pois os trabalhadores, enquanto houvesse latifúndio, trabalhavam de dia no latifúndio e à noite nas suas courelas. Mas se caminhamos para a Reforma Agrária, em que as terras seriam da colectividade, por que não implantar ali o colectivismo? *Ninguém tira nada ao povo*, afirma *cada vez estamos a puxar mais para o povo*.

Eis-nos diante da imagem visível da sabedoria popular, da sua consciência de classe. Mas há o outro o Joaquim Manuel, dos tais que não concordam com a cooperativa. E, a uma pergunta do repórter, diz

que os dirigentes da cooperativa não foram nada eleitos pelos sócios, quem os elegeu foram os comunistas, *a gente que há cá do comunismo é que os escolheu*.

Esperava-se que o repórter esclarecesse essa questão com o primeiro trabalhador. Não o fez. A acusação, ficou. Os comunistas. Fogo neles! Pois. Vocês vão ver. E só a justificação que isto dá às pessoas simples manipuladas pelo fascismo militante. Vem mesmo a propósito, não?

Assim temos como na televisão portuguesa se colabora objectivamente na desestabilização. Com esta arte toda...

O mais curioso ainda são as conclusões do repórter: *A quem atribuir as culpas desta divisão que as palavras destes dois trabalhadores da Comenda nos demonstraram existir e*

que os afasta das suas lutas fundamentais? Decerto que às bem visíveis manobras dos latifundiários (bondade sua, senhor repórter, bondade sua!) nada interessados na Reforma Agrária e na organização dos camponeses. Mas também há sempre um mas, como nas novelas românticas) à atitude negativa assumida pelos partidos que consideram mais a luta pelos lugares de decisão do que o esclarecimento devido aos trabalhadores (...) como ouvimos perguntar na Comenda, *é deste modo que os partidos políticos pretendem conduzir as lutas dos trabalhadores na defesa dos seus interesses?*

Partidos? Lutas entre partidos? Coisa mais estranha! Nós só ouvimos nomear um. Ah, então há mais! Há um, nós ouvimos, que defende a união dos trabalhadores e a luta contra os grandes agrários. Pelos vistos, há outros partidos que interesses defenderão eles? O repórter não diz quais são. A culpa também pertence aos partidos mas só um é que fica lançado às feras dos despolitizados... E afinal, quer, é que joga na desunião dos trabalhadores?

Chama-se a isto apartidarismo, é? Pois, pois, está na moda.

CENTRO POPULAR DE SANTA CATARINA

Uma antiga fábrica de licores transformada no Centro de Cultura Popular de Santa Catarina, eis a modificação operada no bairro homónimo por iniciativa de um grupo de moradores.

Segundo o teor de um comu-

nicação distribuído pela comissão instaladora, o novo centro encontra-se aberto a todos os residentes no bairro.

Teatro
A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

"LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO"

Desc. às 22.30 Feiras

Não acons. a menores de 13 anos

Bilheteira Tel. 89 70 17

UMA REVISTA POPULAR!
no TEATRO MONUMENTAL
101 5513 (AR. REFRIGERADO)
HOJE: 1 SESSÃO, 20.45 e 23 horas
Dom. a tarde - 16 horas
VASCO MORGADO APRESENTA

ACORDO

Poema: Eduardo Dantas, Carlos Coelho, José Vilhena
Música: João Nogueira, João Vercoselos, Manuel Páscoa
MILU * CARLOS COELHO * AIDA BAPTISTA * OCTAVIO DE MATOS
artista convidada: DELFINA CRUZ
orquestração nacional: HELENA TAVARES
no "compère" CARLOS MIGUEL

O internacional VIP BALLEI 18 esculturas bilheteiras

(Não aconselhar a menores de 18 anos)

AGÊNCIA DE VIAGENS

SOC. COM. OREY, ANTUNES, S.A.R.L.

4, Praça Duque da Terceira - LISBOA-2

Tels. { 36 22 66
36 93 46

LONDRES. 8 maravilhosos dias na velha capital inglesa. Saídas semanais.

ACORES e MADEIRA. 8 ou 15 dias. Saídas frequentes.

ROMA. 8 dias, vistas guiadas.

CURSOS DE INGLÊS EM INGLATERRA. incluem transporte, estadia e aulas.

CRUZEIROS NO RENO. viagens de sonho.

FÉRIAS para Inglaterra e Norte de África. Comodidade.

MARROCOS. a sua viagem deste ano.

TURISMO INTERNO. PASSAPORTES

Hoje



Nuno Martins

I PROGRAMA

- 19.00 TV Juvenil
- 19.30 «Dois Anos de Férias» série filmada, baseada no romance do grande ficcionista Júlio Verne.
- 20.00 Relatório
- 20.30 Telejornal o mais completo serviço noticioso do dia.
- 21.00 Afinal Como É? um programa sobre questões económicas, orientado pelo dr. Pitucas Antunes.
- 21.30 Música, Música toda a boa música, de todos os géneros, passa por este programa, que é da responsabilidade de Nuno Martins e Mário Vieira de Carvalho.
- 23.00 Telejornal últimas notícias

II PROGRAMA

- 21.00 «Dois Anos de Férias» repetição do episódio transmitido no I Programa.
- 21.30 Telejornal em diferido a edição noticiosa transmitida pelo I Programa uma hora antes.
- 22.00 Noite de Cinema «A Senhora de Musashino» filme japonês realizado por Keji Mizoguchi.
- 23.30 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA
Música, Música (21.30)

II PROGRAMA
Noite de Cinema — «A Senhora de Musashino» (22.00)

SIEMENS
ESTORIL Record

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e encanamento grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
AO POVO DO CONCELHO DO SEIXAL

Está a merecer todos os esforços da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Seixal, a expropriação da Quinta do Cabral, freguesia de Arrentela, para eventual interesse do Fundo de Fomento de Habitação, na construção de um bairro social, naquela área. Assim, alertam-se os interessados mais desfavorecidos, que se vai abrir um inquérito para justificar ao F. F. H. as reais necessidades habitacionais do concelho do Seixal.

As fichas de inquérito, serão fornecidas no Gabinete de Planeamento do Seixal e ali entregues, de 11 a 22 de Agosto, nas horas de expediente.

Gabinete de Planeamento do Seixal. — Rua dos Corticeiros de Machado, 18. — SEIXAL.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

SAPOCIAN

DEFENSOR EFICAZ nas doenças venéreas

SAPOCIAN

sabão líquido para a HIGIENE MASCULINA

A VENDA NAS FARMÁCIAS

Diário de Lisboa
ASSINATURAS DE FÉRIAS

Aceitam-se assinaturas pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4800 por dia

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

Nacional

"VIVA A CLASSE OPERÁRIA!"

— novo jornal popular

Acaba de sair o primeiro número de «Viva a Classe Operária», órgão do Secretariado Nacional (provisório) das Comissões de Trabalhadores. Nele se destacam artigos sobre a política das nacionalizações («destrinça entre as nacionalizações feitas pelo Estado da burguesia e as que são feitas por um Estado em que o proletariado detém a hegemonia, visto que também vigoram no seu programa»), e a descrição das reuniões das Intercomissões de Trabalhadores.

Órgãos da vontade popular, livremente eleitos e revogáveis

a todo o momento pelas massas trabalhadoras de cada empresa, fábrica e local de trabalho, as comissões de trabalhadores constituem as formas mais avançadas de organização dos operários. Em torno do Secretariado das Intercomissões, agrupam-se neste momento importantes sectores de ponta do proletariado indus-

trial da cintura de Lisboa, e ainda do Porto, Covilhã, etc.

«A classe operária deve marchar com as suas próprias pernas e aliar-se aos camponeses» — defendem as Comissões de Trabalhadores, que se distinguem pelo seu carácter apartidário. O director da nova publicação operária é Vítor Simões.

FÁBRICA DE VAGÕES NO COMPLEXO DE SINES

Uma fábrica de vagões vai ser construída em Sines. A construção autorizada pelo ministro da Indústria do IV Governo Provisório, eng. João Cra-

vinho e a notícia vem no Jornal do Comércio, edição de hoje. Os estudos e os trabalhos preparativos vão começar brevemente e as condições para a execução do projecto vão ser examinadas pelo grupo de trabalho da indústria metalomecânica pesada há pouco criado no âmbito do Ministério da Indústria.

Trata-se de um empreendimento de assinalável importância como facilmente se pode calcular. Ainda segundo o «Jornal do Comércio», o volume do investimento é da ordem dos 160 000 contos, serão criados cerca de 800 postos de trabalho e a produção deverá ser de 800 vagões por ano. Destina-se à C. P. o maior contingente da produção, mas admitem-se igualmente possibilidades de colocar vagões em Angola, nos países de Leste e nomeadamente na União Soviética.

O projecto não implica qualquer dependência da tecnologia estrangeira.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

CONCURSO N.º 3-0090/75

Obras de adaptação do antigo Serviço 10 Sala 2 a Depósito de Farmácia do Hospital dos Capuchos

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 29 de Agosto, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), todos os dias úteis, das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16.2 aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 4 de Agosto de 1975

O Chefe do Serviço
a) Alexandre Pinheiro

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS HIDRAULICOS

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVEITAMENTOS HIDRAULICOS

DIVISÃO DE OBRAS

PLANO DE REGA DO ALENTEJO (2.ª FASE)

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMAÇÃO DO FORNECIMENTO E MONTAGEM DOS EQUIPAMENTOS MECANICOS DA DESCARGA DE FUNDO — TOMADA DE ÁGUA DA ALBUFEIRA DO ALVITO DO APROVEITAMENTO HIDROAGRICOLA DE ODIVELAS

ANÚNCIO

Anuncia-se que até ao dia 15 de Outubro de 1975 se encontra aberto concurso público para arrematação do fornecimento e montagem acima referidas.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia seguinte ao anteriormente indicado, na sede da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, situada em Lisboa, na Rua de S. Mamede (ao Caldas), n.º 23.

Depósito provisório: 62 500\$00

Alvarás exigidos aos concorrentes:

II categoria ou sua 5.ª subcategoria e classe ou subclasse correspondente ao valor da proposta.

O projecto, o caderno de encargos e o programa de concurso poderão ser examinados na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos desta Direcção-Geral, situada em Lisboa, na Rua de S. Mamede (ao Caldas), n.º 23, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

O ENGENHEIRO SUBDIRECTOR-GERAL,
Estêvão Mendonça Lamas de Oliveira

TAUROMAQUIA

A CORRIDA DA IMPRENSA

— triunfo de Correia Lopes

Como estava anunciada, realizou-se ontem a já tradicional Corrida da Imprensa. Foram ligados toiros de Joaquim Grave, com boa apresentação, pelos cavaleiros José Mestre Batista e José Correia Lopes e pelos matadores José Júlio e José Fuentes, este espanhol.

José Mestre Batista, embora sem ter alcançado grande triunfo, lidou com acerto e valentia. Foram extraordinários os seus ferros curtos, um deles mesmo colossal.

José Correia Lopes, o mais novo dos nossos cavaleiros, foi sem dúvida o triunfador da corrida, pois a lide que desenvolveu no seu primeiro toiro foi francamente triunfal. Bem a bregar, bem a cravar e com um sentido de lide extraordinário. Creio que temos cavaleiro.

Na parte apeada, pouco de notável há a assinalar. Além de uns bons pares de bandarilhas de José Júlio e uns «naturais» elegantes do famoso José Fuentes, nada mais houve de artístico.

PASSEIOS NO TEJO

Continuam a realizar-se aos domingos os passeios no Tejo organizados pela Câmara Municipal de Lisboa durante o verão. As partidas são às 15 horas e o local, tanto de partida como de chegada, é a estação de Sul-Sueste, ao Terreiro do Paço.

Os preços dos passeios são 25\$00 para adultos e 10\$00 para menores.

DIMINUÍDOS FÍSICOS

Transformamos um automóvel para si de acordo com as suas necessidades.

—Tel. 68 56 50—



Bem pegaram os Forcados Amadores de Santarém.

A praça registou enchente. MOITA DA CRUZ

VINHO BRANCO PARA A R.D.A.

No cais do Beato o navio «Rhône» da República Democrática Alemã, iniciou hoje o carregamento de 16 615 hectolitros de vinho branco de Torres Vedras, destinados àquele país socialista.

O «Rhône» começou a carregar por volta das 8 horas. Ao embarque estiveram presentes o representante comercial da RDA e o vice-presidente da Junta Nacional do Vinho.

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA E P A L

ANÚNCIO
GH-83-40
ROUBADO

Mercedes 220, gasolina, cor marfim, pertencente a empresa pública. Agradece-se qualquer indicação. Telefones: 36 13 53 / 31 89 59.

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

EDITAL

EUFRAZIO FILIPE GARCÊS JOSÉ, PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE SEIXAL:

FAZ SABER, em cumprimento do disposto no n.º 3 do artigo 19.º do Decreto-Lei n.º 289/73, de 6 de Junho, que de harmonia com a deliberação tomada em reunião de 14 de Novembro de 1974, foi concedido à SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CONSTRUÇÕES, LD.ª, com sede, em Lisboa, na Avenida Estados Unidos da América n.º 97-13.º andar, o alvará de licença n.º 2/75 para loteamento urbano da propriedade denominada «Quinta dos Franceses», situada, na Vila e Concelho do Seixal, confrontando: do NORTE com Mundet & Companhia, Limitada, e outros; NASCENTE E SUL com azinhaga Municipal e do POENTE com a E. N. 378 e Mundet & Companhia, Limitada, a qual está inscrita na matriz predial rústica sob o artigo número oito e quatrocentos e trinta urbano, e descrito na Conservatória do Registo Predial do Seixal sob o número oitocentos e sessenta e um a folhas cinquenta do livro B-3 cuja transmissão está registada a favor da referida SOCIEDADE, pela inscrição número catorze mil novecentos e noventa e nove a folhas cento e catorze do livro G-quinze, da freguesia do Seixal, ficando o mesmo loteamento sujeito às condições referidas no alvará concedido.

Para constar se mandou lavrar o presente edital que vai ser afixado nos Paços do Concelho e publicado nos jornais «Diário de Lisboa» e «Tribuna do Povo», desta Vila. E eu, Manuel Bernardo Pinto, Chefe da Secretaria, o subcrevi.

Paços do Concelho, 5 de Agosto de 1975

O PRESIDENTE

FILMES CASTELLO LOPES apresenta

AVISO AO PÚBLICO
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

MICHEL PICCOLI / ROMY SCHNEIDER

O Trio Infernal
(LE TRIO INFERNAL)

HOJE às 21.15
grande estreia

CONDÉS LONDRES

O FUTEBOL QUE VAMOS TENDO

BOAVISTA GANHA EM CARACAS

Éxito do Boavista na sua apresentação em terras venezuelanas, fez esgotar a lotação do Estádio Universitário e ganhou o seu primeiro encontro a contar para a Pequena Taça do Mundo.

Na verdade, o entusiasmo que a presença da equipa de José Maria Pedroto provocou em Caracas, ultrapassou todas as previsões, não se exagerando se se disser que os portugueses radicados naquelas paragens dispensaram um maior acolhimento à caravana do Bessa, do que aquelas que, nou-

tras épocas, foram alvo o Benfica, o Sporting e o F.C. Porto.

O primeiro encontro desta Pequena Taça do Mundo foi disputado entre o Boavista e o Zaragoza, no fim do tempo regulamentar o resultado era um empate a zero, pelo que houve necessidade de se recorrer à marcação de grandes penalidades, foi neste prolongamento que a turma do Bessa chegou à vitória, pois conseguiu transformar as cinco grandes penalidades, enquanto os jogadores do Zaragoza desperdiçaram uma.

Este êxito do Boavista é tanto mais de salientar, quanto é certo que Pedroto não pôde contar com o concurso de Salvador (a contas com uma lesão num dos joelhos) nem dos brasileiros Celso e Mané que não viajaram do Rio directamente para Caracas. Julga-se que ambos os atletas viajaram para o Porto, estando portanto sob os ordens do treinador-adjunto António Morais.

Hoje defrontam-se as equipas do Rosario Central (Argentina) e a selecção da Alemanha Oriental, no segundo jogo desta Pequena Taça do Mundo.

No seu jogo de apresentação o Boavista alinhou do seguinte modo: Botelho, Trindade, Mário João, Carolino e Tal Francisco Mário, Alves e Barbosa, Hilton, Jorge e Acácio.

tanto, particularmente interessado na transferência, Jordão deve deslocar-se no princípio da próxima semana a Sevilha, para "in loco" indagar qual o ponto da sua situação.

NELSON

Nelson, que permanece nos Estados Unidos muito embora esteja em falta com o seu clube, anunciou que chegaria no próximo domingo a Lisboa.

SPORTING

O Sporting estará presente no Torneio Conde Ferreira, que se disputa na Corunha de 29 a 31 do corrente mês; para que tudo se confirme, só falta o empenho, acordar com as exigências propostas pela direcção dos "leões".

BENFICA

Ficou ontem à noite conhecido o parceiro do Benfica (ou do Queen Rangers) na final do Torneio de Bilbao, será o Atlético local, que ontem à noite bateu o Real Sociedad por 3-1.

Desporto DE LÍNGUA DE FORA



Não se trata de um exemplo da forma como a juventude deste país considera o futebol profissional, tão pouco vamos dizer que estes miúdos, tão empenhados em "manobrar" a bola, estão na disposição de "falar a língua" — mas, se, levemente ao futebol que vamos ter. Dizemos, isso sim, que estes dois "filhos de peixe" (são netos de Amaral, figura dos Blues-Brus, de Pico de Arcos, de que já vos falamos no tempo), interpretam a rigor a iniciativa da Direcção Geral dos Desportos do "Desporto à porta de casa". Pelo entusiasmo demonstrado, pela "força" e afã reflectidos, podemos garantir que a obra não vai faltar ao nosso futebol...

OS JOGOS OLÍMPICOS E A FILATELIA

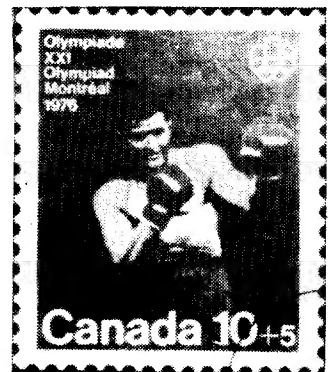
No passado dia 6 foi posta a circular, no Canadá, uma nova série de selos comemorativos dos próximos Jogos Olímpicos, desenhados por M. James Hill, são todos dedicados às modalidades de luta, ou

sejam o boxe, a esgrima e o judo.

É esta a terceira edição de selos dedicados a grande manifestação desportiva marcada para o próximo ano no Canadá; as medidas destes selos são de 30x36 cm e o valor de cada um bem como as fotografias que publicamos.

Impressos a três cores a tiragem de cada um é a seguinte: 8c mais 2c, 24 milhões; 10c mais 5c e 15c mais 5c, 14 milhões cada.

Tal como acontece com os restantes selos já postos a circular, estes exemplares podem ser adquiridos em qualquer estação dos correios canadianos ou solicitados directamente aos Serviços Filatélicos dos Correios Canadianos, Ottawa, Ontário, K1A, O B 5.



Sacavenense: dirigentes, precisam-se

O «Sport Grupo Sacavenense» tem cerca de três mil associados, um longo historial que adquiriu com os 65 anos da sua existência, e tem actualmente 700 atletas a praticar várias modalidades.

A situação financeira está completamente regularizada, graças ao sistema administrativo e inédito, utilizado na época passada. Os associados foram, são, e não de continuar a ser o querer desta grande Colectividade.

Não sabemos que se passa com esta situação. Não acreditamos que na actual fase da nossa Revolução, em que todos temos que nos empenhar

no futuro do nosso país, não existam 17 associados que queiram que o Sacavenense seja uma força do desporto em Sacavém, e esteja na vanguarda do novo desporto português. Mas, na verdade, a 5.ª Assembleia tem que ser o retrato do querer dos associados e do povo de Sacavém.

Porque, se aí não se encontrar a saída para a continuação do Sacavenense, parece irremediavelmente perdido o trabalho e o sacrifício de todos estes longos anos.

A 5.ª Assembleia do Sacavenense, aquela que irá trazar o futuro do clube, está marcada para o próximo dia 12, às 21,30 horas.

RÁGUEBI

A selecção romena de rúgbi, actualmente em digressão na Nova Zelândia, venceu

a equipa local de Poverty por 19-12. Ao intervalo o resultado era-lhe já favorável por 13-6.

JORDÃO

Não está ainda nada resolvido quanto ao futuro de Jordão, enquanto o Betis continua sem dar notícias, o Benfica vai pensando na hipótese de poder contar com o concurso do jogador na presente época. No en-

Lá fora

COSTA RICA

A Costa Rica não participará nos Jogos Pan-americanos de Futebol, que terão lugar no México, no próximo mês.

A medida foi tomada ontem à noite pela Federação costarriquense de Futebol, sob pressão dos clubes que afirmam estar passando por dificuldades económicas e pensam que os seus problemas se agravarão se o melhor dos seus quadros tiver de alinhar pela Selecção Nacional.

A notícia causou tumultos nos meios futebolísticos da capital, que vêem nos Jogos Pan-americanos a possibilidade de submeter o «team» nacional a uma confrontação capaz de medir a sua verdadeira capacidade e de pôr à prova as qualidades do grupo, com mira às Olimpíadas de 1976.

EQUADOR

A Selecção equatoriana de Futebol partiu para Bogotá, onde vai disputar um jogo para as eliminatórias do Campeonato Sul-Americano frente à Colômbia.

A delegação do Equador é composta por 18 jogadores e presidida por Cesario Carrera Del Rio. Por se encontrarem lesionados, não seguiram para Bogotá a defesa Miguel Perez e o médio Carlos Rhon.

MERCKX

O belga Eddy Merckx comandará a equipa belga presente no Campeonato Profissional de Estrada em Ciclismo, anunciou a Federação belga de Ciclismo.

A prova terá lugar em Yvoir, no Sul da Bélgica, no próximo dia 31.

A equipa belga é constituída por:

Eddy Merckx, Joseph Bruyere, Jos de Schoenmaecker, Edouard Janssens, Freddy Maertens, Michel Pollentier, Willy Teirlinck, Lucien Van Im-

pe, Roger de Vlaemick, André Dierckx e Frans Verbeeck.

VENEZUELA

A Selecção venezuelana de Futebol não enfrentará nem a Argentina, no dia 10 deste mês, nem o Brasil, no dia 13, jogos que contam para a «Copa América», por a Federação da Venezuela não pagar os salários aos jogadores.

A Federação de Futebol ofereceu a soma de 4000 bolívares a cada jogador pela sua participação no torneio mas, segundo consta, não dispõe de dinheiro para isso. Se assim for — delcarou um jogador — não iremos nem à Argentina, nem ao Brasil.

Na primeira mão, a Venezuela perdeu por 4-0 frente ao Brasil e por 5-1 com a Argentina.

BASQUETEBOL

O campeão peruano de basquetebol, Deportivo Field e o Colon da Argentina, mantiveram-se no quadrangular internacional em homenagem ao centenário da fundação do Clube Regatas Lima, ao vencerem o Regatas de Lima e o Atlético do Equador, respectivamente, por 84-61 e 82-67.

HERÉDIA

A partir de ontem o futebolista argentino Juan Carlos Herédia tem nacionalidade espanhola.

O «Boletim Oficial do Estado» publicou a concessão de cidadania a 492 pessoas, entre as quais Juan Carlos, que faz parte da equipa principal do Barcelona.

POLÓNIA

Resultados da segunda jornada do Campeonato polaco de Futebol — Primeira Divisão: Gornik Zabrze-GKS Tychy, 0-0; Legia de Varsóvia-Polónia Bytom, 2-0; Lks Lodz-Widzen Lodz, 1-2; Pogon Szczecin-Lech Poznan, 4-2; Szombierki By-

tom-Ruch Chorzow, 0-2; Slask Wroclaw-Stal Rzeszow, 0-1; Wisla Krakow-Rybnik, 2-0; Zagłębie Sosnowiec-Stal Mielec, 1-1.

Classificação: Ruch Chorzow, Pogon Szczecin e Legia Varsovia, 4; Wisla Krakow e Slask Rzeszow, 3; Stal Mielec, GKS Tychy e Widzew Lodz, 2; Zagłębie, 1 (menos um jogo); Lks, Szombierki e Gornik, 1; Slask Wroclaw, Polónia e Row Rybnik, 0 (todos com menos um jogo); Lech Poznan, 0.

TEREZA HERRERA

O Cruzeiro de Belo Horizonte participará na edição deste ano da «Taça Tereza Herrera», que este fim-de-semana se disputa em La Conina.

A equipa brasileira jogará no sábado com o Stoke City, de Inglaterra.

Participam também no torneio deste ano as equipas do Peñarol e do Atlético de Madrid.

MÉXICO

A Selecção mexicana de Futebol venceu por 1-0 a da República Democrática Alemã, no Estádio Universitário de Monterrey perante 25 000 espectadores.

A equipa alemã tinha derrotado a mexicana por 2-1 na passada sexta-feira e depois por 1-0 no passado domingo.

VELA

Resultados da quarta regata do Campeonato Mundial de Vela — classe de «Soling» ontem disputada no Lago Michigan: 1.º, Willi Kuhweide (R.F.A.); 2.º, G. Jensen (Dinamarca); 3.º, William Buchan (E.U.A.); 4.º, Geert Bakker (Holanda); 5.º, Erich Hirt (R.F.A.); 6.º, Hubert Raudaschl (Austria); 7.º, Robbie Haines (E.U.A.); 8.º, Stig Wennerstrom (Suécia); 9.º, Buddy Meiges (E.U.A.); 10.º, Jay G. Hardy (Austrália).

Classificação geral: 1.º, William Buchan (E.U.A.) 8,7 2.º, Ricardo Jensen (Dinamarca), 33; 3.º, Buddy Meiges (E.U.A.),

34,7; 4.º, Jone Kottus (E.U.A.), 36; 5.º, Willi Kuhweide (R.F.A.), 39; 6.º, Stig Wennerstrom (Suécia), 41; 7.º, Hubert Raudaschl (Austria), 41,7; 8.º, Heike Blok (Holanda), 44; 9.º, Geert Bakker (Holanda), 45; 10.º, Gastag Brun (Brasil), 46.

BRASIL

A Selecção brasileira derrotou a da Argentina, por 2-1, nas eliminatórias do Campeonato Sul-Americano de Futebol, e é o guia da classificação geral do grupo um.

Os golos foram marcados por Nélinho (aos 30 e 54 minutos, este de «penalty»), pelo Brasil, e por Marco (10 minutos), pela Argentina. As equipas alinharam: BRASIL: Raul; Nélinho, Piazza, Amaral e Getúlio; Vanderley e Danival; Roberto Batata, Marcelo (Palmira), Campos (Dirceu Lopes) e Romeu.

ARGENTINA: Gatti; Rebato, Pavoni, Daniel Killer e Pavoni; Asad, Gallego e Ardiles (Zanabria); Boveda (Valdano), Luque e Kmpes.

BASQUETEBOL

Os 13.ºs Campeonatos Balcânicos de Basquetebol para juniores iniciaram-se em Cacak (Jugoslávia) com o encontro Turquia-Bulgária, ganho pelos turcos por 84-74 (46-26).

Concorrem ainda a Grécia, a Roménia e a Jugoslávia.

PUGILISMO

O campeão europeu dos «leves ligeiros», José Ramon Gomez Fouz, da Espanha, venceu aos pontos o brasileiro Miguel Araújo, num combate de oito assaltos disputado em Valência.

«RECORD»

A alemã de Leste Marianne Adam bateu o «record» do Mundo do lançamento do peso com 21,60 m., numa prova de selecção para a final da Taça da Europa, disputada em Berlim.

Geral

A REVOLUÇÃO DE PÁNCHO VILLA

Continuação da pag. 3

truído. Mas sei muito bem que este combate é a última possibilidade de todos nós. Porque as coisas chegaram a um ponto em que não podem piorar mais, compreendem? E mesmo que tivéssemos de nos matar uns aos outros, entre irmãos, tinha que sair daí qualquer coisa melhor do que isto, não é verdade? Claro que nós Estados Unidos vocês não sabem o que nós, mexicanos, tivemos de suportar. Vimos os nossos, os pobres, o povo mais simples, roubados durante trinta e cinco anos. Vimos os «rurales» de Porfirio Diaz matarem os nossos pais e os nossos irmãos, vimos a justiça ignorada. Vimos as nossas magras terras confiscadas e nós próprios, todos nós, vendidos como escravos, compreendem?»

Um nome. Uma voz. Uma memória. Um canto. A história da revolução escreve-se dia-a-dia nos «corridos», essas baladas que relatam factos quotidianos: o jornal cantado do México. Um país que pagou com o silêncio e o esquecimento mais brutais, a escravatura, o genocídio, a deportação em massa e as torturas do regime

de Diaz, encontrou na liberdade revolucionária a palavra e a lembrança. Pancho Villa, que acabava de aprender a ler e a escrever, cria num ano mais de cinquenta escolas em Chihuahua. Onde vê um grupo de crianças iletradas como ele o fora, manda construir uma escola. A sua passagem reparte a terra entre os camponeses, a título de propriedade individual. Nisto diferencia-se grandemente de Emiliano Zapata. O guerrilheiro do Sul é herdeiro de uma tradição comunitária; Villa, o do Norte, reparte o deserto pelos indivíduos. Mas apesar desta diferença, tanto um como o outro representam os movimentos locais, o aqui e o agora, a festa revolucionária, uma espécie de sacralização do momento.

Uma vez vencida a ditadura, as facções de Villa e Zapata opor-se-ão ao movimento constitucionalista de Carranza e Obregon. Na realidade trata-se de uma luta do projecto revolucionário local e imediato (o «segundo Poder» de Duverger) contra o projecto revolucionário nacional mediato. «Essa revolução já degenerou em Governo» dirão a um tempo zapatas e villistas. Claro que se-

ria o segundo projecto a vencer. A criação de um Estado nacional forte e integrado era a condição indispensável para sobreviver às pressões imperialistas e às reacções do antigo regime. Aparentemente, a necessidade opôs-se à liberdade. Na realidade, o projecto nacional recolheu as grandes exigências populares de Villa e de Zapata e articulou-os nos programas governamentais de recuperação dos recursos de base, de reforma agrária, de educação popular, de criação de infra-estruturas e de política exterior independente.

Villa e Zapata foram os guardas da vontade popular mexicana. Graças a eles, à sua luta e ao seu sacrifício, nós, os mexicanos, sabemos medir e afastar os maus governantes e também amparar os bons. Talvez o triunfo político de Villa e Zapata seja impossível? Herói do momento, foram devorados por um tempo histórico mais amplo e contraditório. Eles próprios sabiam-no. Um e outro renunciaram à investitura presidencial quando ela estava à mão. Reed cita as simples razões de Villa a este respeito: «Sou um guerreiro, não sou um homem de Estado. Não sou suficiente-

mente instruído para ser presidente.» O seu sonho era outro: «Sim, creio que seria magnífico ajudar o México a ser um país feliz.» Quando o tempo histórico do México exige mudar de ritmo, sacudir as letargias, renovar as vontades, ultrapassar os desequilíbrios, Villa e Zapata ressuscitam com as suas exigências de imediato. Tornam-se de novo um presente que abarca a totalidade da nossa memória.

O êxito mais certo de John Reed no seu admirável livro, é restituir, em cada página, esse imediato concreto da revolução. No México insurrecto vemos e compreendemos, (e compreendemos como diz Sartre, é transformarmo-nos) a natureza profunda de uma revolução que rompe os compartimentos estanques de um país dividido pela orografia, a solidão, o esquecimento, a injustiça, a distância e que se encontra nos caminhos imensos que vão dos desertos do Norte às florestas do Sul, das costas ardentes aos vulcões gelados, dos vales tropicais aos planaltos de pedra.

Milhares de soldados descem dos comboios, milhares de soldados cavalgam para as batalhas. John Reed corre, cai, levanta-se, esconde-se, dá de beber a um soldado moribundo, recebe a sua comida das mãos de um camponês, sabe

que o seu melhor amigo morreu, sabe que está envolto no fumo da batalha, sabe que a batalha é uma festa, mas ele não saberia descrevê-la, explicar a estratégia seguida, explicar-nos o movimento das tropas. Tal como Fabrice em Waterloo, como o anti-herói de «The Red Badge of Courage», de Stephen Crane, ele não sabe onde está, a história vivida não é a história contada após os acontecimentos, a guerra não respeita a lógica individual dos que nela tomam parte. Imerso no imediato, Reed adquire uma consciência dolorosa que o obriga a saber quem e com quem está, visto não saber onde está.

A distância stendhaliana de certas passagens do México insurrecto é somente um caminho mais próximo para a proximidade fraternal de John Reed. «Todos os meus amigos mais queridos do México estavam ali, os meus «compañeros», os meus camaradas de La Caden... cortezes, afectuosos, pacientes, pobres, com um longo passado de escravos, tão cheios do sonho que em breve estariam libertos.» A unidade profunda desta reportagem aparentemente desconhecida, encontra-se na sua elipse literária, política e moral, sábia e espontânea.

© («Le Monde»)

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava limpo, com excepção da faixa costeira para o Norte do Cabo Carvoeiro, onde se concentravam neblinas em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	20°
COIMBRA	19°
LISBOA	21°
FARO	28°
SAGRES	19°
P. DELGADA	22°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima 36,5°

Figueira de C. Rodrigo
Mínima 9,1°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 16°
Atmosfera 18,2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
4.31 4,0 m	10.05 0,5 m
16.49 4,3 m	22.34 0,4 m

Dia 9

5.14 4,1 m	10.47 0,5 m
17.32 4,3 m	23.16 0,4 m

Dia 10

5.57 4,0 m	11.30 0,5 m
18.16 4,2 m	

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, tornando-se mais nublado durante a madrugada na faixa costeira para Norte do Cabo Carvoeiro. Vento fraco soprando em regime de nortada durante a tarde neblinas matinais em alguns locais

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.44
OCASO ÀS 20.40

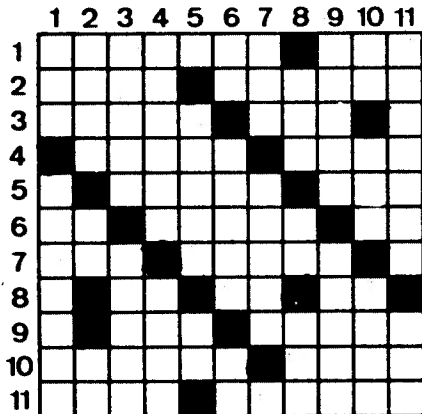


palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11154

HORIZONTAIS:

- 1 Examina. Catedrais.
- 2 Serra de Portugal. Fazer ou tornar raro.
- 3 Rangui. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- 4 Arremesa. Rio de Portugal.
- 5 Detesta. Zombas.
- 6 Antes de Cristo. Estimara. Artigo indefinido.
- 7 Alinho. Estêrtil.
- 8 Artigo indefinido. Actínio (s.q.). Artigo definido.
- 9 Pronome possessivo. Encolheriza.
- 10 Sacais. Pequeno peixe do Brasil.
- 11 Cupido. Estimasse.



VERTICAIS:

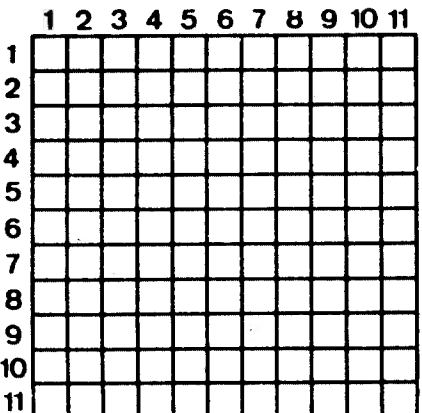
- 1 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Sólido.
- 2 Pedaco de madeira para queimar. Cento e um em romano. Distar.
- 3 Bosque denso. Igual.
- 4 Altraçoada. Medianas.
- 5 Rio do estado do Espírito Santo. Interjeição de dor.
- 6 Gálio (s. q.) Gemera. Apetido.
- 7 Armaria. Moeda de cobre que corria em Damão.
- 8 Freguesia do concelho de Penafiel. Preposição latina que designa movimento. Levanta.
- 9 Remediar. Gorgulhos tropicais.
- 10 Erbio (s. q.). Tempo do verbo ser. Vais para fora.
- 11 Paspalhona. Ecoe.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passelepo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7313

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade de França. Sóbrio
- 2 Espécie de forragem. Tempo do verbo ir.
- 3 Vagueiam. Vendeis a crédito.
- 4 Tanto. Extremidade do braço.
- 5 Preposição latina que designa movimento. Reis.
- 6 Freguesia do concelho de Mondim de Basto. Pequeno peixe brasileiro.
- 7 Fileira. Oceano.
- 8 Expressar por palavras. Gorgulhos tropicais.
- 9 Renque. Prefixo que designa ar. Arara.
- 10 Alvura. Bordo (nome de árvore)
- 11 Amargo. Cai à cama.



VERTICAIS:

- 1 Mulher de raça negra. Vaidosa.
- 2 Desvairada. Acólá
- 3 Invulgar. Devastava
- 4 Ilha do estado da Baía. Carimba. Erbio (s. q.)
- 5 Caruma. Palmeira da Amazônia.
- 6 Pronome pessoal.
- 7 Bifa. Estimar.
- 8 Apelido. Jarro (planta). Antes de Cristo
- 9 Escarneçam. Rainha de Castela e Leão. filha de Afonso VI.
- 10 Branqueara com cal. Rezem
- 11 Restos mortais. Guarneceira de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11153

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Somar. Acaba.	1 Sama. Cambar.
2 Abala. Filas.	2 Oba. Rau. Olá.
3 Manos. Aderi.	3 MANTÉM. Anil
4 Tia. Saa.	4 Torna loirol. Isca.
5 Rer. Dia.	5 Rasa. Sór. Es.
6 Camas. Resma.	6 A.
7 Au. Olé. Al.	7 Apas. Res. Ba.
8 Air. Sás.	8 CIDADE. Amar.
9 BONS. E. MAUS.	9 Aleais. Sara.
10 Alice. Barra.	10 Bar. Ama. Uri.
11 Ralos. Arais.	11 Asir. Alisas.

Proverbo: BONS. E. MAUS. MANTÉM A CIDADE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7312

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 essequieiro.	1 átria. Gala.
2 Arear. Mirar.	2 Erraras. Lás.
3 Tripa. Arabá.	3 Sers. Repara.
4 Raso. Asar.	4 Sapo. Aaro.
5 Ir. Cia.	5 Era. Core. Aa.
6 Aarão. Capim	6 Si. Rn.
7 Seata. Ris.	7 Uma Ac. Op.
8 Pré. Aro.	8 Eira. Arrá.
9 Alao. Arre!	9 Irás. Piores. Raba. Si. Rás.
10 Lar. Ano. Aal.	10 Oraram. Fele
11 Asada. Passe.	

BARS BOITES

NINA Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. 26461/264526/264586/264946
HIPOPOtAMO Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384

PROGRAMAS RADIO MFA



EMISSIONA NACIONAL

De 2.ª a 6.ª feira:

12.30 às 13.00
18.15 às 19.00
23.00 às 23.15
06.15 às 07.00
Aos Domingos:

RADIO CLUBE PORTUGUES

3.ª e 5.ª feiras:
21.00 às 21.25

10.00 às 12.00

EMISSIONA 1.º Programa

17.00 Noticiário — rádio estudantil
18.15 Movimento das Forças Armadas
19.00 Informação de Irãto — MÚSICA VARIADA
20.00 Jornal da noite
21.00 Orquestras
21.45 Observ. c. d. cinema, por Damas Nunes
22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
22.30 Rítmos africanos
23.00 Movimento das Forças Armadas
23.15 Música variada
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MFF-1 — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa

16.00 Uma obra... duas interpretações
16.55 Suite «Quadros de Uma Exposição», de Moussorgsky
17.30 Compositor da semana: Beethoven
19.00 Música portuguesa
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF-2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
22.28 Música de câmara
22.50 Sonata n.º 7, em dó menor, op. 30, n.º 2, para violino e piano, de Beethoven
23.15 Música de Bartok

23.35 Prelúdios para piano, de Luis de Freitas Branco
00.05 Seleção da oratória «A Infância de Cristo», de Berlioz
00.35 Sinfonia n.º 4 «Sinfonia Romântica», de Carlos Chavez
01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Solos de piano
21.00 Música de câmara
22.00 Música vocal
22.30 Concerto sinfónico
00.30 Duas obras de Bach
01.00 Fecho

RADIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
21.17 Música para meditar
21.31 Quando o telefone toca
22.03 Momento político (M.D.P./C.D.E.)
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Rubrica policial do inspector Varatojo
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1

20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à gô-gô
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
07.03 Hora sete

RADIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 — emissão continua

EMISSIONES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das 06.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00

Rádio Peninsular

Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 12.00 às 14.30

Rádio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO D-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Telef. 630944).

ALTO DO PINA
Ibérica, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda), (Telef. 728277).

AMOREIRAS
Britânica, Travessa Legua da Póvoa, 5-B (Telef. 689250).

AREIRO
Imperial, Avenida Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860).

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20-22 (Telef. 44995).

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A, (Telef. 844361).

BAIXA
Oliveira, Rua da Prata, 240, (Telef. 321415).

BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, (Telef. 703393).

LAPA
Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 72, (Telef. 661010).

LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B, (Telef. 790332).

OLIVAIS-SUL
Nova dos Olivais, Rua Manchica, Lote 469, (Telef. 316402).

TURNO D-2
TODA A NOITE

ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 74, (Telef. 866360).

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 7-A, (à Praça Paiva Couceiro), (Telef. 843571).

ALVALADE
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A/B, (Telef. 725140); Cartago, Avenida da Igreja, 21-C, (Telef. 717958).

ANJOS
Castro, Avenida Almirante Reis, 76-A, (Telef. 821973).

AREIRO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B/C, (à Avenida Sacadura Cabral), (Telef. 770776).

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187, (Telef. 326476).

AVENIDAS NOVAS
Universal, Rua Actor Tabor, 5-7, (Telef. 44158).

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38-40, (Telef. 638132).

BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 130-A/B, (Telef. 780511).

S.BENTO
R. Poais de S. Bento, 78 (T. 679873).

CAMPOLIDE

Rualto, Ld., Alto do Carvalhão, 5/A/B, (Junto ao Aqueduto das Águas Livres), (Telef. 651721).

CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua 4 de Inatária, 28-A, (Telef. 688857).

MARVILA
Grilo, Rua do Grilo, 25 (Telef. 385264).

MOURARIA
Bastos Andrade, Calçada de Santo André, 107-111, (Telef. 860450).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G. Guerra, 29 (T. 212081).

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribiero, 1-A (T. 242839). Toda a noite

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 19 (T. 2430691). Até às 22 horas

CARCAVELOS
Central, Até às 24 horas

PARDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Toda a noite

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (T. 263052). Toda a noite

MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av. S. Boia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas

CASCAIS
Cordeiro, Av. C.G. Guerra, 40 (T. 280170). Até às 22 horas; A Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (T. 950045); Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906); Serra e Pinto, Av. Antonio C. Sá, 50-E (T. 957619)

CACÉM
Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781)

MEM MARTINS
Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Misericórdia, Vila (T. 2930391)

COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 10 (T. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250)

ALMADA
Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9, 2.º piso-E (T. 2768030)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 270121)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025)

MONTUJO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028)

SETÚBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (T. 22783); Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

TURNO 1ª

Até às 22 horas

Gondarém, Rua de Gondarém, 360 - FOZ; Correia de Araújo, Rua de Santa Catarina, 259; Nova Avenida, Avenida Fernão de Magalhães, 692; Pinheiro Manso, Rua São João de Brito, 25-29; Santa Teresa, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 1000; Silva Pereira, Rua de Costa Cabral, 293; Alves, Praça do Exército Libertador, 62; Barros, Rua do Loureiro, 104; Boa Hora, Rua da Boa Hora, 80; Cameira, Rua do Heroísmo, 90; Terreiro, Rua da Reboleira, 21.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Terreiro, Rua da Reboleira, 21; Pinheiro Manso, Rua São João de Brito, 25-29; Santa Teresa, Praça Guilherme Gomes Fernandes.

COIMBRA

Solum, R. Carolina Michaelis, 20 (T. 33120); Nazaré, R. Ferreira Borges, 135 (T. 22605); Santa Isabel, Av. Sá da Bandeira, 28 (T. 24916)

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS APOLO 70
A MAIS BELA NOITE DA MINHA VIDA
ALVALADE
O ÍNDIO VALENTE
EDEN
A BATALHA DE NERETVA
LONDRES-CONDES
O TRIO INFERNAL

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
o filme de Norman Jewison
JESUS CRISTO SUPERSTAR
O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70

T. 763319 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A MAIS BELA NOITE DA MINHA VIDA
Hoje 18.30
Semana cinema cubano
Lúcia
Hoje 24.00 H
Grupo D 18 anos
POR FAVOR NÃO COMAM OS MALMEQUERES

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
3.ª Semana
A FREIRA DE MONZA
Dos autos de um célebre julgamento religioso, uma história apaixonante

PATHE

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCACAO SEXUAL

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a men. de 13 anos
a comédia do ano
FRANKENSTEIN JÚNIOR
As 24.00 - M/18 anos
AUTÓPSIA DE UM CRIME

D. JOÃO V DAMAIA
T. 971794 21.00
Grupo M/18 anos
EXPERIÊNCIA PRÉ-MATRIMONIAL



Em LAGOA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL



cinemas

RESTELO

T. 610375 21.00
Interdito a menores de 18 anos
TAMANHO NATURAL
com Michel Piccoli

EDEN

T. 320768 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A BATALHA DE NERETVA
A grande vitória das forças progressistas
com Yul Brynnes/ Orson Welles
Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00
Últimas exhibições do filme «VOLUNTARIOS A FORÇA»

TIVOLI

T. 50595 15.15, 18.30, 21.15
Para todos
HERBIE UM CAROCHA DOS DIABOS
5.ª Semana
As histórias mirabolantes da primeira estrela de 4 cilindros

ALVALADE

T. 717480 21.15
Para todos
O ÍNDIO VALENTE
Um filme de Walt Disney
Uma paródia a valor
Hoje às 15.00 e 18.30 - Últimas exhibições do filme:
«A MANIA DAS GRANDEZAS»

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
AMIGOS
ROYAL
T. 665037 15.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ARREFECIDO A 99%
O máximo em acção e violência

POLITEAMA

T. 326305 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FARFILLON
ROMA
T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes)

CINEMA 2000

T. 2100055 21.15
Interdito a men. de 18 anos
A PROFESSORA
VOX
T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O CONSELHEIRO

CARLOS MANUEL SINTRA
T. 2930394 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O CINTO DA CASTIDADE

SATÉLITE

T. 562632 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
SOU CURIOSA
MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
O BOM MAFIOSO
Um filme, tão bom... que nem um rato assustava

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ONDE FICA A GUERRA?
7.ª Semana
A obra prima de JERRY LEWIS

CONDES

T. 322523 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O TRIO INFERNAL
Com Michel Piccoli/Romy Schneider
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos
3.ª MÊS DA COMEDIA BREJEIRAL
11.ª SEMANA SENSACIONAL
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA A SOLTA...

LONDRES

T. 801313 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O TRIO INFERNAL
Com Michel Piccoli/ Romy Schneider
AVISO AO PÚBLICO
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O 1.º filme do Ciclo Pasolini
DECAMERON
2.ª Semana
AVIS
T. 47163 15.30, 21.15
ara todos M-6 anos
UM POR TODOS... TODOS POR UM
com Les Charlots

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
CINEARTE
T. 660446 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
OBSESSÕES

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CAMINHOS DO PRAZER
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
ESTÚDIO 444
T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15
ara todos M-6 anos
UM POR TODOS... TODOS POR UM
com Les Charlots
IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ESTA TARDE ÀS 5 HORAS
com Lea Massari

MONUMENTAL

T. 555131 15.00, 18.15, 21.30
Grupo A - 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/Julie Andrews

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Legenda do Cidadão Miguelino»

MONUMENTA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Lisboa Acordou»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«A Trás Mija a Burra»

CAPITÓLIO
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«As Escandalosas»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
(18 anos)
«O Justiciero Amarelo»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Tamanho Natural»

MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«Que Noite de Nupcias»

PROMOTORA
21.15 (14 anos)
«Punhos de Aço»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Nós as Mulheres Somos Assim»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.15 (18 anos)
«Oh! Calcutá»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Amigos»

ESTORIL

Palácio
21.30 (18 anos)
«Harry - o Detetive em Acção»

CASCAIS
S. José
21.30 (13 anos)
«A Casa dos Diamantes»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Espreita de Sarilho»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Wang Yu, Rei do Karaté»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Almas a Nu»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Inocência e Turbamento»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Onde fica a guerra»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Viva la Muerte»

TRINTADE
21.30 (18 anos)
«O Gafanhoto»

OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«Amor Livre»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«A Iniciação»



RENAISSANCE GRAFICA, S.A. R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º e 4.º
TELEF. 654/312/34
REDAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321/545, 1202/12/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEF. 12363
LISBOA PORTUGAL



Continuação da pág. 1

governativa actuante e o nó górdio da diplomacia dos futuros bastidores.

Se para os Negócios Estrangeiros foi encontrada uma solução hábil e promissora, dada a experiência e o êxito do dr. Mário Ruivo nas negociações internacionais, já noutros postos ministeriais as definições e as perspectivas se afiguram menos claras e por vezes surpreendentes. A saída de João Cravinho, por exemplo, perturba; e, da mesma forma, não se antevê que a substituição de João Martins Pereira pressagie algo de vantajoso. Contudo nos novos nomes que encabeçam o Comércio Interno e Externo, há que contudo abrir um crédito de esperança e uma caução compreensiva para os problemas que os aguardam num futuro próximo difícil.

Escolhendo um juiz para titular da pasta da Justiça corre-se o risco, acaso voluntário, de se tecnocratizar a política desse Ministério. Certo. Mas tecnocratizar ou burocratizar? A «nuance» importa, a várias razões — é dela que depende muito da «ordenação» de competências e da capacidade executiva daquela pasta.

Noutros casos, as negociações para a constituição do Gabinete recorreram a individualidades da Função Pública. Macaísta Malheiro, Quitério de Brito e Oliveira e Sá: a intenção parece aqui, uma vez mais, de criar sistematização orgânica em sectores cuja acção se revelou descompassada e por vezes anárquica. Meios, saneamento e articulações várias definirão o acerto da decisão.

Do ponto de vista partidário, o M. D. P./C. D. E. será o único sector da coligação a manter as posições no Governo sem diminuição de grau de representatividade — e isso, apesar de se aludir a um «distanciamento» de Pereira de Moura. O mesmo se diria do Partido Comunista, se a presença do secretário-geral Álvaro Cunhal não tivesse um significado carismático que torna relevante o seu afastamento do Governo. Todavia, a designação do socialista independente prof. Teixeira Ribeiro vem contribuir para restabelecer o equilíbrio, como homem que é aberto ao diálogo com marxistas e, entre esses, com especialistas da craveira de Vital Moreira ou Avelãs Nunes, seus ex-alunos em Coimbra.

É pois, numa clima de incerteza que o novo Governo assume responsabilidades. Pedese-lhe acção, autoridade, engenho diplomático. Mas o problema político-militar prevalece e não se resolve por uma recomposição em si mesma, ainda que meditada, trabalhada e, à última hora, «contestada». Confiamos na sagesa política das partes divergentes nos centros de decisão da vida nacional para que se erie um imediato ponto de arrefecimento neste capítulo inicial da nova fase do País. Só assim, o Governo pode pôr em prática as suas capacidades. E unir, estabelecer convergência e futuro. Só assim, ele pode assumir a responsabilidade de uma estratégia económica e política que avance um Portugal democrático e pluralista.

A C.I.A. EM PORTUGAL

Continuação da pág. 1

A LISTA

A lista fornecida por Philip Agee, e recolhida no diário *Workers Press*, de filiação trotskista, adianta os seguintes nomes

John S. Morgan, chefe da delegação, Avenida da Suíça, 3, Estoril;

James N. Lawler, chefe-adjunto, Avenida do Brasil, 28, Cascais;

Richard L. Altmore III, Praça das Águas Livres, 8, apartamento no 8.º piso 8. D., Lisboa;

Philip W. Snell, Rua da Beira, 6, Carcavelos;

Anthony Arredondo, morada desconhecida;

Leslie F. Hughes, Praceta da Rua A, Lote 3N, Quinta da Lagoa, Carcavelos;

Frank Lowell, Praça das Águas Livres, 8 8. C), Lisboa;

Gerald D. Zappoli, morada desconhecida; e Donna J. Caldwell, Praça das Águas Livres, 8 6. D), Lisboa.

Agee acrescenta os nomes de sete funcionários do Departamento de Estado que estão também provavelmente envolvidos em programas contra-revolucionários em Portugal. E-los

Frank Carlucci, embaixador, Rua do Sacramento à Lapa, 18, Lisboa;

Herbert S. Kun, Avenida da Torre de Belém, 11 ao Restelo, Lisboa;

Charles H. Thomas, conselheiro político da Embaixada, Rua Dr. Archer de Lima, Lote 19, Cruz Quebrada;

Hilton Lee Graham, Praça das Águas Livres, 8, Lisboa;

Dale M. Povenmire, adido para assuntos de Trabalho, Rua de Lourenço Marques, 1, Carcavelos;

Mark R. Parris, Praça das Águas Livres, 8, Lisboa;

James J. Ehrman, Rua de S. Rafael, 8, Alto da Lagos, Cas. xias.

Agee promete também a revelação de mais 10 nomes do M. A. A. G., 6 de adjuntos do adido militar e 12 do Comberlant com possíveis implicações em actividades da C. I. A. em Portugal.

CARLUCCI

Agee é formal num ponto: em Portugal a C.I.A. e outras agências de tipo contra-revolucionário trabalham sob as vistas do embaixador Frank Carlucci.

Os nomes mais importantes do «staff» de Carlucci são, escreve Agee, Herbert Okun, ministro conselheiro e chefe-adjunto da delegação da C.I.A. em Portugal; John Morgan, chefe da delegação; almirante E.G.

coronel Peter Blackley, chefe de gabinete do adido militar; Charles Thomas, conselheiro para Assuntos Políticos e Navais; e capitão James Lacey, decano da representação militar dos E.U.A. no Comberlant.

O ex-agente, famoso desde a publicação de um livro acerca dos bastidores da C.I.A., é de opinião que a agência tem procedido a infiltrações no M.F.A. para apoiar os «moderados», fazendo o mesmo no Partido Socialista. Aqui estaria mesmo

«bem entrincheirado».

Agee vai mais longe: a C.I.A. entrou com dinheiro para as eleições num gesto de apoio ao Partido Socialista. A infiltração, essa, dataria do tempo em que o P.S. ainda se encontrava no exílio.

INVESTIMENTO

James Lawler, actual chefe-adjunto da agência em Portugal, não é uma novidade para Agee o ex-agente reconhece-o como o homem que gastou milhões de dólares durante as eleições de 1962 no Brasil e de 1964 no Chile. Em ambas as ocasiões apoiou moderados.

Textual: «O procedimento normal da C. I. A. é o de manter relações amistosas com e muitas vezes apoiar financeiramente dirigentes dos partidos políticos moderados da oposição forçados a viver no exílio».

O objectivo seria o de assegurar lucros compensadores quando esses políticos regressam ao país natal. Agentes acompanhariam a actividade dos seus partidos.

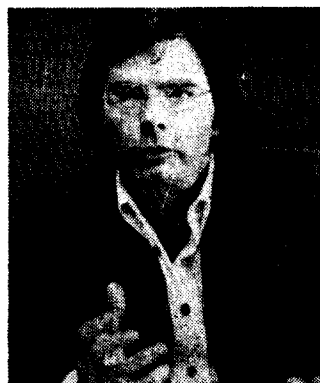
Quanto à infiltração da C. I. A. no M. A. A., Agee acredita que ela é forte na medida em que escolas militares norte-americanas treinaram desde 1950 mais de três mil militares portugueses. Além disso a agência possui fichas sobre cada um desses militares, incluindo pormenores relativos às inclinações políticas, gostos

personais, pontos vulneráveis, etc.

IGREJA

As recentes actividades da Igreja católica, especialmente no Norte do País, não colheram Agee de surpresa. Escreve o ex-agente segundo uma fonte fidedigna localizada em Washington, vultosas verbas foram enviadas dos E. U. A. como apoio.

A C. I. A. é também activa fora de Portugal — com um olho em Portugal. Enumera



Philip Agee

Agee os casos dos pedidos de créditos e dos acordos comerciais demorados ou cancelados para fazer descer o nível de vida do operariado português e semear o pânico entre a classe média. Para Agee é a própria Revolução Portuguesa a melhor defesa popular contra tais práticas, mas acrescenta

São necessárias medidas específicas para combater a C. I. A.

Portugal — diz Agee — deve controlar cuidadosamente todas as entradas e saídas de cidadãos norte-americanos (incluindo os diplomatas). Mais comerciantes e industriais norte-americanos não-de estar igualmente sob controlo, e não só eles, mas também estudantes, professores turistas, e reformados.

O ex-agente está convencido de que a C. I. A. prepara uma aventura maciça e secreta desde a altura em que o seu n. 2, general Vernon Walters, esteve no nosso país em Agosto de 1974.

Segundo as contas de Agee, 10 dos 50 funcionários civis da Embaixada norte-americana em Lisboa são pessoal da C. I. A., e há outros a trabalhar fora de Lisboa. Outros ainda estão infiltrados como se escreve atrás, em unidades militares do E. U. A. baseadas em Portugal. Recordar-se (recordar-se (recordar-se por nós Agee) que 105 dos 160 funcionários da Embaixada dos E. U. A. em Lisboa são militares.

SINDICATOS

Um ponto sensível é a vida sindical. Agee garante que a C. I. A. tentou infiltrar-se nos sindicatos portugueses na sequência da visita feita no ano passado por dois homens da A. L. C. I. A., com ligações à agência — Michel Boggs e Irving Brown.

Agee também não tem dúvidas de que o movimento separatista nos Açores se encontra infiltrado por gente da C. I. A.

NOVO GOVERNO

Continuação da pág. 1

da Comunicação Social.

Um Ministério da Coordenação Interterritorial) desaparece, dando lugar a uma Secretaria de Estado (da Descolonização), preenchida pelo dr. Jorge Ferro Ribeiro.

A composição do gabinete é basicamente aquela que indicámos ontem em primeira mão e foi depois glosada por outros órgãos de Informação.

«UM GOVERNO DE PASSAGEM»

Após a leitura da fórmula dos compromissos de honra, o Presidente da República proferiu um breve discurso de reflexão política:

«Portugueses: cumpre-me apresentar-vos em termos legais a solução encontrada para ultrapassar esta longa crise política, cuos custos materiais e sobretudo humanos necessita-

mos de reconhecer e lamentar.

«No momento actual estamos mais pobres, maos radicalizados e menos tolerantes; demos passos que nos afastaram da liberdade e da construção do socialismo que o Povo deseja e merece.

«A solução que hoje vos apresento é uma medida transitória, um Governo de passagem que espero seja a pausa política para, em clima de ordem, disciplina e trabalho, se poder construir algo de mais definitivo.

E o Presidente da república prosseguiu:

«Um homem, um partido, um M. F. A., um Directório são autenticamente revolucionários quando, respeitando a vontade e o ritmo do povo que servem, contribuem consciente e firmemente para a evolução positiva no sentido do socialismo.»

TRÊS ESPERANÇAS

«Termino, em nome do M. F. A. e do Directório, com três esperanças: a primeira dedico-a ao Povo a que pertencem, para que sejam evitadas situações de confrontações, violência, nervosismo e tensões emocionais. Ninguém é dono da Revolução, ninguém é detentor da verdade absoluta; sejamos firmes mas suaves, combativos mas tolerantes nas lutas políticas que traçarão o rumo da Revolução Socialista Portuguesa.

«A segunda deposito-a nas Forças Armadas, cuja coesão e patriotismo e apartidarismo são essenciais ao processo em curso.

«Sem prioridades, citarei em último a esperança nos partidos políticos. Contamos com eles, aliados ou da oposição, desde que significativos, para a colaboração e responsabilidade no desenvolvimento do processo em curso, no qual o Povo terá de ser o princípio imanente e o fim último.»

TRADUTOR, COM FUNÇÕES SIMULTÂNEAS DE SECRETARIADO

Precisa-se, com muito bom nível técnico em pelo menos duas línguas, com formação superior, culto e com gosto pelo jornalismo, para emprego em «full-time». Resposta a este jornal ao n.º 1582.